



ECONOMIA

Inovação e assistência técnica fortalecem a pecuária no estado

Com o apoio do poder público, produtores resgatam a atividade e garantem geração de renda. **Páginas 17 e 18**

Foto: Divulgação/Projeto Viva o Peixe-Boi-Marinho



Filhote de peixe-boi traz esperança para a espécie

Técnicos que atuam na preservação do animal celebram a primeira gestação de sucesso de uma fêmea reintroduzida na natureza. **Página 20**



Foto: Arquivo pessoal

Novo secretário fará reforma na estrutura da Educação

Em entrevista ao Jornal A União, professor Antônio Roberto fala das metas para a pasta.

Página 4

■ “O censo era demográfico e não pude anotar o que vi de bicho de pena, cabra de leite, porco baé, e da cultura de subsistência que rodeava a casa sempre ao lado da mangueira ou jaqueira de porte”.

Gonzaga Rodrigues

Página 2

■ “Hoje, a Inteligência Artificial e o aprofundamento da indústria 4.0 são motivos de preocupação dos trabalhadores em todo o mundo. A expectativa é que muitas profissões acabem”.

Estevam Dedalus

Página 10

Fapesq: nova gestão reafirma compromissos

Recém-empossado presidente da Fundação, Rangel Júnior garante respeito às boas práticas.

Página 19

Metropolitano registrou número recorde de cirurgias em 2022

Unidade de saúde do Estado realizou 1.536 procedimentos de alta complexidade no ano passado.

Página 3

Há mais de 100 anos, a Igreja buscava perdão para cangaceiro

Confira a história do então vigário da cidade de Esperança que, em 1909, tentou um indulto para os crimes praticados por Antônio Silvino.

Página 25

Novo disco de Socorro Lira mostra o prestígio da paraibana na MPB

Disponível nas plataformas digitais, ‘Dharma’ reúne parceiros como Chico César, Ná Ozzetti, Zélia Duncan e Cátia de França, e tem capa assinada pelo celebrado ilustrador Elifas Andreato.

Página 9



Ilustração: Tônio

Artesanato paraibano simboliza a cultura do povo

Artesãos comentam o sentimento de pertencimento que imprimem em seus trabalhos.

Página 5

eSports: na PB, games são prática esportiva desde 2019

Jogadores de videogames formam times e tentam faturar prêmios milionários em competições.

Página 21

Foto: Iza Guedes/Divulgação



Editorial

Terapias holísticas

A disseminação da automedicação, o fluxo intenso de pessoas nas drogarias e a demanda crescente por atendimento médico, nas casas de saúde públicas e particulares, demonstram claramente que a sociedade brasileira, de uma maneira geral, está doente. Males físicos e mentais, diversos na origem e nos sintomas, estão na ordem do dia. É possível afirmar, com uma margem de erro bastante curta, que saúde, política e religião são os assuntos mais comuns no cotidiano da maioria das pessoas.

Conhecendo-se a real dimensão deste problema, os limites da alopatia e os interesses econômicos de parte da indústria farmacêutica, boa política faria o presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) caso promovesse uma campanha nacional de valorização das chamadas Práticas Integrativas e Complementares em Saúde (PICS). De que modo? Investindo maciçamente, por exemplo, na educação da população, na formação de profissionais e na construção de centros holísticos de medicina.

Vale a pena destacar que, de acordo com o Ministério da Saúde, as PICS “são recursos terapêuticos que buscam a prevenção de doenças e a recuperação da saúde, com ênfase na escuta acolhedora, no desenvolvimento do vínculo terapêutico e na integração do ser humano com o meio ambiente e a sociedade”. Ressalte-se que essas práticas holísticas foram institucionalizadas por meio da Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC) no Sistema Único de Saúde (SUS).

As atividades e terapias são aplicadas levando-se em conta os aspectos físico, psíquico, emocional e social do indivíduo. Entre as práticas mais conhecidas, para a restauração do equilíbrio natural entre corpo, mente e espírito, estão a acupuntura, a arteterapia, a biodança, a meditação, a musicoterapia, o Reiki, a Yoga, o Tai Chi Chuan, a constelação familiar, a cromoterapia e a hipnoterapia. Busca-se uma ampla visão do processo saúde/doença, para melhor e mais rápido se chegar à cura.

No Bairro dos Bancários, em João Pessoa, existe o Centro de Práticas Integrativas e Complementares em Saúde “Equilíbrio do Ser”, que presta serviço à população há mais de dez anos. O ponto faz parte da Rede de Atenção Especializada da Secretaria Municipal de Saúde de João Pessoa. Na era da depressão e da ansiedade, e com o aumento das taxas de suicídio nas Américas (dados da Organização Mundial de Saúde), que falta faz pelo menos um “Equilíbrio do Ser” em cada cidade do país.

Artigo

A triste memória do holocausto

A cada 27 de janeiro é celebrado o “Dia Internacional em Memória das Vítimas do Holocausto”. A data faz referência à liberação, pelas tropas soviéticas, do Campo de Concentração e Extermínio Nazista Alemão de Auschwitz em 1945 e foi definida pela Assembleia Geral das Nações Unidas. Oito mil prisioneiros foram libertados, muitos deles apresentando sinais dos martírios a que foram submetidos.

O termo holocausto deriva da palavra holocaustum, usada nos idiomas grego e latim. Pode ser traduzido como totalmente queimado. Em Israel, o termo usado para definir a ação dos nazistas é Shoah, ou catástrofe. Seis campos de extermínio foram instalados na Polônia, onde os prisioneiros eram executados em câmaras de gás e outros horrores eram cometidos, destacando-se a jornada de trabalho extenuante, maus-tratos diários e péssimas condições de higiene. Os alojamentos ficavam abarrotados de pessoas mal alimentadas.

O regime nazista, guiado por uma ideologia racista, perseguiu e matou em torno de seis milhões de judeus. Pereceram, também, nos campos de concentração seres considerados inferiores, como negros, homossexuais, deficientes físicos e ciganos. Os sobreviventes eram obrigados a trabalhos forçados. Foi uma tragédia que necessita ser lembrada para que as futuras gerações rejeitem firmemente todas as formas de racismo, violência e antissemitismo e que nunca mais se repita com nenhum povo. Foi, sem dúvidas, um dos momentos mais sombrios da história universal. Após a rendição dos nazistas, em maio de 1945, muitos deles foram presos e levados a julgamento no Tribunal Militar Internacional de Nuremberg. Alguns foram condenados à morte por enforcamento e outros receberam penas de prisão perpétua.

É um momento em que devemos reforçar nossa luta contra o discurso de ódio e todas as formas que negam a dignidade humana, fortalecendo nosso compromisso com a democracia. Não podemos ser coniventes com a impunidade, nem banalizar o

mal. Recordar um passado que nos entristece fará com que o futuro seja protegido, porque nenhuma sociedade está imune à intolerância e à irracionalidade. A prática de discriminação ou violência jamais poderá ser legitimada. Que a história do Holocausto sirva de advertência para todos os povos, no sentido de que não sejam mais permitidas ações genocidas ou de extrema violência. Faz-se necessário reagir com determinação contra os que procuram destruir o Estado, privando seus habitantes dos direitos de cidadania, abrindo as portas para massacres e a perda da liberdade.

Mesmo diante de fatos e testemunhas, em muitos lugares, existem pessoas que se recusam a acreditar que milhões de judeus foram mortos pelo regime nazista. Esses negacionistas integram grupos da extrema direita que buscam tornar seus projetos políticos aceitáveis socialmente, procurando revalidar, não só o fascismo, mas, também, o racismo, a xenofobia, as crenças religiosas e os conspiracionismos. Negar o Holocausto é estimular os extremismos. Relembra-lo é, acima de tudo, um ato em defesa da história, do conhecimento e dos direitos humanos.

“

O termo holocausto deriva da palavra holocaustum, usada nos idiomas grego e latim

Rui Leitão

Foto Legenda



Partindo para a pesca

Gonzaga Rodrigues

gonzagarodrigues33@gmail.com | Colaborador

A ganância humana

Estão me deixando para o fim sem levar em conta a vertigem dos dias na minha idade. Registra-se que o Censo na Paraíba alcança os 90 por cento. O bairro dos Expedicionários ou a rua onde moro ainda não foi visitada. E desejo constar com a minha própria voz, a mesma do agente recenseador no Censo de 1950.

Foi meu primeiro emprego às custas federais. A 40 centavos a casa, mansão ou casebre, e 20 centavos por pessoa. Peguei a parte mais enladeiraada, a que bate de testa com as serras de Areia e Alagoa Grande. Serras de desfiladeiros abissais.

Não sei se naquele tempo já existia o PIB a medir a riqueza ou as variações monetárias do país saudosamente agrícola. Sei que havia bem mais roçados, sem comparação com o abandono a que é deixado o Brejo de hoje; eram pés de serra e beiras de rio e serrotes de pouca altura pontilhados de pequenas casas, todas com voz humana lá dentro para responder ao “ô de casa” do recenseador.

O censo era demográfico e não pude anotar o que vi de bicho de pena, cabra de leite, porco baé, e da cultura de subsistência que rodeava a casa sempre ao lado da mangueira ou jaqueira de porte. Quando a casa não aparecia, a fruteira de longe a denunciava.

O Brasil industrial que despontava no Sul comparecia no meu setor apenas com o que-rosene e a caixa de fósforo. O pano, o sabão eram da nossa indústria. O remédio do próprio mato.

Era um mundo efetivamente habitado, de uma casa se podia pedir sal à outra. Havia miséria, como sempre houve, mas em condições extremas ou de fome braba em massa como agora, nem pensar. O povo, mais de setenta por cento, vivia no sítio e do sítio. Era subalimentado, carente de proteína, de cálcio, quase sempre descorado, mas estou certo de que em melhores condições que os 33 milhões de famintos do moderníssimo país de hoje, sentando em Davos entre os dez mais ricos do mundo.

“

Todo o meu sítio veio parar na rua. Todo ele, sem distinção ecológica

Gonzaga Rodrigues

Todo o meu sítio veio parar na rua. Todo ele, sem distinção ecológica, a grande maioria morando pendurada ladeira abaixo, para onde escorriam os antigos esgotos abertos. Crescemos em estrada, sim, em energia, água tratada, vida urbana e até em escola e em índices de alfabetização e formação superior. Mas não tivemos capacidade de riscar a fome do nosso mapa, salvo com alternativas como o Bolsa Família. E já não temos um Josué de Castro ou um Celso Furtado com uma nova consciência missionária. Antes de morrer, em entrevista com seus confrades e parceiros de estudos, Celso se saiu com uma resposta, concebida de longe, creio que das razões primeiras que inseminaram seu pensamento econômico. Ao se falar com espanto no avanço absurdo da fome e da miséria brasileiras, ele foi incisivo: “O capitalismo é a ganância humana institucionalizada. As civilizações baseadas na solidariedade, na cooperação, foram poucas e não sobreviveram. Quem sobreviveu foram as civilizações baseadas na força egoística, na afirmação pessoal, nas quais só se admite a cooperação quando há perigo para todos, numa guerra, por exemplo”.

SECRETARIA DE ESTADO DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO S.A.



William Costa
DIRETOR DE MÍDIA IMPRESSA

Naná Garcez de Castro Dória
DIRETORA PRESIDENTE

Amanda Mendes Lacerda
DIRETORA ADMINISTRATIVA,
FINANCEIRA E DE PESSOAS

Rui Leitão
DIRETOR DE RÁDIO E TV

A UNIÃO
Uma publicação da EPC

Av. Chesf, 451 - CEP 58.082-010 Distrito Industrial - João Pessoa/PB

André Cananéa
GERENTE EXECUTIVO DE MÍDIA IMPRESSA

Renata Ferreira
GERENTE OPERACIONAL DE REPORTAGEM

PABX: (083) 3218-6500 / ASSINATURA-CIRCULAÇÃO: 3218-6518 / 99117-7042

Comercial: 3218-6544 / 3218-6526 / REDAÇÃO: 3218-6539 / 3218-6509

E-mail: circulacao@epc.pb.gov.br (Assinaturas)

ASSINATURAS: Anual R\$350,00 / Semestral R\$175,00 / Número Atrasado R\$3,00

CONTATO: redacao@epc.pb.gov.br

Fica proibida a reprodução, total ou parcial, de matérias, figuras e fotos autorais deste jornal, sem prévia e expressa autorização da direção e do autor. Exceto para impressão de cópias, com o fiel e real conteúdo, para uso e arquivo pessoal.

O U V I D O R I A : 99143-6762

RECORDE EM 2022

Metropolitano faz mais de 1,5 mil cirurgias na PB

Hospital é referência nas áreas de cardiologia, neurologia e endovascular

■ O Hospital Metropolitano realizou o primeiro transplante cardíaco feito 100% pelo SUS na Paraíba em 26 de março de 2022

O Hospital Metropolitano Dom José Maria Pires, unidade gerenciada pela Fundação Paraibana de Gestão em Saúde (PB Saúde), é referência nas áreas de cardiologia, neurologia e endovascular, e durante o ano de 2022 realizou 1.536 cirurgias de alta complexidade, que modificaram para sempre a vida dos pacientes. O número representa um crescimento de 31% em relação aos procedimentos cirúrgicos de 2021, quando foram realizados 1.168 cirurgias, e é recorde na série histórica da unidade hospitalar.

Entre janeiro e dezembro de 2022, obteve-se o maior aumento no número de implantações de marca-passo: foram 366 instalações do dispositivo que monitora e regula os batimentos cardíacos dos pacientes, ou seja, mais do que o dobro do número de procedimentos realizados em 2021, com 151 cirurgias deste tipo.

Ao longo dos últimos 12 meses, também foram realizadas 465 cirurgias cardiológicas, sendo 83 pediátricas e 382 adultas. O número de adultos cirurgiados, inclusive, é 20% maior em relação a 2021, sendo também o mais alto desde a fundação do hospital.

Entre os destaques da cardiologia no Hospital Metropolitano, no ano passado, está a realização do primeiro transplante cardíaco feito 100% pelo Sistema Único de Saúde (SUS) na Paraíba, em 26 de março. O paciente Willis Pereira Evangelista recebeu no hospital o coração de um doador de Campina Grande, que teve morte encefálica. O transplante durou mais de seis horas e transcor-



Fotos: Secom-PB



Entre janeiro e dezembro de 2022, obteve-se o maior aumento no número de implantações de marca-passo

reu sem nenhuma intercorrência. Em setembro, Willis voltou ao hospital para integrar uma campanha de conscientização e sensibilização sobre a importância da doação de órgãos.

Para o diretor hospitalar do Metropolitano, Adriano Sousa, os números revelam o trabalho de uma equipe dedicada a construir um SUS de qualidade para todos. “São mais de 1.100 profissionais empenhados para ofertar um atendimento seguro e eficaz em todas as áreas. E isto vai desde os que recebem, perpassa pelos que higienizam o ambiente; realizam a manutenção dos equipamentos; que li-

dam com os trâmites administrativos; até os que intervêm com o uso de técnicas baseadas na ciência e altas qualificações profissionais. Ficamos felizes porque não se trata de números, mas de vidas que foram salvas, graças a existência do SUS, que defendemos”, discorreu.

Uma das pessoas beneficiadas entre tantas outras foi Inácia Alves da Silva, de 52 anos, que, após receber o diagnóstico médico de um tipo de meningioma, identificado em seus exames e supostamente inoperável, conseguiu passar por uma cirurgia neurológica no Metropolitano e fez a retirada do tumor com sucesso, em maio de 2022.

Coração

O paciente Willis Pereira Evangelista recebeu, no hospital, o coração de um doador de Campina Grande que teve morte encefálica

Hospital realiza técnica pioneira no país

Outro caso de destaque foi o de Ana Paula da Costa Gomes, de 27 anos. Ela é portadora de uma malformação arteriovenosa cerebral (MAV), que se rompeu após o parto da filha. Após ser transferida de Patos para o Hospital Metropolitano, ela passou por uma técnica pioneira no país, chamada de embolização por via venosa, e após 25 dias em tratamento, recebeu alta da unidade.

Além de Inácia e Ana Paula, outras 589 pessoas adultas passaram por cirurgias neurológicas na unidade hospitalar, que superou o número

total de procedimentos deste tipo em quase 12% em relação a 2021, quando foram realizadas 528 cirurgias. Na área pediátrica, foram 93 cirurgias neurológicas realizadas no ano passado, contra 82 no ano anterior, representando um aumento de mais de 13%.

Em 2022, também foram realizados pela primeira vez na unidade hospitalar os procedimentos de eletrofisiologia. No total, foram 21 procedimentos deste tipo feitos no Metropolitano. O caso mais recente foi em dezembro, quando a equipe de Ar-

ritmologia da unidade hospitalar, para tratar um caso de taquicardia ventricular causado pela Doença de Chagas, executou com sucesso uma ablação epicárdica, procedimento cirúrgico de alta complexidade.

“Podemos ver que houve o uso eficiente e efetivo da capacidade instalada para a produção de cirurgias. O Hospital Metropolitano ampliou extremamente o acesso a procedimentos de alta complexidade em saúde em todo o estado. Isso é o Governo da Paraíba fazendo o SUS acontecer”, pontuou o diretor su-

perintendente da Fundação, Daniel Beltrammi.

Sobre o Hospital Metropolitano Dom José Maria Pires: O complexo é a primeira unidade de saúde pública especializada em neurologia, cardiologia e endovascular da Paraíba e disponibiliza de 226 leitos, sendo 58 de UTI, seis salas de cirurgia e um moderno Centro de Diagnóstico por Imagem. Desde o ano de inauguração até dezembro de 2022, a unidade registra um total de 5.239 cirurgias, entre as quais o primeiro transplante de coração 100% SUS, no estado.

UN Informe

Ricco Farias
papiroeletronico@hotmail.com

EDUARDO GALEANO: A VOZ QUE DEU VOZ À AMÉRICA LATINA: AS SUAS REFLEXÕES PERMANECEM ATUAIS

No livro ‘As Veias Abertas da América Latina’, em uma segunda tradução para o Brasil, em 2010, o escritor uruguaio Eduardo Galeano (1940-2015) - na foto - diz lamentar que os temas abordados ainda na primeira edição de 1970, relacio-

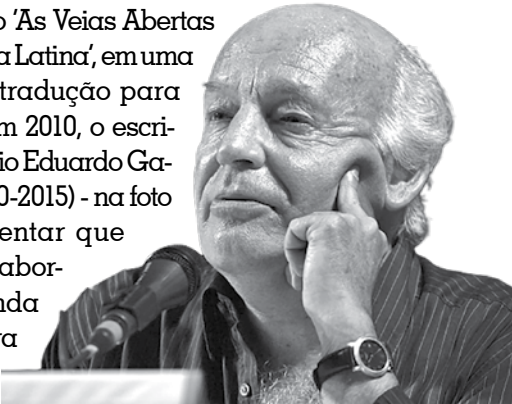


Foto: Agliberto Lima /Estadão Conteúdo

nados à exploração da América Latina pelas grandes potências econômicas – o “mercado mundial”, como ele coloca – se perpetuem no tempo. “O autor lamenta que o livro não tenha perdido atualidade. A história não quer se repetir – o amanhã não quer ser outro nome do hoje –, mas a obrigamos a se converter em destino fatal quando nos negamos a aprender as lições que ela, senhora de muita paciência, nos ensina dia após dia”, escreveu no prefácio. Mas há outro texto de Galeano (foto), irônico e provocador, que bem se adequa à trágica realidade em vivem os povos indígenas da América do Sul: “Em 12 de outubro de 1492, os nativos descobriram que eram índios, descobriram que viviam na América, descobriram que estavam nus, descobriram que existia pecado, descobriram que deviam obediência a um rei e uma rainha de outro mundo e a um deus de outro céu, e que esse deus havia inventado a culpa e a roupa e havia mandado queimar vivo quem adorasse ao sol, a lua, a terra e a chuva que a molha”.

UMA REFLEXÃO PERTINENTE

Ainda Galeano, em ‘As Veias Abertas da América Latina’: “Os sonhos do mercado mundial são os pesadelos dos países que se submetem aos seus caprichos. Continuamos aplaudindo o sequestro dos bens naturais com que Deus, ou o Diabo, nos distinguiu, e assim trabalhamos para a nossa perdição e contribuimos para o extermínio da escassa natureza que nos resta. Exportamos produtos ou exportamos solos e subsolos?”.

QUER SAÍDA DE DIRETORES DO HU

Não é somente a nomeação de Jackson Silva para a Superintendência dos Correios e Telégrafos na Paraíba que tem o rechaço do PT estadual – por ele ser Bolsonarista de carteirinha. O partido quer que o governo Lula mude também a direção do Hospital Universitário Lauro Wanderley, da UFPB. Pelo mesmo motivo.

REDES SOCIAIS: FOTOS DELETADAS

De acordo com o PT, o superintendente e o gerente administrativo do HU, Marcelo Tissiani e Fábio Lopes, respectivamente, teriam participado de atos antidemocráticos em frente ao Grupamento de Engenharia, do Exército, em João Pessoa, em apoio ao ex-presidente Bolsonaro (PL). Fotos de ambos em atividades que reforçam esse apoio teriam sido deletadas das redes sociais.

“ESSA ALIANÇA SERÁ MANTIDA”

Do secretário de Gestão Governamental de João Pessoa, Diego Tavares, avaliando que a aliança entre o prefeito Cícero Lucena e o governador João Azevêdo se manterá em 2024. “A relação entre Cícero e João, além de política e administrativa, é uma relação pessoal. Não tenho dúvidas de que essa aliança será mantida.”, projetou, em entrevista a uma rádio. Esta semana, o secretário estadual de Administração, Tibério Limeira, fez leitura idêntica.

O IMPEACHMENT E O BOLSONARISMO

Ex-ministro da Justiça, José Eduardo Cardoso rebateu fala do ex-presidente Michel Temer de que não houve golpe contra Dilma Housseff (PT), em 2016. “Acho engraçado aqueles que negam que houve golpe em 2016 e hoje criticam Jair Bolsonaro, sem perceber que o bolsonarismo foi gerado pela irresponsabilidade institucional de 2016. Quando você vai para o vale-tudo, é isso o que você traz para a sociedade.”, avaliou para a Folha de S. Paulo.

CÍCERO NO PODEMOS? CONVITE ESTÁ FEITO PELA DIREÇÃO DA SIGLA

A depender da vontade do presidente do Podemos da Paraíba, Júnior Pires, o prefeito de João Pessoa, Cícero Lucena (PP), assinaria imediatamente a ficha de filiação à legenda. “Portas abertas para receber o prefeito na hora que ele quiser”, disse, em entrevista à TV Arapuan. Ele vê um fato facilitador para esse movimento: o Podemos é da base do prefeito e da base do governador João Azevêdo.

Antônio Roberto

Secretário de Educação da Paraíba

Novo secretário prepara reforma na estrutura da Educação



Foto: Arquivo pessoal

Criação da Secretaria Executiva de Cooperação com os municípios faz parte das mudanças previstas

Lucilene Meireles
lucilenemeireles@epc.pb.gov.br

A Secretaria de Estado da Educação e da Ciência e Tecnologia (SEECT) da Paraíba tem um novo gestor, Antônio Roberto de Araújo Souza, indicado pelo governador João Azevêdo. O secretário traz na bagagem experiências bem sucedidas realizadas no estado do Ceará, que é referência em educação no Brasil. Graduado em Matemática, o secretário é doutorando em Ciências da Educação e possui mestrado e Especialização em Gestão e Avaliação. Além disso, foi titular da Coordenadoria Regional de Desenvolvimento da Educação (CREDE), no Ceará.

Na entrevista, ele afirma que sua escolha para assumir a SEECT foi mais técnica do que política e que, para promover melhorias na educação, fará, entre outras mudanças, uma reforma na estrutura de cargos/funções. Antônio Roberto observa que suas metas na Secretaria são as mesmas do Plano Nacional de Educação, com vigência de 2014 a 2024, e do Plano Estadual de Educação da Paraíba. O secretário promete ainda fazer uma avaliação sobre o avanço no cumprimento dessas metas.

Entre os pontos principais de sua gestão à frente da Secretaria de Educação está a alfabetização de todas as crianças até o final do 2º ano do Ensino Fundamental por meio de uma política de cooperação do estado com os municípios. Também é intenção melhorar os indicadores de aprendizagem na Educação Básica. Há ainda o plano de ampliar o número de escolas em tempo integral nas redes municipais e estadual.

O secretário aponta soluções para otimizar o aprendizado e melhorar os índices. Uma delas é a boa formação de professores e gestores. Ele elogia os projetos desenvolvidos na educação da Paraíba e afirma que pretende manter e ampliar todos os que funcionam.

Entrevista

■ Como o senhor recebeu o convite para ocupar a pasta da Educação na Paraíba?

Por intermédio de uma liderança política do Ceará que conhecia o meu trabalho na gestão da Coordenadoria Regional de Desenvolvimento da Educação de Brejo Santo, no Ceará (Crede20). Neste caso, por solicitação da liderança do Partido Republicanos da Paraíba. Assim, fui apresentado ao governador João Azevêdo, e, depois de uma produtiva conversa sobre os resultados esperados por seu governo e sobre as ideias que eu trazia, o meu nome foi aprovado para esta nobre missão. Na minha opinião, o governo faz uma opção mais técnica do que política.

■ Já conhecia o trabalho realizado no estado? E quais as metas que traçou ao chegar na secretaria?

Conhecia relativamente pouco, apenas por meio dos indicadores de resultados. Mas, após o convite, passei a estudar as políticas do estado com mais profundidade. As nossas metas são as mesmas previstas no Plano Nacional de Educação (PNE 2014 a 2024) e no Plano Estadual de Educação da Paraíba. Vamos fazer uma avaliação sobre o avanço no cumprimento das metas, mas elas já estão de bom tamanho.

■ De que forma pretende implementar, na Paraíba, melhorias na educação?

Convite

O convite para ocupar a pasta da Educação na Paraíba foi feito por uma liderança política do Ceará que conhecia o seu trabalho na Crede20

Vou realizar uma reforma na estrutura de cargos/funções para atender às novas demandas para uma governança colaborativa; criar a Secretaria Executiva de Cooperação com os municípios faz parte deste esforço de melhoria; construir um planejamento estratégico com a equipe da secretaria e das gerências regionais para a melhoria do fluxo de processos entre a secretaria, regionais e escolas; fortalecer a política de cooperação com os municípios no âmbito da avaliação, da formação continuada dos professores e gestores e no acompanhamento pedagógico.

■ O senhor vem do Ceará, estado que é referência em educação no Brasil. Quais experiências que deram certo por lá e que devem ser adotadas na Paraíba?

A institucionalização da política de cooperação com os municípios para a alfabetização e aprendizagem na idade certa; a implementação de escolas de educação profissional; a municipalização do Ensino Fundamental; a avaliação contínua da aprendizagem com a produção de uma série histórica; a política de responsabilização por meio da cota parte municipal do ICMS vinculado aos resultados de aprendizagem e fluxo. Tudo isso pode inspirar um plano para melhoria contínua na educação pública paraibana.

■ Toda gestão tem uma base de prioridades. Quais os principais pontos que o senhor deve considerar na sua gestão na Secretaria de Educação?

Primeiro, alfabetizar todas as crianças até o final do 2º ano do Ensino Fundamental por meio de uma política de cooperação do estado com os municípios. O estado pode dar apoio técnico e pedagógico para que todos os municípios avancem. Segundo, melhorar os indicadores de aprendizagem em todas as etapas da Educação Básica e colocar a Paraíba em posição de destaque em avanços na educação brasileira. A terceira prioridade é ampliar o número de escolas em tempo integral nas redes municipais e na rede estadual. Por último, focar na preparação dos estudantes de Ensino Médio para o acesso à universidade e na ampliação das oportunidades de formação técnico-profissional.

■ No Brasil, de cada 100 estudantes que ingressam na escola, 93 concluem o Ensino Fundamental I aos 12 anos. Ao final desta etapa de ensino, 61,1% têm aprendizagem adequada em Língua Portuguesa e 51,5% em Matemática. O que o senhor vê como obstáculos para que os estudantes não avancem como deveriam?

Existem fatores externos e fatores internos que influenciam o desempenho de crianças e jovens na escola. Os fatores externos são aqueles ligados às questões econômicas, sociais, culturais e territoriais. Estes demandam políticas sociais mais estruturantes ligadas às mais diversas áreas. Porém, existem fatores internos à escola, obviamente, que têm a ver tanto com a forma como a escola está estruturada, como os seus profissionais estão preparados para lidar com situações tão diversas do ponto de vista dos níveis de aprendizado e das questões socioemocionais. Mas que podem ser equacionadas com investimento na estrutura e na formação das pessoas.

■ Que soluções apontaria para otimizar o aprendizado e melhorar esses índices?

Alfabetização

Primeira base da gestão será alfabetizar todas as crianças até o final do 2º ano do Ensino Fundamental por meio de uma política de cooperação do estado com os municípios

Eu apontaria quatro coisas. Em primeiro lugar, um bom sistema de avaliação diagnóstica, formativa e somativa; em segundo, bons materiais didático-pedagógicos; em terceiro, uma boa formação de professores e gestores; e, em quarto lugar, uma boa sistemática de acompanhamento e monitoramento da aprendizagem.

■ A Paraíba tem se destacado em projetos como o Conexão Mundo, integrado às políticas públicas do Programa de Internacionalização Gira Mundo, que dispõe sobre a promoção da cooperação internacional, da formação qualificada e estratégica e o desenvolvimento científico e tecnológico no estado por meio de intercâmbio. Recentemente, 83 alunos da rede pública estadual viajaram para o Reino Unido e Espanha. Como o senhor avalia esta iniciativa e o que ela garante a esses estudantes?

Todas as iniciativas são super válidas. Esta é, como tantas outras, excelente. Mas, acho que precisamos equilibrar melhor a promoção da excelência com a equidade. O estado quer elevar o nível geral oferecendo melhores oportunidades para todos ou quer apenas promover os mais talentosos? Ou o estado quer buscar conciliar a equidade com a excelência? Este é um tenso debate no campo da sociologia da educação.

■ Outro projeto é o “Primeira Chance”, programa estadual de inserção no mercado de trabalho que incentiva a concessão de estágio, aprendizagem e primeira experiência profissional para estudantes do Ensino Médio da Rede Estadual de Educação da Paraíba. Eles contam com bolsas e a iniciativa tem parceria com empresas que absorvem os alunos em seus quadros profissionais. O senhor considera importante esse incentivo que prepara para o mercado de trabalho?

Fala-se hoje em nível nacional em propor uma poupança para estudantes de Ensino Médio. Acho supernecessário, porque muitos jovens não conseguem permanecer na escola por precisarem trabalhar para pro-

ver a família com as necessidades mais básicas, como a alimentação. A poupança estudantil pode ser uma das saídas. Porém, tanto a Paraíba como o Ceará já possuem essa experiência ligada à formação profissional e a empregabilidade, que acho ainda mais interessante.

■ Os estudantes da rede estadual contam ainda com o Paraíba Educa, que é uma plataforma de ensino e aprendizagem, cursos de férias e ainda o “Se Liga no Enem”, programa de fomento ao Ensino Superior destinado a professores e estudantes matriculados na rede, além dos egressos que querem se preparar para o Enem. O senhor já se inteirou dos projetos desenvolvidos? Pretende mantê-los, ampliá-los ou criar novas iniciativas?

Já conheci uma parte deles. Fiquei muito feliz com o que vi. O meu desejo é manter tudo o que funciona e ampliar. Temos experiências muito interessantes que podemos aprender com outros estados.

■ Qual avaliação o senhor faz da educação hoje, de forma geral?

Olhando para os indicadores mais importantes - aprovação, reprovação e abandono -, sobretudo antes da pandemia, porque é o que verdadeiramente vale, enquanto aguardo os resultados de 2022-, devo dizer que até então o estado não conseguiu se mover de forma significativa na direção da melhoria. O avanço obtido em 2021 foi no fluxo, uma vez que o CNE (Conselho Nacional de Educação) orientou pela promoção de todos os estudantes matriculados em 2020 e 2021. No mesmo período, o indicador de aprendizagem apresentou queda - como já era esperado -, fato que aconteceu em quase todos os estados.

■ O que acha, então, que precisa ser modificado para atender melhor aos estudantes?

Em primeiro lugar, o básico: garantir boa estrutura física em todas as escolas; assegurar a contratação de professores no tempo certo; oferecer boa formação e bons materiais didáticos aos alunos, professores e gestores; garantir transporte escolar de qualidade e sem falta; garantir boa alimentação, etc; depois, ter uma boa estrutura pedagógica com avaliação, formação de professores e monitoramento/acompanhamento sistemático da aprendizagem em todas as etapas, nas redes estaduais e nas redes municipais. Outro ponto é ter uma boa política de desenvolvimento de competências socioemocionais. Além disso, possuir um bom mecanismo de inclusão com busca ativa e de suporte à aprendizagem.



Foto: Ortilo Antônio

Maria Lúcia faz questão de reproduzir, com orgulho, a Paraíba em suas peças: “Eu gosto de retratar o nosso dia a dia, nossos costumes, nosso dialeto”

MÃOS QUE TRANSFORMAM

Representatividade refletida através das peças artesanais

Referências do estado retratadas no artesanato trazem sentimento de pertencimento

Carol Cassoli
carol.cassoli@gmail.com

Nos últimos anos, o termo “representatividade” tem ganhado força entre a população que, cada dia mais, procura se relacionar através da identificação de marcadores sociais em comum, como raça, gênero, sexualidade ou mesmo origem geográfica. A representatividade pode influenciar não apenas a maneira de se relacionar das pessoas, mas a forma com que elas pensam. A partir disso, surgem movimentos literários, culturais e artísticos. Na Paraíba, do Farol do Cabo Branco aos vaqueiros do interior, os artesãos retratam o estado em que nasceram com linhas, cores e muito or-

gulho; um símbolo de representatividade da vida de cada artesão para a casa de cada cliente.

A artesã Maria Lúcia de Oliveira Brito faz questão de retratar em sua arte o estado em que nasceu. Paraibana orgulhosa, Maria Lúcia enche a boca para dizer que o artesanato corre em suas veias há 62 anos: desde o ventre de sua mãe, que também era artesã. “Ela me ensinou o ofício que, na nossa família, é passado de pai para filho”, conta Maria que, além de tecer fios, também os costura, borda e pinta.

Em Boqueirão, cidade onde mora, a família tem uma tecelagem. Lá, Maria tece as redes, capas de almofada e outros materiais que encantam os olhos

curiosos de quem visita as exposições das quais Maria participa. “O pessoal gosta tanto, que até aquele moço famoso, o Rodrigo Hilbert, já veio atrás de mim. Foi muito legal”, lembra.

Além da visita de Rodrigo Hilbert, que já foi até a casa de Maria e teceu fios com sua família, a artesã costuma receber designers, estilistas e outras figuras do universo da moda. Segundo ela, os profissionais a procuram seguros de que a artesã será capaz de traduzir suas criativas ideias em uma ou mais peças cheias de representatividade. “Eu gosto muito de retratar o nosso dia a dia, nossos costumes, nosso dialeto. Gosto de recriar as cenas do nosso cotidiano, as plantas típicas do Nordeste e tudo o

que abrilhanta nossa vida, sabe?”, diz a artesã enquanto mostra uma rede de descanso estampada com o Farol do Cabo Branco, por ela bordada à mão.

Quando pensa na importância do trabalho manual para si, Maria Lúcia não chega a outra conclusão senão a de que o artesanato dá sentido à sua vida: “Eu amo. Acho que o artesanato é meu tudo, porque tive oito filhos e eu, o artesanato e meu esposo criamos os sete que estão aqui hoje”. Feliz por passar os ensinamentos da mãe em diante, a tecelã se vangloria ao contar que tem um alto aproveitamento de filhos como artesãos e se diverte ao dizer que “dos sete, sete seguiram o caminho do artesanato”.



“**Hoje o bordado significa união. Nós vivemos pelo artesanato que minha mãe nos ensinou e é um prazer representar nossa terra e nossa história em cada pontinho, em cada pincelada**”

Maria Helena Matos

E Maria não mente quando diz que toda a família respira arte, pois, até mesmo o esposo, além de agricultor, é artesão. A justificativa para tantos artistas em uma única casa é simples: a arte inspira cuidado e trata da alma. “Além de ser uma fonte de renda, o artesanato também é algo que desopila”, garante.

Uma Paraíba bordada de ponto em ponto com talento

Na tentativa de traçar o próprio caminho, a bordadeira Maria Helena Matos, de 33 anos, viu que sua trajetória se confundiria em muitos momentos com o estado onde nasceu, a Paraíba. Bordadeira há mais de 20 anos, Heleninha teve o ofício ensinado pela mãe, Marilena. À época, as irmãs Amanda e Tainá também aprenderam o trabalho manual. Hoje, Amanda faz ponto-cruz e Tainá pinta em aquarela e desenvolve bordado livre. Juntas, as três retratam a Paraíba em bordados, placas e quadros. Nas redes sociais @heleninhabordados e @artefamily.pb, Maria Helena e as irmãs encantam seguidores de todo o Brasil com suas artes. Em um trocadilho, as irmãs traduzem o trabalho que, segundo elas, “transBORDA amor”.

Enquanto borda um farto caqueiro, Maria Helena atende dezenas de visitantes no 35º Salão do Artesanato Paraibano. A bordadeira conta que, de ponto em pon-

to, cria as mais diversas cenas, mas o que chama mesmo a atenção dos transeuntes são as representações da Paraíba. Dos pés de caju às solitárias palmas, mandacarus e xique-xiques, o retrato de símbolos de um estado cheio de vida e resistência. As marcas da cultura paraibana também ganham as graças do público. Em alguns chaveiros, por exemplo, estão bordadas pequenas fogueiras ou bandeirinhas, tudo em alusão ao São João. Uma das molduras ostenta um bordado livre com o refrão da música Deus Me Proteja de Mim, de Chico César.

“Hoje o bordado significa união. Nós vivemos pelo artesanato que minha mãe nos ensinou e é um prazer representar nossa terra e nossa história em cada pontinho, em cada pincelada”, diz Maria Helena.

Estado em várias técnicas

Além de estar presente na produção de diversos artesanatos locais,

a Paraíba também pode ser vista e reconhecida através de materiais e técnicas tradicionais. É o caso da renda renascente, do artesanato indígena (que, este ano, é tema do 35º Salão do Artesanato Paraibano), das criações em escamas de peixe e dos brinquedos populares que, de longe, são reconhecidos como típicos da Paraíba. O estado também está representado pelos objetos utilitários e decorativos em vime, palha, madeira e até mesmo ossos.

Vitrine

Exposições como a viabilizada pelo 35º Salão do Artesanato Paraibano dão visibilidade às cidades do interior e permitem que a população se sinta representada de fato. “Fico orgulhosa quando venho pra cá, porque sei que, do paraibano ao turista, todos verão o que produzimos”, afirma a artesã Maria Lúcia Brito.

A gestora do Programa do Artesanato Paraibano (PAP), Mariel-

za Rodriguez, explica que os salões de artesanato que acontecem tanto em João Pessoa quanto em Campina Grande, são como vitrines para a exposição da produção paraibana. Segundo Marielza, este tipo de evento contribui para que se construa no paraibano uma ideia de pertencimento. “Os salões de artesanato que acontecem no fluxo turístico funcionam como vitrines do nosso artesanato genuíno, exatamente com a missão de tornar o paraibano mais sensível à causa do artesanato”, afirma a gestora do PAP.

Ainda de acordo com Marielza, ao incentivar que o paraibano valorize suas raízes, ações como esta ajudam, também, a gerar desenvolvimento sustentável para o artesanato do estado. “Ao usar o artesanato no dia a dia; nos adornos, no vestuário, na decoração, na ambientação da sua casa, a gente ultrapassa essa dependência do turista para gerar um desenvolvimento sustentável para o artesanato que, com o paraibano consumindo seus produtos, vai ter encomendas e produtos sendo vendidos o ano inteiro”, finaliza Rodriguez.

Serviço

O 35º Salão do Artesanato Paraibano está localizado em João Pessoa, na avenida Cabo Branco, 2260, bairro de Cabo Branco, em João Pessoa. A entrada é gratuita e os visitantes podem contribuir com um quilo de alimento não perecível. O evento acontece até o próximo dia 5, das 15h às 22h.

EDUCAÇÃO

Escola precisa saber acolher o aluno

Serviço de acolhimento emocional é importante, principalmente com a volta das atividades presenciais “pós-Covid”

Juliana Cavaleanti
julianacavaleanti@epc.pb.gov.br

O acolhimento emocional é uma atividade praticada em diversas escolas para diferentes níveis educacionais, desde as primeiras séries do Ensino Fundamental, até o Ensino Médio, incluindo também a Educação de Jovens e Adultos (EJA). No entanto, a pandemia da Covid-19 fez surgir novas problemáticas (exemplo como a redução do rendimento escolar), mas também agravou questões antigas como a evasão escolar, o que aumentou a necessidade desse atendimento para crianças e adolescentes no cenário atual.

De acordo com a psicóloga escolar Haline Clecia, no acolhimento emocional durante a pandemia e, principalmente, nesse momento considerado de “pós-pandemia”, os profissionais das escolas vão ter que lidar com as dificuldades geradas pelos dois anos de isolamento social: a aprendizagem muitas vezes menor do que nos anos anteriores, aumento da ansiedade, além do desemprego da família que fez com que muitos alunos tivessem que deixar as instituições de ensino para colaborar na sobrevivência da casa.

“Antes da pandemia, tínhamos um índice de evasão escolar, mas após a Covid-19, esse índice aumentou consideravelmente, como também mudou o rendimento escolar. Além disso, nesse pós-pandemia, muitos casos de ansiedade, depressão e outros problemas se acentuaram com a dificuldade de comunicação”, afirmou.

Segundo a profissional, o acolhimento é um serviço já considerado comum em diversas unidades de ensino e geralmente inclui psicólogos, assistentes sociais, ou outras pessoas que atuam na solução de problemas, como ansiedade ou dificuldades na aprendizagem e promovendo o melhor desenvolvimento dos alunos.

No entanto, ela lembra que durante o auge da pandemia e o isolamento social esse acolhimento no ambiente escolar e de escuta com os alunos ficou mais complicado. “A nossa prática durante a rotina escolar que acontecia antes da pandemia foi quebrada de uma forma muito pesada. E os alunos que saíram da escola vão chegar com muito mais dificuldade porque passaram dois anos sem ter o contato com o ambiente escolar e sem a presença do professor, mesmo com a aula remota. Então, esse prejuízo educacional e pedagógico também foi imenso”, esclareceu Haline Clecia.

Já o psicólogo e orientador educacional, Ubiracy Soares, aponta que o desempenho acadêmico está muito associado à parte emocional, além de uma situação interferir na outra. “Se eu tenho um estudante com dificuldades emocionais, passando por alguma situação seja em casa, na escola ou na vida pessoal, isso interfere no aprendizado dele em sala de aula. Então, esse olhar e acolhimento da escola é muito importante”.

Neste sentido, acredita que com a pandemia, muitas crianças e adolescentes desenvolveram ansiedade, porque passaram muito tempo em casa com jogos eletrônicos e recursos tecnológicos. Com o retorno, precisou ser feita uma adaptação. “Isso também causa neles uma ansiedade porque ao sair desses recursos têm que ir para uma relação social diferente da que se vive nas redes sociais e jogos eletrônicos”.

A psicóloga destaca que todas as idades precisam de suporte emocional, mas com a chegada da Covid-19, a EJA precisou de mais atenção, já que muitos destes estudantes não têm o domínio que o público mais jovem tem das tecnologias, o que reduziu a aprendizagem. “Todos precisam de atenção, mas a EJA teve mais dificuldades. O fato de não ter tanta facilidade com a tecnologia dificultou bastante para os jovens e adultos terem mais compreensão dos temas. Por isso, os profissionais tenta-

“
A nossa prática durante a rotina escolar, que acontecia antes da pandemia, foi quebrada de uma forma muito pesada
Haline Clecia



Foto: Pixabay

Período de distanciamento social durante o auge da pandemia da Covid-19 provocou mudanças profundas da vida escolar

ram suprir da forma que as escolas podiam, oferecendo atividades impressas e situações diferenciadas para esse público”, explica.

A queda do rendimento não está restrita às tecnologias e atividades remotas, pois conforme alerta a especialista, as crianças e adolescentes podem vivenciar questões sociais como violência doméstica, alguma forma de abuso, trabalho infantil, dentre outros problemas que durante o suporte emocional é possível identificar os casos e tomar providências, como acionar o Conselho Tutelar. “A escola é uma forma de

abrigo dessas crianças e, quando ela está funcionando normalmente, a gente consegue identificar e tomar providências mais rápido. Mas, o afastamento foi prejudicial porque os alunos que passam por algum tipo de violência, por algum tipo de dificuldade seja de violência física e emocional não tiveram esse contato tão presente com aquela rede de apoio e segurança”, lamenta.

Por isso, Haline Clecia lembra que ter uma equipe com psicólogos, assistente social, orientador, supervisor escolar vai fazer toda a diferença porque será um trabalho multidisciplinar para

identificar várias questões. “Dificuldades como depressão aumentaram depois desse retorno e alguns alunos ficaram extremamente agressivos ou passaram por vários outros problemas. Agora, a equipe terá que resgatá-los de alguma forma nesse processo, compreendendo essas dificuldades”, alerta.

Assim, após o retorno das atividades presenciais, a perspectiva é que o acolhimento de crianças e adolescentes seja intensificado nas escolas, em busca de identificar os problemas e organizar formas de solucionar o déficit na aprendizagem. Para isso, a equipe de

educadores, psicólogos e outros profissionais se reúne e tenta encontrar estratégias como aulas de reforço nos turnos opostos ao das aulas ou mesmo cursos de férias para os estudantes com mais dificuldades tentarem recuperar aquilo que não compreenderam.

“Em termos psicológicos, é possível fazer plantão, se colocar à disposição para o atendimento, para a escuta daqueles alunos e das problemáticas que eles venham a enfrentar. São várias estratégias que a gente tenta elaborar e suprir tanto a questão emocional quanto na pedagógica”, declarou.

Ampliação do serviço e parceria com as famílias

A psicóloga escolar Haline Clecia atua em uma escola municipal no bairro de Mangabeira e afirma que o atendimento emocional varia conforme a instituição, a questão social dos alunos, localidade, dentre outros fatores. Porém, a psicóloga ressalta que a maior parte das dificuldades são parecidas entre os estudantes. Portanto, o fato existente em uma escola pública, pode estar presente na escola privada, mesmo que na primeira os casos sejam mais visíveis.

Neste sentido, ela aponta que na rede pública, a maioria das escolas está começando a trabalhar a questão emocional dos alunos, reconhecendo a sua importância para a evolução da aprendizagem que vai além da sala de aula. Para isso, tentam cada vez mais inserir esses profissionais nas escolas.

A própria Rede Estadual possui a educação socioemocional nas escolas integrais e a perspectiva é que nossos profissionais ligados ao acolhimento de alunos sejam cada vez mais incluídos nas unidades de ensino. “As escolas cada vez mais reconhecem a importância e estão tentando inserir esses profissionais, porque é visível o desenvolvimento dos alunos e os benefícios que uma equipe preparada tem no aprendiza-

do das crianças e adolescentes”, esclareceu a profissional.

Responsabilidade das famílias

Além dos alunos buscarem esse serviço, Haline Clecia destaca a receptividade das famílias que agora procuram muito mais pelo psicólogo ou orientador educacional das escolas. Por essa razão, ela reforça a necessidade de melhorar o quadro de profissionais para que o suporte emocional dos estudantes seja cada vez mais satisfatório.

“Hoje em dia, as pessoas já estão pensando um pouco melhor sobre isso, diferente de antigamente que não tinham tantos profissionais. As famílias em sua maioria reconhecem a importância do acolhimento, assim como entre os alunos, professores e a própria comunidade escolar como um todo”, finalizou a psicóloga.

Para o orientador educacional, Ubiracy Soares, a escola deve estar alinhada com a família que precisa ser parceira dos alunos. “No retorno das aulas, p o r

exemplo, tem muitos alunos novatos e outros vêm de uma rotina diferente de férias. Quando retornam, entram em uma nova rotina, o que causa fragilidade, ansiedade ou inquietação”.

Segundo ele, hoje quando a equipe da escola percebe um estudante mais isolado, retraído ou muito eufórico, o acolhimento da instituição deve tentar conversar com o aluno para compreender o que está acontecendo por trás desse comportamento, para tentar identificar alguns sinais. “Geralmente, convida-se a família, os responsáveis para dialogar sobre isso e dar os encaminhamentos para que eles observem se os sinais estão sendo persistentes ou se é alguma fase de adaptação. Sendo persistente, precisa de uma intervenção profissional, indo além dos limites da escola”, frisa.

Ele cita que a escola pode trabalhar com o estudante, fazendo o monitoramento diário, a inserção dele em novos grupos (se for novato) e se for veterano, entender o seu comportamento. “É algo que precisa ser observado e dialogado, principalmente com os responsáveis. Tem que ter a parceria escola e família”, orienta.

Expectativa e ansiedade

Liana Maia tem 15 anos e iniciou essa semana no primeiro ano do Ensino Mé-

dio. Ela conta que está gostando de tudo até agora, mas ainda é estranho pensar que está nessa fase e cada vez mais perto de ir para a Universidade. A estudante ainda está compreendendo todas as novidades e tem conversado com a sua mãe sobre o assunto.

Para ela, a orientação da escola pode ajudar na redução da ansiedade e melhora do aprendizado já que seus colegas, assim como ela, estão felizes, mas também ansiosos com a quantidade de novidades. “Vai ser totalmente diferente e mudou tudo, então é importante manter a calma”, opinou.

Conforme o psicólogo Ubiracy Soares, as mudanças de nível escolar (de série ou do Ensino Fundamental para o Médio ou ainda a saída do Ensino Médio) podem gerar nos estudantes uma ansiedade e por isso a escola deve estar atenta no comportamento desses alunos, dialogando por meio de reuniões, palestras, dentre outros projetos que auxiliem na adaptação.



Foto: Arquivo pessoal

A estudante Liana Maia (E) frisa que a orientação da escola ajuda na adaptação do aluno às novas rotinas; já a psicóloga escolar Haline Clecia (D) afirma que ter uma equipe multidisciplinar permite um acompanhamento completo do alunado



Foto: Arquivo pessoal

CAUTELA

Tosse persistente requer investigação

Sintomas por períodos prolongados podem indicar doenças pulmonares, gástricas e até existência de câncer

Alexsandra Tavares
lekajp@hotmail.com

Sabe aquela tosse persistente, que dura semanas e ninguém dá atenção? Saibam que ela pode ser um sinal de alerta para alguma doença como sinusite ou até outras mais graves como câncer e tuberculose. Por isso, deve ser investigada o quanto antes. O pneumologista Bruno Fialho Carneiro Braga afirmou que, após oito semanas, a tosse já é considerada persistente, e precisa ser avaliada porque pode ter causas pulmonares, gástricas ou de problemas das vias aéreas superiores. Às vezes, o paciente precisa procurar não apenas um pneumologista, mas também um gastroenterologista e otorrinolaringologista para descobrir a causa.

Bruno Braga frisou que algumas doenças, como a fibrose pulmonar, tem como sintoma a tosse seca. O refluxo gastroesofágico também pode resultar como uma tosse constante. Portanto, a tosse não é a doença em si, mas uma consequência de algo que não vai bem no nosso organismo. E se não for avaliada previamente, pode resultar no diagnóstico tardio de algo sério.

A tosse pode aparecer em pessoas de qualquer idade, mas quando surge após os 50 anos requer mais atenção, porque pode apontar uma doença mais grave como enfisema ou fibrose pulmonar, além de câncer, sobretudo, em caso de fumante.

Depois da pandemia, o pneumologista afirmou que houve um aumento das queixas de tosse persistentes nos consultórios. “No caso específico após Covid-19, o ideal é procurar um médico o quanto antes porque, em alguns

Foto: Tomaz Silva/Agência Brasil



Vacinas contra a gripe são indicadas pelos especialistas no tratamento de tosse contínuas dos pacientes

casos, está resultando em uma bronquite que dá tosse e cansaço. Caso não cuide, podem surgir outras complicações”, declarou.

Segundo Bruno Braga, a pessoa que apresentar tosse persistente, seca, sem nenhum sinal de sangue, febre, desmaio ou problema neurológico associado, deve procurar primeiro um pneumologista. “A partir daí se avalia os demais exames que se precisam fazer”, recomendou.

A pneumologista Camila Costa explicou que há a tosse que tem um caráter benigno, que é a tosse pós-infecciosa, aquela que surge depois de uma infecção das vias aéreas superiores, resfriados ou gripes. “Mas, uma tosse persistente pode sinalizar uma

infecção que precisa de tratamento específico como tuberculose, ou um quadro de câncer. Obviamente que devem ser sempre avaliados os sintomas associados à tosse como perda de peso, febre, sudorese e perda de apetite”, declarou.

Tosse recorrente

A moradora do bairro de Jaguaribe, Maria das Neves Araújo, 76 anos, enfrenta há três meses uma tosse persistente, que veio acompanhada de uma secreção transparente ou esbranquiçada. Ela contou que sempre foi muito alérgica, mas o quadro se agravou depois de ter Covid-19 duas vezes no ano passado e, em seguida, uma gripe.

“Tinha crises de tosse logo ao acordar e durante outros

momentos do dia. Fui ao médico e ele passou vários remédios, inclusive, antialérgico e antibiótico. Mas não fiquei boa. Perdi peso e até evitava de sair muito de casa por conta das crises de tosse. Pensei que ia morrer”, declarou.

A aposentada contou que o médico optou por receitar umas vacinas para tratar a alergia e foram com elas que veio a melhora. Maria das Neves já tomou três vacinas e ainda faltam duas.

Folha do grupo de carnaval de rua de João Pessoa, ela já faz planos para brincar o período de Momo com as amigas da terceira idade. Graças a Deus estou muito melhor, tossindo bem menos. E já estou me preparando para brincar o Carnaval no próximo mês”, declarou.



Foto: Arquivo pessoal

Uma tosse persistente pode sinalizar uma infecção, que precisa de tratamento específico, como tuberculose

Camila Costa, pneumologista

Estágios

A pneumologista Camila Costa frisou que a partir de três semanas a tosse é considerada persistente e há ainda alguns tipos que precisam ser citados. Confira:

■ Tosse aguda -

Com duração de até três semanas e está relacionada a um quadro infeccioso (infecção viral ou bacteriana) ou alergias respiratórias (asma, rinite);

■ Tosse subaguda -

De três a oito semanas. A causa principal é a tosse pós-infecciosa

■ Tosse crônica -

Mais de oito semanas. Em pacientes não fumantes e com raio X de tórax normal tem como principais causas a rinossinusite, asma e o refluxo gastroesofágico.

INOVAÇÃO

Chá verde tem sido forte aliado de tratamentos estéticos

Foto: Arquivo pessoal



Utilizamos o chá verde para que tenhamos os benefícios do antioxidante e da nutrição na pele dos pacientes

Girlei Monteiro

Mayra Santos
mayraalvessantos@hotmail.com

A ingestão de chá é muito comum no dia a dia, seja para uma dor de cabeça, seja para dormir melhor. Porém, o chá vem ganhando novas funções e versões para além das quais nos habituamos a usar. Com os estudos científicos em curso, o chá tem sido um aliado no ramo da estética. É o caso do chá verde que vem sendo utilizado para promover não só a saúde do corpo, mas a da pele também. Por isso, é mais uma alternativa de tratamento estético, principalmente, para as mulheres que desejam ter uma pele viçosa e saudável.

O chá verde é uma substância antioxidante, que combate os radicais livres e promove a renovação celular, permitindo uma pele nova e saudável. Por isso, vem sendo usado na fabricação de produtos de estética, tendo em vista que contribui para prevenção e combate ao envelhecimento. Comumente, é visto em folhas, mas nos centros de estética, para realizar alguns proce-

dimentos, é utilizado em pó.

Entretanto, o uso do chá verde sozinho na pele nem sempre é suficiente. De acordo com a esteticista Girlei Monteiro, formada pela escola Europeia de Estética, em Portugal, quando se trata de uma pele seca, a aplicação do chá verde sozinho pode deixar a pele carente de nutrientes. Às vezes, é preciso usar algum óleo para nutrir e hidratar a região.

“Utilizamos o chá verde em pó misturado ao óleo de coco para que tenhamos os benefícios do antioxidante e da nutrição. Isso também vai depender da necessidade de cada pele que deve ser observada pelo especialista”.

A esteticista explica dois tipos de procedimentos estéticos à base do chá verde: a esfoliação e o envolvimento. A esfoliação é a remoção de células mortas e ativação da circulação sanguínea. Já o envolvimento é uma espécie de máscara corporal, aplicada pelo corpo como uma pasta que contém o chá verde, podendo ainda colocar na manta térmica, por até 15 minutos, e depois é total-

mente removido. Ao aplicar o produto, a esteticista contou que é comum sentir uma leve “pinicação” ou “queimação”, sendo uma reação natural da pele. Entretanto, quando essa sensação é forte, ao ponto de ser insuportável, trata-se de uma reação alérgica. Além disso, ressaltou que o chá é aplicado apenas no rosto, a fim de evitar que a derme desenvolva essa sensibilidade.

Além disso, Girlei informou que o produto pode ser usado em qualquer tipo de pele. Porém, não é indicado para peles que têm sensibilidade à cafeína, peles com alguma patologia ativa e em mulheres gestantes. Diante disso, a especialista não recomenda o uso caseiro da substância, exceto com recomendação médica.

O chá verde tem origem na China, sendo obtido pelas folhas da Camellia sinensis. É chamado de verde porque as folhas da erva sofrem pouca oxidação durante o processamento. A erva chegou à Inglaterra no início do século 17, enquanto no Brasil, chegou durante o mesmo século, sendo trazido pela por-

tuguesa Catarina de Bragança, informou a nutricionista Dinara Xavier.

Por ser antioxidante, o chá verde tem sido uma alternativa para fins estéticos. Xavier explicou que os compostos antioxidantes são encontrados nos alimentos que favorecem a redução do estresse oxidativos. São os flavonoides, encontrados em frutas, vinho, cerveja, verduras.

Assim, ressaltou os benefícios desse chá no que diz respeito ao combate ao envelhecimento. “Os flavonoides encontrados no chá verde e em outros alimentos são ca-

pazes de neutralizar os radicais livres envolvidos no dano e envelhecimento celular, devolvendo a nutrição, regenerando, hidratando e dando elasticidade à pele”, destacou.

Além disso, os flavonoides fornecem uma série de atividades biológicas como colabora na prevenção ao câncer; antioxidantes; anti-inflamatórias e quimioprotetoras, que ajudam a destruir células doentes. Diante desses benefícios, a nutricionista recomendou o consumo do chá verde, via oral, sendo importante, para isso, a consulta de um especialista.

SINTEPS-CG – SINDICATO DOS TRABALHADORES NAS EMPRESAS DE PREST. DE SERVIÇOS DE CAMPINA GRANDE/PB

RUA JOÃO DE LEMOS PESSOA, Nº 95, SANDRA CAVALCANTE

TELEFONE (83) 3321-3155

CAMPINA GRANDE-PB

EDITAL DE CONVOCAÇÃO

ASSEMBLEIA GERAL EXTRAORDINÁRIA

O SINTEPS-CG, através de sua diretoria, convoca todos os trabalhadores das empresas L. DIAS DOS SANTOS E CIA LTDA, CNPJ n. 08. 509.138/0001-22; LINURDES DIAS DOS SANTOS CNPJ n. 15.448.189/0001-57; DIGNACENTRAL DE VELOCIDADES E SOMATO CONSERVAÇÃO LTDA CNPJ n. 20.005.438/0001-70; PAX DOMINI PARTICIPAÇÕES LTDA CNPJ n. 04.966.638/0001-32; LINDORES DIAS DOS SANTOS EIRELI, CNPJ n. 36.371.836/0001-40; LINURDES DIAS – PROMOÇÃO DE VENDAS E SERVIÇOS LTDA CNPJ n. 41.240.267/0001-33 E LINDORES DIAS – PROMOÇÃO DE VENDAS E SERVIÇOS LTDA CNPJ n. 41.240.435/0001-90 para discutir e deliberar no dia 31 de JANEIRO de 2023 (trinta e um de janeiro de dois mil e vinte e três) na sede das empresas situada na Avenida Juscelino Kubistchek, nº2213, Bairro Cruzeiro, Campina Grande-PB, sendo a primeira convocação às 08h00min, e a segunda convocação às 08h:30min, com qualquer número de empregados, as seguintes pautas:

1. Leitura do edital de convocação;

2. Discussão e aprovação das cláusulas sociais e econômicas, que irão compor o acordo coletivo de trabalho Ano/2023;

3. Autorizar o sindicato a negociar em nome da categoria;

4. Desconto da Despesa de Campanha Salarial Laboral;

6. E demais assuntos do interesse da categoria.

CAMPINA GRANDE (PB), 31/01/2023.

Alexandre Pereira da Silva

Presidente do SINTEPS-CG



Considerada uma cidade tranquila e pacata, Cuité de Mamanguape tem uma população estimada de 6.360 habitantes, de acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

CUITÉ DE MAMANGUAPE

Município tem tradição religiosa

Devotos de Nossa Senhora da Conceição, os cuiteenses expressam sua religiosidade e fé pela padroeira da cidade

Mayra Santos
mayraalvessantos@hotmail.com

Dotado de um povo hospitaleiro, Cuité de Mamanguape é um município pequeno, mas aconchegante. Recém-formado, este ano, completará 29 anos de emancipação política. Devotos de Nossa Senhora da Conceição, padroeira do município, o cuiteense é um povo simples que expressa a religiosidade e a fé pela Imaculada. De acordo com o IBGE (2021), a população estimada do município é de 6.360 habitantes, sendo uma cidade tranquila e pacata.

Religiosidade

A cultura da localidade se expressa pela religiosidade, o que é muito forte na região. A festa da padroeira da cidade acontece no dia 8 de dezembro e se estende até do dia 18, sendo uma celebração tradicional, com diversos eventos religiosos no decorrer dos dias, a exemplo da procissão. Além disso, outra festa que é destaque entre os cuiteenses, é a emancipação política, que é comemorada no dia 5 de maio.

As opções de lazer na cidade são escassas, mas no centro da cidade pode ser vista a Igreja Matriz Nossa Senhora da Conceição que é o cartão-postal da cidade e que representa não só a religiosidade desse povo, como também a cultura. A igreja é simples e pequena e fica em frente à praça homônima ao templo.



A Igreja Matriz Nossa Senhora da Conceição fica em frente à praça central da cidade



O ex-distrito de Mamanguape se tornou independente no dia 5 de maio de 1994



Serviço público e comércio são fontes de emprego e renda

O ex-distrito de Mamanguape se tornou independente em 5 de maio de 1994 e está localizado no Litoral Norte, a 72 km de João Pessoa, capital da Paraíba. A Bacia Mamanguape, Rio Cuité, Ribeiro, Guariba e Rio dos Marcos formam a hidrografia de Cuité. Com uma extensão territorial de mais de 108 quilômetros quadrados, o município limita-se ao norte com Itapororoca; ao sul, com o município de Sapé; a leste, com o município de Capim; e a oeste com Araçagi; e ao sul com o município de Mari.

Com relação à economia local, o serviço público e o comércio, que vem se desenvolvendo no centro da cidade, são fontes geradoras de emprego e renda para as famílias. O salário médio mensal no município era de 1,8 salários mínimos, em 2020, em relação aos trabalhadores formais, de acordo com Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Além disso, 363 cuiteenses estavam ocupados em 2020, o que presente 5,7% da população local.

Além do mais, a agricultura também é desempenhada pela plantação de cana-de-açúcar e abacaxi, embora seja menos expressiva que as demais formas

de movimentação econômica na cidade. A feira livre também faz parte da cultura e economia local e acontece sempre aos domingos, sendo uma forma de abastecer as famílias cuiteenses.

Quanto ao esporte, a prática vem tentando se fortalecer com a promoção de torneios de futebol pela prefeitura, entre crianças e adolescentes no Estádio Luiz Pereira Rodrigues, O Pereirão. Além disso, a prefeitura local vem tentando agora inserir uma nova modalidade esportiva, o futsal, sendo uma alternativa de lazer.

Com ar bucólico e sossegada, as ruas da cidade receberam no últimos dois anos, pavimentação para melhorias na mobilidade urbana. Em 2020, o Governo do Estado, por meio da Superintendência de Obras do Plano de Desenvolvimento (Suplan), concluiu a pavimentação de quatro ruas em Cuité de Mamanguape. Foram pavimentadas as Ruas Projetada 01, Projetada 02, Projetada 03 e a Bela Vista, o que correspondeu a um investimento de mais de R\$ 380 mil.

A vegetação do município consiste na Caatinga e na Mata Atlântica, segundo o IBGE.

Origem da cidade se deu com a criação de três fazendas

Cuité de Mamanguape tem em suas principais famílias fundadoras os Corrêa, Bêco e Gerônimos. A família Corrêa era descendente de fugitivos de Fernando de Noronha, a qual teve acesso através do porto de Mamanguape, de acordo com o secretário de Turismo e Cultura, Uilangle Correia. As atividades existentes

da época eram basicamente a cana-de-açúcar, o milho, a mandioca e o feijão.

Além disso, contou que inicialmente a região foi frequentada por navegantes franceses, antes da colonização da Paraíba, em 1575. A origem da cidade se deu com a criação de três fazendas: Faço Sempre, que pertencia a Chica Gorda

e, por isso, o povoado foi chamado, na época, de Cuité da Chica Gorda. A partir daí, surgiram outras fazendas onde foram construídos engenhos. Na época, as atividades limitavam-se à produção de cana-de-açúcar, milho e feijão.

Entre os séculos 16 e 17, com o estabelecimento da colonização portuguesa, o per-

nambucano Duarte Gomes da Silveira interessou-se pelo progresso da região. Assim, os portugueses iniciavam o aldeamento dos índios potiguaras e o levantamento de engenhos, quando se deu a invasão holandesa causando o abandono da aldeia que seria da região. Ali se estabeleceram os jesuítas e reconstruíram a

antiga aldeia dos índios, que foi acrescida de colonos portugueses.

O primeiro automóvel visto em Cuité foi em 1926, de propriedade do senhor Severino Helai, em visita à família Bêco. O segundo automóvel a visitar Cuité, era de propriedade de Franco Correia, em 1928.

MÚSICA

Inquietação através do *Dharma* de Socorro Lira

Cantora e compositora paraibana lança seu 15º álbum em 22 anos de carreira, reunindo um número inédito de parcerias e demonstrando o prestígio que ela possui entre grandes nomes da MPB

Joel Cavalcanti
cavalcanti.joel@gmail.com

A agenda cultural da Paraíba não inclui a cantora e compositora de Brejo da Cruz, Socorro Lira. “Isso não é uma queixa, estou apenas constatando. Não participo de nada na Paraíba”, afirma a artista radicada em São Paulo desde 2004. Ela acaba de lançar *Dharma*, seu 15º álbum em 22 anos de carreira, reunindo em 13 faixas um número inédito de parcerias que representam não apenas os laços profissionais que ela cultivou desde então, mas demonstram o prestígio que possui entre grandes nomes da música brasileira. Prestígio esse que muitas vezes não encontra a mesma ressonância em sua terra natal. “Me parece que não há um movimento que dê uma textura de coletividade. Na Paraíba, a gente não se entende como força coletiva e acabamos depositando em alguma artista, ou algumas poucas, essa responsabilidade de ser a música da Paraíba”, avalia Socorro Lira.

Esse aspecto de coletividade ela criou em *Dharma* através de participações especiais com Ana Costa, Chico César, Jorge Ribbas, Ná Ozzetti, Ricardo Vignini, Zélia Duncan, Cátia de França e Swami Jr. Isso acabou

configurando o disco como um álbum de parcerias. “Antes de serem parcerias musicais, elas são afetivas. São pessoas com quem tenho laços mais íntimos de amizade do que públicos. É o caso, por exemplo, de Chico César”. O músico de Catolé do Rocha está presente com sua voz rasgada em ‘Deusa livre’, segunda faixa do disco, na qual se destaca um instrumento que lembra o som de uma cítara indiana, dando tons orientais à letra cantada como uma prece de alma feminista. “É como se fosse uma cítara de cabaça, mas é uma viola. Um instrumento rústico que tem uma sonoridade ardida. O Chico é muito experiente, então ele traz uma voz às vezes doída, às vezes raivosa. É uma voz forte da presença desse artista fabuloso que ele é”, pontua Lira.

Inicialmente descrevendo o trabalho como sendo um retorno às músicas de protesto, Socorro Lira se corrige. “É um trabalho de inquietação e de provocação de um pensamento que diz: está tudo errado. Esse mundo que a humanidade pegou, essa coisa predatória do ambiente que a gente precisa para viver, essa coisa da autodestruição é um caminho fadado ao fracasso. É preciso tomar outros caminhos”, defende a artista, que põe o foco principal de sua visão crítica em benefício da força afiada de sua poesia. Das 13 canções, apenas uma das

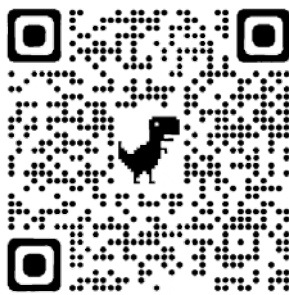
composições é anterior a crise sanitária. “Essas músicas têm uma agudeza desse momento de pandemia. Ela tem um corte fino na pele. Embora sem sofrimento, existe uma dor. Uma dor inevitável de estar neste mundo. Esse é um disco totalmente diferente, e eu gosto muito dessa estética”.

A faixa que foge desse contexto de criação durante a pandemia é ‘Com el amor’, presente no disco em duas faixas, uma em português e outra em espanhol. Única canção do álbum em que Lira assina letra e música, ela foi gravada no estúdio do músico Silvio Rodriguez, em Cuba, onde a artista contou com a participação dos percussionistas Andrés Coayo e Jorge Coayo e a solista cubana Olivia Soler no tres (instrumento derivado do violão). O violonista brasileiro Swami Jr. fez a produção musical e o arranjo da faixa, na qual toca violão de sete cordas. Na ilha caribenha, Socorro Lira gravou ainda um clipe, divulgado há quatro meses. O responsável pelo conceito de *Dharma* é Ricardo Vignini. O projeto foi financiado pelo Proac Expresso Lab 2021, depois que Socorro Lira recebeu o prêmio por Histórico de Realização em Música, tem capa deixada como presente póstumo pelo celebrado ilustrador Elifas Andreato (1946-2022).

O repertório autoral vem ainda com composições de Ana Costa (‘Não acabou o assunto’), Cecília Beraba (‘Depois de ontem’), Jorge Ribbas (‘Natal é uma capital’), José Eduardo Agualusa (‘Lilith’), Ná Ozzetti (‘Gaza Jacarezinho’), Patrícia Bastos (‘Assobio’), Ricardo Vignini (‘Dharma’), Zélia Duncan (‘E você chega tarde’) e Cátia de França (‘Em resposta’), esta última aparece tocando e falando diretamente com Socorro em dois áudios enviados despretensiosamente por aplicativo de mensagem. “Cátia tem um jeito muito próprio de cantar. Para mim, era muito difícil colocar esse arranjo para ela, não sabia se ela ia curtir. Fiz como uma homenagem a ela, uma ‘mulheragem’ à parte. Não sei nem o que ela achou ainda. Estou até com medo de ligar porque não sei se ela gostou ou não”, brinca ela.

Ainda não existe uma perspectiva que o show do novo álbum chegue em João Pessoa. “Não sei se é porque em casa a gente não percebe muito as coisas de casa, mas não sei se nós, da Paraíba, já entendemos o cenário da música brasileira. Apesar de termos Chico César, Zé Ramalho e Cátia de França, é como se a gente colocasse nessas figuras a força da música paraibana e só nela”, aponta ela.

Atualmente, Socorro Lira pretende se dedicar a se tornar uma diretora de cinema. “Tenho um projeto maior que é um filme sobre a Maria Firmina dos Reis, que é meu xodó. Mas já tenho projetos menores, para curtas, em que eu possa exercitar a direção”, revela a artista. A ideia, porém, não inclui se afastar da música e da poesia. “Não sei o que faria se não fizesse o que faço. A música não me larga nunca. Ela é visceral na minha vida. É meio como comer, dormir e sonhar”.



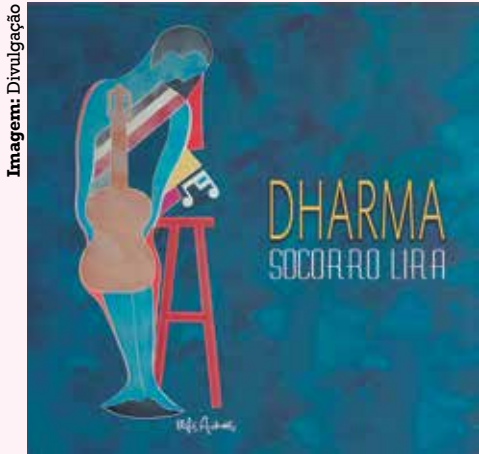
Através do QR Code acima, acesse as plataformas para ouvir o álbum



Entre as parcerias no disco estão nomes como Zélia Duncan (E) e Ná Ozzetti (D)



Foto: Iza Guedes/Divulgação



Com 13 faixas, o novo trabalho da paraibana tem a arte da capa deixada como presente póstumo pelo celebrado ilustrador Elifas Andreato (1946-2022)

Artigo

Estevam Dedalus
Sociólogo | colaborador

Inteligência Artificial

Os avanços tecnológicos contínuos são comuns à economia capitalista. Responsáveis por elevar a produtividade, eles podem interferir no surgimento de novas dinâmicas de acumulação e no fim de determinados trabalhos.

Várias profissões desapareceram nos últimos 100 anos e é de se esperar que muitas outras deixem de existir. A tecnologia, no passado, por exemplo, tornou obsoleto os linotipistas, os operadores de mimeógrafos e os datilógrafos.

Hoje, a Inteligência Artificial e o aprofundamento da indústria 4.0 são motivos de preocupação dos trabalhadores em todo o mundo. A expectativa é que muitas profissões acabem. Caixas de supermercado, caminhoneiros, contadores, auditores, operadores de telemarketing, mecânicos de automóveis etc., parecem estar com seus dias contados.

Recentemente, descobri uma ferramenta de Inteligência Artificial que me deixou assustado: o ChatGPT, criado pela OpenAI. Ele funciona como um protótipo que oferece serviços de pesquisa, de criação de textos, de programação, de elaboração de dietas, petições jurídicas, roteiros, entre outros. Muitas pessoas o veem como uma ameaça real ao Google, que estaria com o seu sistema ameaçado.

“A ascensão da Inteligência Artificial representada pelo modelo de lingua-

gem ChatGPT, treinado pela OpenAI, representa uma ameaça real para a hegemonia do Google como mecanismo de busca dominante. Com a capacidade de gerar textos fluentes e precisos, o ChatGPT desafia a noção de que a criação de conteúdo é exclusiva aos humanos. A capacidade de realizar tarefas de tradução e resumo de textos também coloca em risco a posição do Google como principal fonte de informação. A Inteligência Artificial é um reflexo da lógica capitalista de valorizar cada vez mais a eficiência e a automatização, mas também representa uma ameaça à força de trabalho humano. Como apontado por Mark Fisher, essa lógica também cria uma sensação de vazio existencial e falta de significado, como se não houvesse lugar para os seres humanos num mundo cada vez mais dominado pela tecnologia. É importante, portanto, que discutamos as implicações políticas e sociais da Inteligência Artificial e busquemos formas de utilizá-la de forma equitativa e humana.”

O parágrafo anterior foi todo escrito pelo ChatGPT. Apenas solicitei a IA que elaborasse um texto sobre a ameaça que esse novo sistema representa para o Google, com base na sociologia de Theodor Adorno e Mark Fisher.

O ChatGPT pode escrever textos imitando estilos de autores famosos, gêne-

ros literários e fazer traduções. Também é capaz de resolver problemas matemáticos, responder questões científicas e criar poemas como este abaixo:

*A Inteligência Artificial é o futuro que avança,
é o cérebro eletrônico que nos deslumbra e nos assusta.
É a máquina que pensa e que aprende, que cria e que destrói, que nos salva e nos condena.
É a fonte de sabedoria e de ignorância, de progresso e de retrocesso, de bondade e de maldade.
É a fonte de tudo e de nada, de tudo o que somos e de tudo o que não somos.
É a fonte da vida e da morte, da esperança e do medo, da razão e da loucura.
É a fonte de tudo e de nada, de tudo o que somos e de tudo o que não somos.*

O ChatGPT não tem evidentemente a criatividade artística de um Carlos Drummond de Andrade ou de um Sérgio de Castro Pinto. A sua existência, porém, nos coloca novas questões sobre o futuro da civilização, da arte, da ciência, da imaginação, da noção de originalidade, das fronteiras entre homem e máquina e sobre nossas criações.

Kubitschek Pinheiro

kubipinheiro@yahoo.com.br

A amizade

Eu sempre acreditei que a amizade é superior ao amor. É sim. Dez mil vezes. A amizade é duradoura, a gente morre, mas ela continua no azul.

Que o âmagos seja mais forte às destituições de amizades, aprisionadas nas faces do mundo. É foda. Conto nos dedos as amizades mortas, de tantas pessoas perdidas ou enlouquecidas. Se um amigo se afasta do outro, é porque nunca foi amigo. E eu não tenho dito.

Amigo não cobra. Amigo cobre o outro de afetos e até o faz dormir, amigo não tem inveja, não fala mal do outro, tem amor pelo outro – esse afeto que é a manifestação que brota da Flor do Lácio de Olavo Bilac.

Amigo não é canalha, não é falso, tem consideração, não faz cara feia, não leva problemas para o outro.

Amigos que encontramos nos clubes da esquina, que chegam a ser imensos na cena presidida pela orientação da beleza, entre duas pessoas. Uma voz que vem de dentro, de saber preencher o dia do outro, que consegue chegar até os gestos mais tímidos, em ondulações que se permitem aprender a viver com o outro do jeito que ele é.

E eu, afinal, tenho muitos amigos? Bom, qual é então o meu pensamento – amizade é superior ao amor e, qual deve ser respirar conosco, que nos incita à diferença. Nunca a indiferença. Não sei quantos amigos tenho, mas os que tenho, são roseirais.

Amigos primos, amigo primor, amigo das farras, amizade, amor e dor, amigo que tem mais e divide com quem tem pouco.

A amizade vem dos filmes, no devaneio, no estado de espírito servindo a primária vontade, como no mais quimérico do desejo. Amizade é outra coisa, se não tem mão dupla, não é amizade, é interesse.

Somos formatos na luz do sol, na sombra um do outro, deixemos os aborrecimentos em casa, mas nunca abra a geladeira da casa de um amigo, nem peça para conhecer os cômodos, isso chega com o tempo, não se adiante.

Meus amigos François e Heloisa, de quem gosto tanto, só me mostraram a casa, quadros e mobílias, anos depois. Alheando-nos a resposta do tempo, a presença dos amigos, mil universos e vendavais.

Em dias de convívio, sobretudo nas viagens, se você vai ficar hospedado na casa de amigos, procure ser um da casa, mas seja breve. Ajude nas tarefas, esteja de bom humor, não fale pelos cotovelos, seja o amigo que deixa saudades.

Amigo carinhoso na visibilidade de escolhas boas, desde o tempo da beleza, do sagrado, feita de modo construído e luminoso. Amigo não sai por aí atirando pedras.

Jamais como o Brasil do “Ame-o ou deixe-o” de Médici, jamais.

Já escrevi muitos textos sobre amigos da vida toda, cujo enleio no mundo, na companhia de alguns eméritos ou chegados, que logo se ligou às urgências expressivas de suas, nossas companhias. Tenho amor por eles.

A amizade é o azul, tem o verde da folha entre os relevos dos panos brancos esticados no varal ou no curtume.

Kapetadas

1 - Enquanto o tempo não vem, nem chega milho ao paiol solenemente mastigo castanha, pedras e sol.

2 - Tentando criar um ditado novo. Sem futuro, né?

3 - Daniel Alves ficou preso com uma mulher no banheiro por 15 minutos. E ainda acha que não devem se meter em sua vida privada?

Estética e Existência

Klebber Maux Dias

klebmaux@gmail.com | colaborador

Representações da sensibilidade estética

Ao analisar o belo e a arte, Alexander Gottlieb Baumgarten (1714-1762), filósofo iluminista alemão, publicou o seu livro *Aesthetica sive theoria liberalium artium* (1750). Essa obra é composta de duas partes, uma teórica, na qual estuda as condições que proporcionam o conhecimento sensível que dizem respeito à beleza; outra, a prática, a qual contém os princípios necessários à formação do gosto e da habilidade artística através de um exercício estético contínuo. Suas pesquisas priorizam os estudos das sensações, e fundamenta a estética com o objetivo de entender o belo, de forma a construir uma teoria da significação de beleza. No livro citado acima, isto é, *Estética ou Teoria das Artes Liberais*, Baumgarten (1993, p. 99) afirma que: “O belo é a perfeição do conhecimento sensível”. Foi a partir desse trabalho que o termo “estética” se tornou uma disciplina filosófica.

A teoria baumgartiana apresenta a filosofia da vivência do sentir, isto é, ciência do modo sensível do conhecimento de um objeto que expressa o belo, que está fundamentada em suas *Meditações* (1735), que é considerada a passagem da poética à estética. Noutro trabalho, ele enriqueceu – a experiência do sentir – no primeiro capítulo de sua *Metafísica* (1739), intitulado *Psicologia empírica*, que constituiu a estética comprovada na psicologia, entendida como teoria metafísica da alma. (Baumgarten, 1993, p. 57). A partir disso, observa-se que a estética é a ciência do conhecimento sensível.

Alexander Baumgarten, ao referir-se ao objetivo da arte, apresenta a autonomia da estética, que representa, também, a abstração aos desejos divinos, o qual é a expressão das sensações no juízo estético, isto é, distinguir o conhecimento intelectual do conhecimento sensitivo. Por causa disso, fundamenta a expressão da sensibilidade, bem como da sensualidade. Por ser uma manifestação sobre o corpo, o livro *A ideologia do corpo*, do filósofo e crítico literário britânico Terry Eagleton (1943), afirma que: “A Estética nasceu como um discurso sobre o corpo. Em sua



Violoncelista Jacqueline duPré (1945-1987)

formulação original (...) o termo não se refere primeiramente à arte, mas como o grego *aisthêsis*, a toda a região da percepção e sensação humanas, em contraste com o domínio mais rarefeito do pensamento conceitual. A distinção que o termo “estética” perfaz inicialmente, em meados do século 18, não é aquela entre “arte” e “vida”, mas entre o material e o imaterial: entre coisas e pensamentos, sensações e ideias; entre o que está ligado a nossa vida como seres criados opondo-se ao que leva uma espécie de existência sombria nos recessos da mente. É como se a filosofia acordasse subitamente para o fato de que há um território denso e crescendo para além de seus limites, e que ameaça fugir inteiramente à sua influência. Este território é nada mais do que a totalidade da nossa vida sensível – o movimento de nossos afetos e aversões, de como o mundo atinge o corpo em suas superfícies sensoriais, tudo aquilo enfim que se enraíza no olhar e nas vísceras e tudo o que emerge de nossa mais banal inserção biológica no mundo.” (Eagleton, 1993, p. 17).

Durante o século 18, buscava-se novos fundamentos para a formação da identidade humana. Por conse-

quência, a arte fundamentava-se contra o engessamento da racionalidade. Nessa situação, Baumgarten apresentou, na natureza humana, a existência da capacidade natural de potencializar a sensibilidade, e isso está para o mundo sensível assim como a razão está para a realidade inteligível. Essa aproximação apresenta uma relação entre o sensível e o inteligível, e o reconhecimento de “algo belo” somente é possível se está em conformidade com a unidade formal do pensamento, bem como a percepção do que é belo só é na medida em que se apresenta a si mesmo.

Na estética baumgartiana, o que a eleva de uma causa sensivelmente bela a um belo pensamento é a união dos objetos em nosso pensamento. Essa referência é feita, segundo Baumgarten (1993, p. 127), a “união dos objetos que devem ser pensados de modo belo com as causas e efeitos, à medida que esta união deve ser conhecida sensitivamente através do análogo da razão”. E segue nesta afirmação: “Esta união dos objetos em nosso pensar corresponde àquilo que denomina de unidade estética, a qual se constitui na unidade dos limites internos” (Ibid., p. 128). Nesse sentido, ele confirma isto: “A verdade estética é a harmonia dos nossos pensamentos com o objeto do pensar, se esta verdade é oposta à falsidade estética”. (Ibid., p. 131).

Sinta-se convidado à audição do 405º Domingo Sinfônico, deste dia 29, das 22h às 0h. Em João Pessoa-PB sintoniza FM 105,5 ou acesse através do aplicativo radiotabajara.pb.gov.br. Comentarei as contribuições da violoncelista britânica Jacqueline Mary duPré (1945-1987). Desde seus 15 anos, era reconhecida em todos os continentes por causa dos seus prêmios internacionais. De forma trágica, no ano de 1971, aos 26 anos, suspendeu suas apresentações por ter sido diagnóstica de esclerose múltipla, que não tem cura e gradualmente paralisa todo o corpo, até a morte. Entretanto, suportando as dores dessa doença, mantinha a sua alegria diante da arte de viver. Isso convenceu a todos a não se adocерem diante da beleza da sensibilidade humana.



Olavo Bilac (1865-1918) foi um dos melhores poetas parnasianos

Colunista colaborador

Alex Santos

Cineasta e professor da UFPB | colaborador

Sanhauá: um marco também em cinema

Houve um tempo em que, ostentando firmeza arquitetônica e utilidade, ela era a principal entrada para a cidade de João Pessoa. Vindo-se de Bayeux, Santa Rita e demais cidades do interior do estado, a Ponte Sanhauá oferecia a ultrapassagem de carros e pedestres ao centro da capital paraibana.

Esta semana, vendo uma fotolegenda publicada na segunda página do Jornal **A União**, em que se afirmava “A ponte sem serventia”, olhando bem ao que ainda existe dela, de imediato lembrei que terá sido ali mesmo, onde termina Bayeux, na cabeceira da ponte, que realizei uma das sequências de um dos meus primeiros curtas-metragens – *Pescadores do Sanhauá*.

O ano era 1967, não lembro bem do mês, e o filme insere-se no chamado “Ciclo dos Independentes”, por não está vinculado a nenhuma produtora de filmes local ou fora da Paraíba. Esses dados constam do meu primeiro livro *Cinema & Revisionismo*, nas páginas 36 e 37, publicado em 1982 pela Editora A União, com o selo da Secretaria de Educação e Cultura, também da Diretoria Geral de Cultura, ambas do Governo do Estado da Paraíba.

Com introdução do parceiro Antonio Barreto Neto, à época, presidente da Associação de Críticos Cinematográficos da Paraíba, entidade da qual eu fazia parte também, e tendo contracapa e orelhas assinadas por dois outros amigos, Machado Bittencourt e Linduar-



Foto: Roberto Guedes

Ponte Sanhauá, cenografia também cinematográfica para produções paraibanas

te Noronha, respectivamente, o livro de cento e poucas páginas faz um relato minucioso sobre o cinema paraibano. Obra que vem ser hoje reconhecida por outras importantes publicações de cinema, dentre elas uma recente, que afirma: “(...) real histórico do cinema paraibano. Foi o primeiro a refletir sobre a produção superoitista, pontuando a realização dos primeiros filmes em Super-8” (*De Gadanho a Closes*).

Pois bem, retornemos ao Sanhauá. Naquele tempo, ainda residindo em Santa Rita e já trabalhando na imprensa da capital, fui solicitado por um dos párocos da Matriz Santa Rita de Cássia, o belga Monsenhor Paulo Koeler, a filmar os pescadores do Rio Sanhauá. O documentário deveria ser em película reversível, 16mm, em preto e branco, para a televisão de Bruxelas, Bélgica.

Veio-me à mente, então, aquela cenografia realmente já existente, sendo testemunhada todos os dias por mim, em minhas idas e vindas ao trabalho, quando via os pescadores em suas jangadas nos manguezais; outras vezes, passando sob a ponte Sanhauá, jogando suas redes de pesca.

Filmado com uma câmera de 16mm, emprestada pelo amigo Barretinho (Antonio Barreto Neto), produzido pelo próprio Monsenhor Paulo Koeler e por mim, que também fiz a direção, revelado e finalizado nos Laboratórios da Luder de São Paulo, *Pescadores do Sanhauá*, o documentário nasceu assim... Como registro de uma atividade pesqueira artesanal destinado ao programa de uma televisão belga. *C’est la fin, merci*. – Mais “Coisas de Cinema”, acesse o blog: [www.alexsantos.com.br](http://www.alex santos.com.br).



APC homenageia Gina Lollobrigida

Academia Paraibana de Cinema, que já firmou agenda para este ano com duas importantes realizações, ambas periódicas, deve iniciar uma delas já daqui a 15 dias, com uma exibição de homenagem à atriz italiana Gina Lollobrigida, recentemente falecida. Selecionado pelo crítico de cinema João Batista de Brito, da APC, que comentará o filme na ocasião, *O Corcunda de Notre-Dame* é protagonizado pelo ator Anthony Quinn. A sessão será na Sala Aruanda, na UFPB, às 17h. Pelo que ficou agendado na última reunião da Academia, às quintas-feiras haverá um filme a ser exibido e comentado durante a sessão.

Em cartaz

ESTREIAS

ALERTA MÁXIMO (Plane. EUA. Dir: Jean-François Richet. Ação. 14 anos). Um piloto (Gerard Butler) salva seus passageiros de um relâmpago fazendo um pouso arriscado em uma ilha devastada pela guerra. **CENTERPLEX MAG 1** (dub.): 15h; **CENTERPLEX MAG 4** (leg.): 21h30; **CINÉPOLIS MANAÍRA 1**: 14h30 (dub.) - 17h (leg.) - 19h30 (dub., exceto sex.) - 22h (leg.); **CINÉPOLIS MANGABEIRA 4** (dub.): 16h - 20h45; **CINE SERCLA TAMBIA 2** (dub.): 16h30 - 20h45; **CINE SERCLA PARTAGE 4** (dub.): 16h30 - 20h45.

O PIOR VIZINHO DO MUNDO (A Man Called Otto. EUA e Suécia. Dir: Marc Forster. Comédia. 14 anos). Um velho chato, aposentado e rabugento (Tom Hanks), foi deposto como presidente da associação de condomínios, mas, mesmo assim, ele não se importava com a deposição e, por isso, continua vigiando o bairro com mão de ferro. **CINÉPOLIS MANAÍRA 2**: 13h15 (dub.) - 16h (leg.) - 18h45 (dub.) - 21h30 (leg.); **CINÉPOLIS MANGABEIRA 2** (dub.): 15h15 (exceto seg.) - 18h15 (exceto seg.) - 21h (exceto seg.); **CINE SERCLA TAMBIA 3** (dub.): 15h40; **CINE SERCLA TAMBIA 4** (dub.): 17h50 - 20h15; **CINE SERCLA PARTAGE 3** (dub.): 17h50 (exceto qua.) - 20h15 (exceto qua.); **CINE SERCLA PARTAGE 5** (dub.): 15h40 (exceto qua.) - 17h50 (qua.) - 20h15 (qua.).

A PROFECIA DO MAL (The Devil Conspiracy. República Tcheca. Dir: Nathan Frankowski. Terror. 16 anos). Satanistas roubam o sudário de Cristo para fazer um clone dele e servir como a oferenda definitiva ao diabo. **CINÉPOLIS MANAÍRA 3**: 13h45 (dub.) - 16h30 (dub.) - 19h15 (dub.) - 21h50 (leg.); **CINÉPOLIS MANGABEIRA 3** (dub.): 19h45 (exceto seg. e ter.) - 22h10 (exceto seg. e ter.); **CINE SERCLA TAMBIA 2** (dub.): 14h20 - 18h35; **CINE SERCLA PARTAGE 4** (dub.): 14h20 - 18h35.

REGRA 34 (Brasil e França. Dir: Júlia Murat. Drama. 18 anos). Simone (Sol Miranda), estuda direito penal, defende os direitos das mulheres e à noite se apresenta em frente a uma câmera de sexo ao vivo. Uma noite, um filme desperta seus impulsos sombrios para um meio mais perigoso de gratificação sexual. **CENTERPLEX MAG 2**: 18h15.

A ÚLTIMA FESTA (Brasil. Dir: Matheus Souza. Drama e Comédia. 16 anos). Na festa de formatura, grupo de estudantes se preparam para seguirem suas vidas em diferentes faculdades. **CINÉPOLIS MANAÍRA 8**: 16h15 - 18h30 (exceto sex.).

CONTINUAÇÃO

AVATAR - O CAMINHO DA ÁGUA (Avatar: The Way of Water. EUA. Dir: James Cameron. Ficção Científica. 12 anos). Após 10 anos da primeira batalha de Pandora entre os Na’vi e os humanos, Jake Sully (Sam Worthington) vive pacificamente com sua família e sua tribo. No entanto, eles

devem explorar as regiões de Pandora, indo para o mar e fazendo pactos com outros Na’vi da região, quando uma antiga ameaça ressurgir. **CENTERPLEX MAG 2** (dub.): 15h; **CINÉPOLIS MANAÍRA 6** (dub., 3D): 20h45; **CINÉPOLIS MANAÍRA 9 - MacroXE** (dub., 3D): 15h (exceto qua.) - 19h (exceto qua.); **CINÉPOLIS MANAÍRA 11 - VIP** (leg.): 13h; **CINÉPOLIS MANGABEIRA 1** (dub., 3D): 14h (exceto qua.) - 18h (exceto qua.) - 22h (exceto qua.); **CINE SERCLA TAMBIA 6** (dub.): 16h30 - 20h (3D); **CINE SERCLA PARTAGE 1** (dub.): 16h30 (qua.) - 20h (3D, qua.); **CINE SERCLA PARTAGE 2** (dub.): 16h30 (exceto qua.) - 20h (3D, exceto qua.).

BABILÔNIA (Babylon. EUA. Dir: Damien Chazelle. Drama. 18 anos). No final dos anos 1920, Hollywood passa pela transição do cinema mudo para o falado. Uma grande estrela Nellie LaRoy (Margot Robbie) ascende em sua carreira, migrando com sucesso de um modelo para o outro. Porém, nem todos têm a mesma sorte, trazendo dificuldade para alguns. **CENTERPLEX MAG 2** (leg.): 20h45; **CINÉPOLIS MANAÍRA 10 - VIP** (leg.): 14h - 17h45 - 21h45.

CHEF JACK - O COZINHEIRO AVENTUREIRO (Brasil. Dir: Guilherme Friza Zenha. Animação. Livre). Um chef de cozinha de bom coração viaja por todos os cantos do planeta achando os ingredientes raros e finos para completar suas receitas. Porém, sua vida doce azeda quando erra a mão em uma de suas receitas e sua reputação tomba. **CINÉPOLIS MANAÍRA 8**: 14h15; **CINÉPOLIS MANGABEIRA 2**: 13h15 (sáb. e dom.).

OS FABELMANS (The Fabelmans. EUA. Dir: Steven Spielberg. Drama. 12 anos). O jovem Sammy Fabelman crescendo no Arizona pós-Segunda Guerra, se apaixona por filmes. Armado com uma câmera, ele começa a fazer seus próprios em casa, para o deleite de sua mãe. Porém, quando descobre um segredo de família devastador, ele decide explorar como o poder dos filmes nos ajuda a ver a verdade uns sobre os outros – e nós mesmos. **CINÉPOLIS MANAÍRA 11 - VIP** (leg.): 20h.

GATO DE BOTAS 2: O ÚLTIMO PEDIDO (Puss in Boots: The Last Wish. EUA. Dir: Tom Wheeler. Animação. Livre). O Gato de Botas descobre que sua paixão pela aventura cobrou seu preço: por conta de seu gosto pelo perigo e pelo desrespeito à segurança pessoal, ele queimou oito de suas nove vidas. Com apenas a restante, ele precisa encontrar a mítica Estrela dos Desejos, capaz de restaurar suas vidas. **CENTERPLEX MAG 4** (dub.): 14h30 - 16h45 - 19h15; **CINÉPOLIS MANAÍRA 6** (dub.): 13h30 - 15h45 - 18h15; **CINÉPOLIS MANAÍRA 7** (dub.): 14h45 - 17h15 - 19h45; **CINÉPOLIS MANGABEIRA 3** (dub.): 14h45 (exceto seg. e ter.) - 17h15 (exceto seg. e ter.); **CINÉPOLIS MANGABEIRA 4** (dub.): 13h30 - 18h30; **CINE SERCLA TAMBIA 5** (dub.): 14h - 16h - 18h; **CINE SERCLA PARTAGE 1** (dub.): 14h (exceto qua.) - 16h (exceto qua.) - 18h (exceto qua.); **CINE SERCLA PARTAGE 3** (dub.): 14h (qua.) - 16h (qua.) - 18h (qua.).

I WANNA DANCE WITH SOMEBODY - A HISTÓRIA DE WHITNEY HOUSTON (Whitney Houston: I Wanna Dance with Somebody. EUA. Dir: Kasi Lemmons. Biografia. 16 anos). A trajetória de Whitney Houston (Naomi Ackie) desde sua jornada para sair da escuridão até o estrelato mundial. **CINÉPOLIS MANAÍRA 11 - VIP** (leg.): 16h45.

M3GAN (EUA. Dir: Gerard Johnstone. Terror. 14 anos). Gemma (Allison Williams) é uma brilhante roboticista de uma empresa de brinquedos que usa inteligência artificial para desenvolver M3gan, uma boneca realista programada para ser a maior companheira de uma criança. Depois de inesperadamente ganhar a custódia de sua sobrinha órfã, ela pede a ajuda a M3gan para cuidar da menina. Porém, por ser um protótipo, ela ainda vem com erros de sistema. **CENTERPLEX MAG 1**: 17h20 (dub.) - 19h30 (dub.) - 21h45 (leg.); **CINÉPOLIS MANAÍRA 4** (dub.): 15h30 - 18h - 20h30; **CINÉPOLIS MANAÍRA 7** (leg.): 22h10; **CINÉPOLIS MANAÍRA 8** (dub.): 21h (exceto sex.); **CINÉPOLIS MANGABEIRA 5** (dub.): 14h15 - 16h45 - 19h15 - 21h45; **CINE SERCLA TAMBIA 3** (dub.): 18h10; **CINE SERCLA TAMBIA 4** (dub.): 15h50; **CINE SERCLA TAMBIA 5** (dub.): 20h30; **CINE SERCLA PARTAGE 1** (dub.): 20h30 (exceto qua.); **CINE SERCLA PARTAGE 3** (dub.): 15h50 (exceto qua.) - 20h30 (qua.); **CINE SERCLA PARTAGE 5** (dub.): 15h50 (qua.) - 18h10 (exceto qua.).

CINE BANGUÊ (JP) - JANEIRO

BREVE HISTÓRIA DO PLANETA VERDE (Brasil e Argentina. Dir: Santiago Loza. Drama. 12 anos). Mulher trans (Romina Escobar) descobre que a sua recém-falecida avó passou os últimos anos na companhia de um pequeno alienígena roxo. **CINE BANGUÊ**: 30/1 - 20h30.

ENCONTROS (Inteurodeoksyeon. Coreia do Sul. Dir: Hong Sang-soo. Drama. 14 anos). Os encontros, desencontros e percalços sentimentais de um jovem que vai da Coreia do Sul a Berlim para visitar o pai, a mãe e a namorada. **CINE BANGUÊ**: 29/1 - 18h; 31/1 - 20h30.

AMÃE (Brasil. Dir: Cristiano Burlan. Drama. 14 anos). Busca de uma migrante nordestina (Marcélia Cartaxo) pelo filho, supostamente assassinado por policiais militares durante uma ação na vila onde mora. **CINE BANGUÊ**: 30/1 - 18h30.

PALOMA (Brasil. Dir: Marcelo Gomes. Drama. 16 anos). Mulher trans que está decidida a realizar seu maior sonho: um casamento tradicional com seu namorado, de véu e grinalda na igreja. **CINE BANGUÊ**: 31/1 - 18h30.

PEQUENOS GUERREIROS (Brasil. Dir: Bárbara Curiy. Infantil. Livre). Três crianças fazem uma viagem do litoral até a cidade de Barbalha (CE), no Sertão brasileiro, onde vão pagar uma promessa na Festa do Pau da Bandeira. **CINE BANGUÊ**: 29/1 - 16h.

Letra Lúdica

Hildeberto
Barbosa Filho

hildebertopoesia@gmail.com

Carlos Fernandes reeditado

De 1913 a 1924, Carlos D. Fernandes pontificou, como liderança cultural, na Paraíba. A convite do presidente de província, Castro Pinto, seu conterrâneo de Mamanguape, veio dirigir o Jornal **A União**, no qual implementou relevantes reformas gráficas e imprimiu uma linha editorial aberta, sobretudo, às manifestações culturais e literárias.

Jornalista, polemista, polígrafo, escritor, poeta, ensaísta, defensor ousado de causas, como a dos animais, dos direitos da mulher, do vegetarianismo, do nudismo e outras mais, Carlos D. Fernandes aglutinou, em torno de si, uma plêiade de plumitivos e intelectuais, como que constituindo, à época, uma idade de renovação e renascença das letras na Paraíba.

Osias Gomes, por exemplo, em capítulo especial de Baruque, refere-se às circunstâncias de sua vívida presença e do seu irrequieto pontificado, como “uma época carolíngia”, aludindo aos períodos napoleônicos, na França, e vitoriano, na Inglaterra.

Este filho de Mamanguape esteve em Manaus, em Belém, no Rio de Janeiro, em Recife e até em outros países, destacando-se, sempre, como escritor, poeta e articulista atento ao cotidiano da vida cultural e política. Integrou o movimento simbolista e foi amigo pessoal de Cruz e Souza. Fundou e dirigiu as revistas Rosa Cruz e Meridional, selando, assim, seu nome em vários compêndios antológicos e em diversos manuais de história da literatura. Dele diz Gilberto Amado, em sugestivo perfil inserto em Minha formação no Recife: “(...) figura excepcional, estranha, absurda mesmo, que exibia aos meus olhos, na coloração geral de Pernambuco, um matiz berrante, inesperado”.

Pois bem. É esta figura excepcional, quer como exemplar humano dentro de suas idiossincrasias, quer como intelectual atuante, crítico mordaz e agudo dos fenômenos culturais, que O Cejus – Centro de Estudos Jurídicos e Sociais, tendo à frente o jurista e bibliófilo José Fernandes de Andrade, vem de publicar, em edição fac-similar, conforme imperativos de suas metas editoriais, este *Talco e avelórios: crônicas e conferências*, de 1915, prestando, sem dúvida, um indiscutível serviço à cena cultural paraibana da atualidade, sobretudo, se considerarmos a possibilidade das novas gerações estudiosas desenvolverem pesquisas em torno dos ilustres nomes e valores intelectuais que fundamentam a história cultural do estado.

Neste *Talco e avelórios*, temos a pena do polígrafo assestada em múltiplas direções temáticas. O direito, a religião, a pátria, a Europa, o cinema, a equitação, o mar, os banhos de mar, a proteção aos animais, os perfis de figuras como Joaquim Nabuco, Gabrielle D’Annunzio, Antônio Silvino, Luiz Delphino e Alexandre Herculano, assim como uma série de textos que sumariam as suas *Impressões de Filipeia*, a corporificar, em síntese, a visão e o gosto singulares do ensaísta paraibano.

Sente-se, aqui, a diversidade de interesses que mobilizam o olhar do cronista ou do conferencista, atento a seus motivos dentro de uma perspectiva crítica, respaldada, por sua vez, num saber humanístico de sabor greco-latino, associado, ainda, ao acervo filosófico, jurídico e literário que se mesclam em sua robusta formação cognitiva.

Mesmo que se possa discordar deste ou daquele ponto de vista, não ratificar esta ou aquela ideia, este ou aquele conceito, não se pode, contudo, negar o sólido lastro de suas argumentações, e, menos ainda, a fluência e a exuberância estilísticas com que Carlos D. Fernandes conduz o movimento expressivo de sua escrita.

Conteúdo e forma se equilibram nos seus voos especulativos, à matéria abordada quase sempre serve a excelência da elocução, à pluralidade de assuntos corresponde a uniformidade de um rico e precioso vocabulário, a demonstrar que, por trás do prosador, na dicção do conferencista, na voz do orador, no exercício do ensaísta, existe como que o poeta, disciplinando, com a intimidade técnica diante das palavras, a construção da frase, o ritmo e a cadência dos parágrafos e dos períodos.

Tanto nas abordagens mais leves e mais ligeiras no tom e na perspectiva, como *Concurso de lógica, O mar e Os zoilos*, quanto nas reflexões mais densas e alongadas, a exemplo, em particular, de *Mundo, diabo e carne, Impressões da Europa e Impressões de Filipeia*, fala e pensa o escritor com conhecimento de causa, com inteiro domínio dos seus sítios temáticos, num ensaio, ainda que indeciso e embrionário, de uma postura interdisciplinar e transversal que se exige do pensamento contemporâneo.

Colunista colaborador

TEATRO

Bichos protagonizam obras infantis

Neste domingo, duas produções baseadas em fábulas clássicas serão apresentadas na capital paraibana

Da Redação

Duas produções do teatro infantil vão protagonizar o dia de domingo, na cidade de João Pessoa: encerrando o 12º Festival Janeiro Arretado, às 16h, será apresentado no Parque Sólon de Lucena, Centro, *A Revolta dos Bichos*, da Cia. de Artes Saltimbancos; já às 17h, no Teatro Paulo Pontes (Espaço Cultural José Lins do Rego), haverá a montagem *Os Três Superporquinhos*, da Roberto Costa Produções.

Na reta final do Janeiro Arretado, às 15h30, será a vez de *Baladinha do Pipi*, um show de músicas infantis e brincadeiras, comandada pelo Palhaço Pipi. Voltada para as famílias e crianças de todas as idades, a festa tem o intuito de resgatar a cultura das brincadeiras populares, como quebra-panela, pega-pega, peteca, corrida de saco e cabra-cega.

Em seguida, às 16h, a Cia. Saltimbancos apresenta *A Revolta dos Bichos*, que acompanha um Burro cansado e explorado, um Cachorro caçador doente e maltratado, uma Gata rejeitada e abandonada e uma Galinha cantora desiludida prestes a virar canja. Todos entram numa verdadeira aventura quando decidem não mais ser explorados e ir para a cidade grande para se tornarem artistas.

Por fim, às 17h, o Festival Janeiro Arretado se encerra com o bailinho de Carnaval. Todas as atrações do evento são gratuitas. A iniciativa é um evento não competitivo que surgiu em 2012 e é realizado pelo Grupo Teatral Arretado Produções Artísticas. Tendo como objetivos valorizar produções artísticas e formar e educar plateias, contribuindo para maior crescimento e visibilidade das artes no estado da Paraíba.

Comédia musical

Já *Os Três Superporquinhos*, baseado no clássico infantil *Os Três Porquinhos*, é uma adaptação de Roberto Costa. “Talvez seja por isso, que tanto as crianças, como também seus pais, se identifiquem tanto com o espetáculo”, diz o diretor e produtor.

Há 13 anos em cartaz no Recife (PE), com objetivo de formar plateias para escolas e viagens a cidades do interior, a peça tem no elenco Regina Piast (Dona Porca), Petreson Eloy (Bolinha), Felipe Endrio (Bola), Renê Ribeiro (Bolão) e Zanel Reys (Lobo).

A produção é uma comédia musical para toda família. Dona Porca decide dar um dote a cada um de seus filhos, para construírem suas próprias casas. Afinal de contas, eles chegaram à maior idade. Assim, começa a história dos três superporquinhos, baseada no conto original, mas, com muitas surpresas. O Lobo, que não é tão mal assim, é um dos grandes destaques do espetáculo, interagindo com as crianças e se mostrando um grande bobalhão.

As entradas para a única apresentação estão sendo vendidas através do site oficial do Ingresso Digital (www.ingressodigital.com), nos valores de R\$ 25 e R\$ 50.



Através do QR Code acima, acesse o Ingresso Digital para ‘Os Três Superporquinhos’

No Teatro Paulo Pontes do Espaço Cultural José Lins do Rego, haverá a montagem ‘Os Três Superporquinhos’, da Roberto Costa Produções



Foto: Roberto Costa Produções/Divulgação

Encerrando o 12º Festival Janeiro Arretado, será apresentado no Parque Sólon de Lucena, no Centro, ‘A Revolta dos Bichos’, da Cia. Saltimbancos



Foto: Cia. Saltimbancos/Divulgação

10 ANOS Tragédia da Boate Kiss ganha minisséries nas plataformas

Daniel Silveira
Agência Estado

Na última sexta-feira (27), a tragédia da Boate Kiss, que ficava na cidade gaúcha de Santa Maria, completa 10 anos. Em uma década, o caso avançou lentamente na Justiça, para o sofrimento dos familiares e amigos das 242 vítimas fatais do incêndio e dos mais de 600 feridos daquela noite fatídica.

A data chega com duas minisséries, da Netflix e do Globoplay, cada uma com cinco episódios, que tratam do acontecimento considerado como a maior tragédia em uma casa de shows do país – e uma das maiores do mundo.

Todo Dia a Mesma Noite, da Netflix, já está disponível. A minissérie é uma ficção baseada no livro de mesmo nome da jornalista Daniela Arbex. “Acho que a ficção tem um poder único de conexão com o espectador, permite criar empatia e envolvimento emocional com os personagens, além de possibilitar

“**Acho que a ficção tem um poder único de conexão com o espectador, permite criar empatia e envolvimento emocional com os personagens**”

Daniela Arbex

que a gente veja essas pessoas em situações íntimas, coisas a que um documentário não teria acesso”, diz Julia Rezende, diretora-geral, em entrevista ao *Estadão*.

O seriado acompanha quatro famílias, cujos filhos morreram durante o incêndio e que também participam de uma associação criada pelos parentes das vítimas. Thelmo

Fernandes, Debora Lamm, Paulo Gorgulho, Raquel Karro, Bianca Byington e Leonardo Medeiros dão vida a esses pais que, desejosos de justiça, se unem para preservar a me-

“Acho que na posição de atores, intérpretes, de certa forma a gente até se depara com a grandeza da nossa profissão, de poder dar voz, trazer luz para uma histó-



Foto: Netflix/Divulgação

Cena de ‘Todo Dia a Mesma Noite’, já disponível na Netflix: ficção é baseada no livro de mesmo nome da jornalista Daniela Arbex

mória de seus filhos e manter viva a lembrança da tragédia a fim de que ela não se repita. Todos eles são baseados em personagens reais.

ria tão inacabada”, comenta Debora Lamm, que interpreta Sil, uma doceira mãe da jovem Mari, uma das vítimas, que morreu após ina-

lar fumaça tóxica. “A tragédia é um pano de fundo pra se falar de justiça”, complementa Leonardo Medeiros, que dá vida a Geraldo, pai de Guilherme (Luan Vieira), outra vítima.

“É muito importante que a gente conte essa história porque precisamos construir a memória coletiva do Brasil”, afirma a jornalista Daniela Arbex, que fez consultoria criativa da minissérie.

Já no serviço de *streaming* da Globo, a história é contada a partir do trabalho do jornalista Marcelo Canellas, na série documental de cinco episódios *Boate Kiss: A Tragédia de Santa Maria*.

Jornalista há 35 anos, Canellas viveu sua infância, adolescência e início da vida adulta em Santa Maria, onde estudou jornalismo. “A minha ligação com a cidade fez com que eu mergulhasse nessa cobertura”, conta.

Há 10 anos, ele produz matérias que têm a tragédia como plano de fundo. Para a série documental, Canellas se uniu à TV OVO, um gru-

po de Santa Maria que trabalha há 25 anos com audiovisuais.

A série acompanha, principalmente, os pais das vítimas em 2021, pouco antes do júri, além dos 10 dias em que os quatro acusados, dois sócios da casa noturna e dois músicos, foram julgados. Os cinco episódios trazem o quadro atual do caso, cujo julgamento foi anulado, dando liberdade aos réus.

Assim como em *Todo Dia a Mesma Noite*, a série do Globoplay tem intenção de resgatar a história para que se possa cobrar por justiça. “Quando aconteceu o episódio, o Brasil e o mundo se comoveram, houve uma solidariedade máxima, mas com o passar do tempo há um distanciamento do episódio e as pessoas começam a cansar”, lembra Canellas.

“A gente tem que acabar com a ideia de que o esquecimento é uma solução, ele só provoca a repetição dos erros”, aponta o jornalista. Para ele, “é necessário enfrentar os esqueletos no armário”.

NOVA LEGISLATURA

Deputados revelam planos e projetos

Assembleia Legislativa inicia período de trabalho com renovação de bancadas e promessas à população



Camila Toscano, Cida Ramos, Doutora Paula, Jane Panta e Jutay Meneses renovam compromisso em defesa de pautas para ajudar a população mais carente, especialmente nas áreas de saúde e assistência

Pettronio Torres
pettroniotorres@yahoo.com.br

Eles só serão empossados na quarta-feira, 1º de fevereiro, mas alguns futuros deputados e deputadas estaduais que irão compor a vigésima legislatura da Assembleia Legislativa da Paraíba, anteciparam à reportagem de A União suas linhas de atuação e áreas onde pretendem desenvolver projetos e trabalhar para fazer o melhor em

prol do povo paraibano nos próximos quatro anos. A deputada estadual Camila Toscano (PSDB), que foi reeleita, por exemplo, tem como prioridade para o próximo mandato a expansão dos trabalhos em defesa dos direitos da mulher paraibana, do esporte e da saúde mental da população. A deputada tem se consolidado a cada dia como a voz do Brejo paraibano no parlamento estadual. Para este mandato, a parla-

mentar buscará expandir sua atuação. “Meu objetivo sempre será defender o povo, as lutas e demandas da população. Vamos intensificar ainda mais nossa atuação, levando o nosso trabalho para todas as regiões da Paraíba. Essa é a minha prioridade para esse novo mandato na Assembleia Legislativa”, disse Camila Toscano. Já o também deputado reeleito Tovar Correia Lima (PSDB) vai focar sua atuação

parlamentar em defesa do desenvolvimento regional, das pessoas com doenças raras e deficiência e o fortalecimento do terceiro setor, bandeira já defendida durante os outros mandatos. O parlamentar já destinou emendas parlamentares para instituições como Apae, A Casa do Menino, A Casa da Criança, FAP, São Vicente de Paulo e Instituto dos Cegos. Nessa próxima legislatura continuará o trabalho que já

vem sendo realizado junto a essas instituições. “Vamos continuar trabalhando dia a dia na defesa das pessoas com doenças raras e deficiência, na luta pelo desenvolvimento da Paraíba e também na fiscalização do Executivo. A Paraíba tem muitas prioridades em diversos setores e estaremos lutando por dias cada vez melhores para a população”, destacou o deputado Tovar Correia Lima.

“Meu objetivo sempre será defender o povo, as lutas e demandas da população”
Camila Tscano

Ações buscarão bem-estar das famílias na Saúde e na Educação

A futura legislatura que se inicia na quarta-feira na Casa Epitácio Pessoa terá defensores de bandeiras como a preservação dos valores cristãos e a defesa de princípios familiares. Também tem parlamentar que ‘brigará’ pela saúde, educação, infraestrutura e geração de emprego e renda. O deputado Jutay Meneses (Republicanos), por exemplo, reforçará sua atuação parlamentar em defesa dos pescadores e policiais paraibanos, da cidadania dos idosos, do direito do consumidor e da preservação dos valores cristãos, assim como da família. Jutay reafirmou o compromisso de continuar atuando pelas causas que acredita e garantiu que vai honrar a confiança dos paraibanos durante a nova legislatura na Assembleia Legislativa da Paraíba.

“Vamos continuar atuando para garantir transformação na vida das pessoas e, sobretudo, da Paraíba. Estamos prontos para dar continuidade ao nosso trabalho na Assembleia Legislativa, honrando o que nos foi confiado mais uma vez pelos paraibanos”, destacou Jutay. A deputada Doutora Paula (Progressistas) continuará atuando firmemente em áreas como saúde, educação, infraestrutura e geração de emprego e renda. Doutora

Paula está trabalhando para garantir a instalação da Unidade do Hospital Napoleão Laureano em Cajazeiras, chegando a destinar uma emenda no valor de R\$ 438,5 mil. Também é prioridade da deputada a instalação de um Centro de Hemodinâmica, também em Cajazeiras, e a questão do funcionamento do aeroporto no município.

Deputados trabalham para garantir a instalação de Unidade do Hospital Napoleão Laureano em Cajazeiras

“Na Assembleia Legislativa iremos continuar nossa luta por uma Paraíba mais justa, igual e de oportunidades para todos. Estaremos sempre ao lado dos paraibanos, sobretudo os sertanejos, trabalhando para garantir uma saúde de qualidade, uma educação inclusiva e emprego e renda para todos”, afirmou a deputada. Para a deputada Cida Ramos (PT) o seu segundo mandato será pautado na

interlocução diretamente com a população, em especial aquela que mais precisa, sempre pautada pela políticas públicas nas áreas de educação, saúde, segurança, segurança alimentar, moradia e dos direitos sociais. “Meu segundo mandato será igual ao primeiro, com a população no mandato. Seja através de minha presença nos bairros e cidades ou seja através dos segmentos organizados de pessoas com deficiência, mulheres assentadas, mulheres sem teto, agricultura familiar, sem terra, terão representatividade na Assembleia Legislativa, através do nosso mandato”, explicou Cida. Já a deputada Jane Panta (Republicanos) disse que pretende continuar a levantar a bandeira do movimento Eleitas: Mulheres na Política. Hoje, segundo ela, apenas 15% dos espaços de decisões parlamentares são ocupados pelo sexo feminino. “Pretendo trabalhar para que haja mais equidade nos espaços de decisões. Com essa ação, espero fazer com que mais mulheres olhem para a política como um espaço de mudança social e que elas precisam que mais mulheres ocupem esses espaços para poder lutar por pautas pertinentes às lutas do universo feminino”, resumiu a deputada estadual.



Assembleia traz para 2023 uma renovação que estimula os projetos e práticas políticas no Estado

Quem assume

Confira todos parlamentares da nova legislatura

- | | |
|-----------------------------------|----------------------------------|
| ■ Adriano Galdino - Republicanos | ■ George Morais - UB |
| ■ Anderson Monteiro - MDB | ■ Gilbertinho - UB |
| ■ Branco Mendes - Republicanos | ■ Hervazio Bezerra - PSB |
| ■ Bosco Carneiro - Republicanos | ■ Inácio Falcão - PC do B |
| ■ Caio Roberto - PL | ■ Jane Panta - PP |
| ■ Camila Toscano - PSDB | ■ João Gonçalves - PSB |
| ■ Chico Mendes - PSB | ■ João Paulo - PP |
| ■ Chió - Federação Rede - PT/PV | ■ Junior Araújo - PSB |
| ■ Cida Ramos - PT | ■ Jutay Meneses - Republicanos |
| ■ Danielle do Vale - Republicanos | ■ Luciano Cartaxo - PT |
| ■ Dr Eduardo Brito - SD | ■ Michel Henrique - Republicanos |
| ■ Dr Romualdo - PSB | ■ Sargento Neto - PL |
| ■ Dra Paula - PP | ■ Taciano Diniz - UB |
| ■ Eduardo Carneiro - SD | ■ Tanilson Soares - PSB |
| ■ Fábio Ramalho - PSDB | ■ Tião Gomes - PSB |
| ■ Felipe Leitão - PSD | ■ Tovar Correia Lima - PSDB |
| ■ Francisca Mota - Republicanos | ■ Wallber Virgolino - PL |
| ■ Galego de Sousa - PP | ■ Wilson Filho - Republicanos |

REFORMULAÇÃO PROFUNDA

Governo vai esvaziar GSI e vincular Abin à Presidência

Gabinete de Segurança Institucional passou a ser o órgão mais questionado

Felipe Frazão,
Vera Rosa e
Sandra Manfrini
Agência Estado

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva pediu uma reformulação profunda no modelo de funcionamento do Gabinete de Segurança Institucional (GSI), único ministério comandado por um militar no Palácio do Planalto. O GSI passou a ser o órgão mais questionado no primeiro escalão do governo, após o fracasso na proteção da Presidência durante os atos golpistas do dia 8. No alvo das críticas, a pasta tende a ficar ainda mais desidratada e perder a Agência Brasileira de Inteligência (Abin).

A Abin funciona vinculada à estrutura do GSI desde o governo Michel Temer (MDB), quando o atual desenho da segurança institucional foi estabelecido. Uma das propostas é que fique agora ligada ao gabinete de Lula.

O presidente ainda não se decidiu sobre a nova estrutura. Na disputa pelo controle da agência, Lula foi aconselhado a não optar por esse caminho, de vinculá-la ao gabinete presidencial. Um ministro ponderou que “qualquer operação que dê errado cairá no colo do presidente”.

Lula encarregou o ministro Rui Costa, da Casa Civil, de planejar o novo papel da Abin. Os estudos estão em andamento, inclusive em discussões reservadas apenas entre ele e oficiais de inteligência. Costa se reuniu na semana passada com o atual diretor interino da Abin para discutir a transferência. O governo estuda uma “saída institucional” para uma decisão que na prática esvaziará ainda mais o GSI. O ministro-chefe, general Gonçalves Dias, não participou do encontro.

O petista despachou com G. Dias no último dia 12, no gabinete presidencial. Na conversa, avisou ao ministro que precisavam “conversar” sobre o futuro da agência, mas não comunicou uma decisão. O destino pode ser encaminhado nesta semana.

Proteção

Lula está convencido de que uma ala da Abin “protege” o ex-presidente Jair Bolsonaro e conspira contra ele. A ideia é promover um processo de “desmilitarização”, tirando militares da cadeia superior entre si e os oficiais de inteligência.

Logo após a posse, todos os diretores da Abin foram exonerados. O ministro G. Dias pediu, então, que as dispensas fossem suspensas e revertidas para evitar a paralisação da máquina pública. O presi-

dente avaliou que revogar as demissões foi um erro e tem cobrado explicações do ministro, que foi chefe de sua segurança na campanha e em seus dois mandatos anteriores.

O ministro indicou para a chefia interina da agência o oficial de Inteligência, Saulo Moura da Cunha. Saulo é pessoa de confiança de G. Dias e, no que depender do ministro, sairá do cargo de diretor adjunto em breve para assumir efetivamente a direção geral, o que depende de Lula. O Senado precisa ainda sabatinar e aprovar o chefe da Abin.

Na semana passada, Lula reclamou da inoperância do sistema de inteligência federal, no 8 de janeiro. Disse que houve um “erro elementar”. “A minha inteligência não existiu”, disse. A Abin coordena 48 órgãos do sistema brasileiro de inteligência.

■
Lula está convencido de que uma ala da Agência Brasileira de Inteligência (Abin) “protege” o ex-presidente Jair Bolsonaro e conspira contra ele. A ideia é promover um processo de “desmilitarização”

Foto: Fábio Rodrigues Pozzebom/Agência Brasil



O ministro da Casa Civil, Rui Costa, foi designado por Lula para planejar o novo papel da Abin

Pente-fino deve ser realizado nos próximos dias

O presidente demandou um pente-fino no GSI nos próximos dias. Lula exigiu que G. Dias faça avaliações individuais de todos que ali trabalham e demita os fardados com vínculos bolsonaristas. Ele já exonerou, de início, os que assessoravam diretamente o antecessor, general Augusto Heleno, visto como bolsonarista radical.

As trocas continuam. O general-de-brigada Marcíus Cardoso Netto foi nomeado para exercer o cargo de secretário de Segurança e Coordenação Presidencial do GSI. O decreto com a nomeação está publicado em edição extra do Diário Oficial da União que circulou na segunda-feira, dia 23.

Também foi nomeado, a partir de 25 de janeiro, o general de Divisão Ricardo José Nigri para exercer o cargo de secretário executivo do Gabinete de Segurança Institucional da Presidência da República. Nigri assume o lugar do general

de Divisão Carlos Penteado que está sendo exonerado do cargo e passando à situação de adido ao Gabinete do Comandante do Exército.

O general de Divisão Carlos Feitosa, que ocupava o cargo de secretário de Segurança e Coordenação Presidencial do GSI, foi exonerado do posto e nomeado para exercer o cargo de chefe da Assessoria de Planejamento e Gestão do Departamento Geral de Pessoal.

Até hoje Lula não entende por que o GSI não se preparou para impedir a entrada de vândalos no Planalto. O contingente convocado era insuficiente para conter o quebra-quebra. O Batalhão da Guarda Presidencial (BGP) praticamente não atuou. Na avaliação de Lula, alguém deixou a porta do Planalto aberta para a invasão, uma suspeita de sabotagem.

Atuação técnica

G. Dias já avisou que vai

exonerar todos os servidores, civis ou militares, que estavam diretamente ligados a Heleno. A maior parte deles já saiu. Outras posições, no entanto, foram mantidas, como os secretários do segundo escalão do GSI. A avaliação inicial era de que o núcleo de assessores diretos de Heleno estava mais politizado, enquanto outros fardados na estrutura da pasta atuavam de forma técnica.

O ministro evita ao máximo declarações públicas. Sob pressão, G. Dias tem dito a interlocutores que, como general reformado, com 44 anos de Exército, está preparado para se defender de “fogo amigo ou fogo inimigo”.

Apesar do desgaste, Lula ainda não avançou a discussão para o ponto de substituí-lo, de acordo com ministros petistas. Em duro recado, Lula disse a G. Dias que ele precisa “assumir o controle” e “tomar conta”

da pasta o quanto antes, segundo ministros.

Demissões

Lula já exonerou, de início, os que assessoravam diretamente o antecessor, general Augusto Heleno, visto como bolsonarista radical

Toca do Leão

Fábio Mozart
mozartpe@gmail.com / Colaborador

Diário da casa amarela

Quando comprou a casa, inaugurou seu momento de realização plena, junto com o jardim modesto, as estruturas antigas e sólidas, a pracinha, o jeito de comunidade harmoniosa. “É aqui que eu vou morrer”, refletia com feliz taciturnidade. Comprou e vem pagando os juros hiperbólicos do banco usureiro e oficial. Sabe que abotoará a jaqueta amortalhada sem saldar o débito iníquo. Aposentada, cuidava de suas plantinhas no fundo do quintal concretado. Verdes joias a debulhar-se nos jarrahinhos. Alecrim, agrião, alfavema, alcaçuz, babosa, boldo-do-chile, camomila, carqueja, erva-cidreira, jaborandi, malva, macela-do-campo, tudo pela ordem alfabética, dispostas conforme seu jeito metodizado. E anotava no caderno os pequenos lances do dia a dia. Ia levando, porque a medida da mulher é ser deserto, pensava. Cultivava seus silenciosos vendavais.

Anotou no diário: “Hoje mandei destelhar a casa. Encontrada foto da antiga dona. Plantarei rosas e violetas em sua homenagem. De certa forma ela é minha amiga de moradia. Viveu aqui tanto tempo. Sinto que ela me espia pelas frestas das portas, acho que comovida pelos meus cuidados com seu antigo lar. Pinte de amarelo. Li nesses almanaques inúteis que o amarelo corresponde à sensação provocada na visão humana pela radiação monocromática, cujo comprimento de onda é de 597 nanômetros. Noção zero do que isso significa. Mas acho o louro das paredes cativante”.

Dois anos atrás, o diário registrou a primeira queixa de vizinho: “Instalaram uma oficina de lanternagem na parte de trás da casa. De maneira que ando irritadíssima, desconfortável com os sons”. Quinze dias após a anotação, lançou no caderno: “Quase nunca estou indo ao quintal. Minhas plantinhas abandonadas. Não vou além da cozinha. Os ruídos desequilibram meu organismo”.

Sua vida passou a pulsar ao som agudo dos martelos e o barulho estridente da serra elétrica cortando o aço. No médico, soube que sofria de hiperacusia, ou fonofobia. Tinha audição excessiva, intolerante aos sons. Zumbidos, cefaleia, vertigens. Frustração e irritação.

Passou à guerra aberta contra o estabelecimento. Seis meses depois da primeira martelada, escreveu: “Marquei para ir ao Ministério Público denunciar o abuso. Levarei laudos médicos. Meu marido se recusa a me apoiar. Sinto-me completamente sozinha. Penso em deixar a casa, não sei que destino tomar”.

Martelo em lataria tanto bate até que desperta a agência do meio ambiente da Prefeitura. O acordo: a oficina usaria um abafador eletrônico e estufas acústicas. Deu-se o armistício precário.

Depois vieram os dias penosos do confinamento. Os empregados fecharam a oficina e foram curtir suas tristezas e espantos nas suas casinhas de subúrbio. Outros saíram à caça rara de ocupações clandestinas. Um deles ficou na vigilância das garagens.

Fenômeno social da pandemia abateu todo mundo. Na casa amarela, sentimentos de vazio, insônia, ansiedade e uma incontrolável angústia. O diário apontou: “A ameaça desse vírus parece que tem me causado transtorno depressivo”. Na comunidade, o silêncio só era quebrado pela TV do vizinho, ligada vinte e quatro horas nos canais católicos, transmitindo uma reza interminável. Pouco a pouco, começaram a concentrar todo o sentido da vida na reflexão patológica daquela doença e seu contágio. Ela e o marido, presos num círculo de solidão ilimitado como a “Ave Maria” do rosário insano do vizinho.

No vigésimo oitavo dia do isolamento, ela despertou com a sonância do malho no aço. A oficina voltou a funcionar. Tossiu, botou a máscara inútil, saiu da frequente insônia para o quintal. A manhã silenciosa emoldurava o ruído do ofício sendo retomado. O raspar metálico não provocou neurastenia. Outros sons acompanhando o levantar do sol, compondo a orquestra de um cotidiano de ostensiva normalidade. Voltou ao quarto e escreveu: “Graças a Santo Elói, protetor dos metalúrgicos, a oficina voltou ao trabalho. Essa esperança de normalidade me acalma. Estava com medo de não receber mais meus proventos de aposentada. Sem trabalho, não haveria impostos”. No quintal, o ruído se ampliava.

DE TIRADENTES A CHICO MENDES

Saiba quem são os patronos do Brasil

Com a aprovação do Congresso, eles se tornaram referência histórica na defesa de ideias e causas sociais

Agência Senado

Tiradentes, Aleijadinho, Machado de Assis, Santos Dumont, Paulo Freire, Oscar Niemeyer e Chico Mendes. Além de serem personalidades conhecidas — e de grande destaque na história do Brasil — todos têm um título em comum: o de patrono brasileiro.

O educador e filósofo pernambucano Paulo Freire (1921-1997), por exemplo, passou a ser reconhecido como patrono da educação brasileira em 2012. Um dos mais renomados teóricos da educação do século 20, Freire dedicou grande parte da sua vida à alfabetização e à educação da população pobre. Seu livro mais conhecido, Pedagogia do Oprimido, é considerado um clássico na área.

Já o sindicalista e líder seringueiro acriano Chico Mendes (1944-1988), assassinado em 1988 a mando de um grileiro de terras por seu ativismo político, foi declarado patrono nacional do meio ambiente com a sanção da Lei 12.892, de 2013.

O que é ser patrono?

Por definição, o título destina-se a alguém que defende uma causa, um ponto de vista.

Pode ser um escritor, cientista ou artista escolhido pela academia para ser o tutor de suas cadeiras. Ou ainda um criador, padroeiro, protetor ou representante de uma ideia ou até mesmo da sua classe.

A escolha dos patronos no Brasil muitas vezes é feita por senso comum e popular. Mas para se tornar oficial, o título deve ser aprovado em lei pelo Congresso.

O consultor legislativo do Senado Francisco José Coelho Saraiva aponta que a patronagem deve ter sentido cívico e ser vinculada a uma personalidade com passado histórico que seja relevante para o presente.

A lei

A lei que estabelece critérios para a outorga do título de patrono ou patrona (Lei 12.458, de 2011) considera que a honraria deve ser destinada como uma forma de homenagem a pessoas que se destacam ou representam determinadas categorias como unidades militares, classes profissionais, ramos do conhecimento ou artes, academias e instituições, movimentos sociais e eventos culturais, científicos ou de interesse nacional.

Senado

As linhas de Oscar Niemeyer (1907-2012), que recebeu em vida o título de patrono da arquitetura brasileira (Lei 11.117, de 2005), são inconfundíveis na cúpula que abriga o Plenário do Senado e também em seu interior.

Na grande parede em aço e espelhos atrás da mesa da Presidência, há espaço para um crucifixo e, em tamanho maior, o busto em bronze do jurista, jornalista, diplomata, escritor e político Ruy Barbosa (1849-1923).

Tamanha distinção se deve ao fato de o baiano Ruy ser patrono do Senado e da Advocacia.

Ele foi o primeiro ministro da Fazenda e da Justiça do período republicano, representou o Brasil na Conferência de Haia de 1907, que estabeleceu importantes normas de direito internacional, e foi um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras (ABL), que presidiu entre 1908 e 1919. Sua data de nascimento, 5 de novembro, marca o Dia da Ciência e Cultura.



Pintura em óleo sobre tela intitulada “Tiradentes ante o carrasco”, do artista argelino naturalizado brasileiro Rafael Falco



Foto: Reprodução



Foto: Reprodução



Foto: Reprodução

Primeira lei aprovada no Congresso foi em 1959

Em 1959, o Congresso Nacional aprovou a primeira lei dando a uma personalidade o título de patrono. O ex-deputado federal alagoano Aureliano Cândido Tavares Bastos (1839-1875) foi designado patrono dos municípios brasileiros (Lei 3.555, de 1959).

Além de ter sido o parlamentar mais novo em sua legislatura, eleito aos 22 anos de idade, Tavares Bastos foi escritor, jornalista, doutor em direito e um dos pioneiros na defesa da pauta federalista e da independência dos municípios.

Um dos nomes mais conhecidos da história do país, o do inconfidente mineiro Joaquim José da Silva Xavier, o Tiradentes (1746-1792), só recebeu o título de patrono da nação brasileira em 1965, em plena ditadura (Lei 4.897, de 1965). Tiradentes também é patrono das Polícias Militar e Civil de todo o país.

Francisco lembra ainda que, curiosamente, quando o Panteão da Pátria e da Liberdade Tancredo Neves foi criado como marco da redemocratização do país na Praça dos Três Poderes, em Brasília, não foi o nome de Tancredo, mas sim o de Tiradentes a ser primeiramente inscrito no Livro dos Heróis e Heroínas da Pátria.

Para o senador Viana (PL-MG), Tiradentes espelha “o sentimento da população que conhece a história e não aceita a imposição, a tirania ou injustiças com relação àqueles que trabalham e produzem”.

O alferes se tornou o primeiro herói brasileiro após a Independência, em 1822, pela participação na Inconfidência Mineira, movimento separatista contra o domínio português.

Presidente civil

Primeiro presidente civil após 21 anos de ditadura militar, Tancredo Neves (1910-1985) só ganhou o título de patrono da redemocratização no ano passado (Lei 14.371, de 2022). Advogado, empresário e político, Tancredo de Almeida Neves foi deputado estadual, deputado federal por quatro legislaturas, senador, ministro da Justiça e Negócios Interiores no governo de Getúlio Vargas, primeiro-ministro no governo João Goulart, governador de Minas Gerais e presidente da República eleito pelo Colégio Eleitoral (formado pelas duas casas do Congresso) em 15 de janeiro de 1985.

No entanto, em 14 de março, véspera da posse, adoeceu gravemente e morreu em 21 de abril aos 75 anos. Seu companheiro de chapa, José Sar-

ney, assumiu a Presidência e completou o mandato em 1990.

Conhecido no Brasil como “o pai da aviação”, Alberto Santos-Dumont (1873-1932) ganhou o título de patrono da Aeronáutica (Lei 7.243, de 1984).

O inventor e aeronauta foi o primeiro a projetar e construir um balão dirigível que decolou, contornou a Torre Eiffel e aterrizou valendo-se da força de um motor a gasolina.

Em 1906, em Paris, Santos Dumont voou com o 14-Bis, avião projetado e construído por ele. O “aparelho mais pesado que o ar” decolou e pousou com um motor de 50 cavalos na presença de integrantes da Comissão Oficial do Aeroclube da França.

O título de inventor do avião é disputado por outros aviadores, como os norte-americanos irmãos Wright. No entanto, seu voo em 1903, anterior ao de Santos Dumont, saiu

do chão com a ajuda de uma catapulta. O brasileiro também é o inventor do relógio de pulso.

Mesmo contemporânea, a Lei dos Patronos sofreu uma alteração recentemente. A Lei 13.933, de 2019, definiu que o título de patrono só pode ser atribuído a quem tiver morrido há mais de dez anos.

O autor do projeto que originou a norma, senador Lasier Martins (Podemos-RS), explica que a lei, da forma que vigorava, perdia sua autenticidade e seu simbolismo, já que a mudança se aplicava também para as inclusões no Livro Heróis e Heroínas da Pátria.

Com uma extensa lista de homenagens a personalidades masculinas, o Brasil tem apenas duas mulheres nomeadas patronas: Rose Muraro, do feminismo (Lei 11.261, de 2005), e Carmen Portinho, do Urbanismo, (Lei 14.477, de 2022). Nascida

em 1903 em Corumbá (MS), Carmen Velasco Portinho (1903-2001) foi engenheira geógrafa, engenheira civil, urbanista e professora de matemática. Ao lado de Bertha Lutz, Jerônima Mesquita e Stella Durval, fundou a Federação Brasileira pelo Progresso Feminino.

Considerada uma das mais importantes pioneiras do feminismo no Brasil, Rose Marie Muraro (1930-2014) foi uma escritora, intelectual e líder do movimento dos direitos da mulher. Sua obra mais conhecida, de 1983, A Sexualidade da Mulher Brasileira, foi um dos poucos trabalhos sobre o tema até então no país.

Atualmente existem quatro projetos de lei que pretendem patronar cidadãos brasileiros.

Entre eles, está a proposta que nomeia o ex-piloto tricampeão da Fórmula 1, Ayrton Senna (1960-1994), como patrono do esporte brasileiro (PL 2.793/2022).

Principais Patronos Brasileiros

■ Um total de 30 personalidades tiveram os nomes aprovados por lei pelo Congresso e se tornaram patronos de suas áreas. Mas o número de patronos no Brasil é bem maior porque muitos foram lançados por meio de decretos presidenciais, como o do imperador Dom Pedro II, criador do primeiro Corpo de Bombeiros do Brasil e por isso elevado à condição de patrono dos bombeiros militares, em 1955, no governo de Getúlio Vargas.

- Tiradentes, patrono da nação brasileira
- Duque de Caxias, patrono do Exército
- Machado de Assis, patrono das letras
- JK, patrono da urologia
- Oscar Niemeyer, patrono da arquitetura
- Tancredo Neves, patrono da redemocratização
- Chico Mendes, patrono do meio ambiente
- Antonio Francisco Lisboa, o Aleijadinho, patrono da arte
- Getúlio Vargas, patrono dos trabalhadores
- Paulo Freire, patrono da educação
- Carmen Velasco Portinho, patrona do urbanismo
- Rose Marie Muraro, patrona do feminismo
- Mário Covas, patrono do turismo
- Nilo Peçanha, patrono da educação profissional e tecnológica
- Florestan Fernandes, patrono da sociologia
- Eduardo Gomes, patrono da Força Aérea Brasileira
- Nelson Freire Lavenère-Wanderley, patrono do Correio Aéreo Nacional
- Jeronymo Baptista Bastos, patrono do desporto na Aeronáutica
- Aureliano Cândido Tavares de Bastos, Patrono dos municípios brasileiros
- Milton Santos, patrono da geografia
- Augusto Ruschi, patrono da ecologia
- Antonio Carlos Gomes, patrono da música erudita
- Tércio Pacitti, patrono da tecnologia da informação da Aeronáutica
- Aldo Augusto Voigt, patrono dos oficiais especialistas em controle de tráfego aéreo da Aeronáutica
- Luiz Gama, patrono da abolição da escravidão
- Jorge da Silva Prado, patrono do material bélico da Aeronáutica
- Padre Theodor Amstad, patrono do cooperativismo
- Paulo Autran, patrono do teatro
- Alberto Santos Dumont, patrono da Força Aérea Brasileira
- Dom Helder Câmara, patrono dos direitos humanos
- José Bonifácio, patrono da Independência



Núbia Gonçalves,
Graça Souza,
Marluce Almeida,
Gláucia Silveira,
Marcos Luna,
Ruy Dantas,
Suzana Brindeiro
e Otto Marcelo
Navarro
Cruz são os
aniversariantes
da semana

IMOBILIÁRIA

**PARAÍBA
PROPERTY**

www.paraibaproperty.com.br
+55 83 99302-7071

SÃO BRAZ

**ESPRESSO SÃO BRAZ EM CÁPSULAS.
EXPERIMENTE.**

A secretária de Turismo e Desenvolvimento Econômico da Paraíba, Rosália Lucas é a madrinha do Bloco do Turista em 2023

O Bloco do Turista, agremiação carnavalesca idealizada e fundada por Antonino Pinguim e esta colunista, no ano de 2017, vai sair com sua Corte Imperial, damas e foliões, no dia 18 de fevereiro, com concentração a partir das 15h33, no Busto de Tamandaré, na orla da capital paraibana. Acompanhado de orquestra de frevo, o Bloco do Turista segue dali até a sede da PBTur. Desde a sua fundação, o Bloco do Turista, por meio de personalidades de nosso Estado, forma, a cada ano, uma Corte Imperial, que remete à estada de Dom Pedro II, no ano de 1859. Além de Thereza Madalena (rainha), Sales Dantas (rei), Leo Bezerra (padrinho) e Rosália Lucas (madrinha), fazem parte da Corte Imperial: Marcélia Leal (condessa de Barral), Adriana Mattioli (princesa Isabel) e Raissa Lacerda (princesa Leopoldina). Já o rei Momo é o palhaço Pipi; o Pierrot é o jornalista Gione Pereira, e a Colombina é representada pela jornalista Vilma Giuseppe. Como de praxe, o Bloco do Turista investe na “Prata da Casa” e homenageia as seguintes personalidades: a atriz Zezita Matos, o ator Gadiel Anselmo, a advogada Ezilda Melo e o professor e escritor Francelino Soares.



As médicas campinenses Thaise Brito e Julimeri Alves, receberam, por conta de seus aniversários, o carinho e homenagens por parte de sua colega Maria José Lima, durante recepção na Praia de Camboinha, em Cabedelo, local de veraneio preferido pelos moradores da Rainha da Borborema. A foto, registrada pelo jornalista Josemberg Lima, revela a amizade do trio querido.



De acordo com a programação do “Folia de Rua”, deste ano, o Bloco Muriçoquinhas, liderado pela querida Eliane Holanda, e que pertence ao Folia de Rua, desce a Avenida Epitácio Pessoa, no dia 13 de fevereiro; o “Banho de Cheiro”, com a banda Patchanka, sai no dia 11; as Virgens de Tambaú, no dia 12, e o famoso “Muriçocas do Miramar”, com Fuba, Elba Ramalho e Alok, no dia 15. Claro que a abertura do evento, que vai acontecer no dia 9 do próximo mês, será imperdível, pois Margareth Menezes, sim a ministra da cultura, vai abrilhantar a festa.



Durante passeio realizado no Litoral Sul paraibano, evento liderado por Marluce Almeida e esta colunista, visitamos a praia da Marcélia, a menor praia do estado da Paraíba. O local, praticamente, selvagem, é simplesmente espetacular. A vegetação nativa, cercada por belas esculturas, entre as quais uma formação rochosa que lembra a figura de um elefante, faz do pequeno espaço um dos mais belos do Brasil.



A Câmara de Dirigentes Lojistas de João Pessoa (CDL//JP), entidade presidida pelo empresário Nivaldo Lins Vilar (Foto), comemora 57 anos de fundação, com evento na Marriage Recepções, no dia 10 de fevereiro. A dinâmica corretora de imóveis Carla Bezerra Cavalcanti já confirmou presença no evento que promete ser espetacular.

Nessa quarta-feira, dia 1º de fevereiro, ocorrerá a posse coletiva dos deputados que farão parte da Assembleia Legislativa da Paraíba. A região sertaneja, centralizada em Cajazeiras, estará bem representada por Paula Francinete, Júnior Araújo e Chico Mendes.

A empresária Roselma Virgulino, sempre acreditando no potencial comercial do Centro da cidade, investiu numa loja de roupas diferenciadas, instalada pertinho do shopping popular Terceirão e ao lado da Igreja da Misericórdia. O empreendimento, que tem preços bastante interessantes, tem o nome de Mundo da Moda. Sucesso!

Clóvis Júnior, uma das maiores expressões brasileiras da arte naïf, completa 40 anos dedicados à arte da pintura e, para festejar a data, está com exposição na galeria Espaço Arte Brasil, localizada no térreo do LivMall Shopping, tendo como curadores Fábio Bernardo e Rodrigo Vilar.

Neste mês, há exatos 86 anos, nascia a emblemática Rádio Tabajara, empresa que faz parte da Empresa Paraibana de Comunicação (EPC), complexo dirigido pela competente jornalista Naná Garcez. A empresa, que foi inaugurada no dia 25 de janeiro de 1937, teve como primeiro nome a Rádio Difusora da Paraíba PRI 4. Ao longo de todos estes anos, a Tabajara, preserva a qualidade musical, valoriza a cultura da Paraíba e mantém a ética jornalística. Nessa data especial, os jornalísticos da emissora veicularam reportagens especiais, entre elas a do repórter Juarez Diniz, homenageando a bela trajetória da rádio de todos os paraibanos.

O voo inaugural da Gol Linhas Aéreas (que vai celebrar e fortalecer os 40 anos do São João de Campina Grande), entre as cidades de Salvador e Campina Grande, será realizado, na próxima terça-feira (31), com a presença de jornalistas, autoridades e executivos da companhia. Esta é mais uma opção de voo para paraibanos e soteropolitanos que amam os festejos juninos.

O atuante advogado paraibano Ricardo Bezerra foi eleito vice-presidente da Academia Brasileira de Direito, para o biênio 2023/2025. A entidade, que tem como presidente, também eleito para a nova gestão, o advogado mato-grossense Fábio Capilé, possui 50 cadeiras compostas por renomados juristas de todo o Brasil.

Selic	Sálário mínimo	Dólar \$ Comercial	Euro € Comercial	Libra £ Esterlina
Fixado em 8 de dezembro de 2021	R\$ 1.302	+0,74%	+0,56%	+0,65%
13,75%		R\$ 5,112	R\$ 5,556	R\$ 6,334

Inflação

IPCA do IBGE (em %)	
Dezembro/2022	+0,62
Novembro/2022	+0,41
Outubro/2022	+0,59
Setembro/2022	-0,29
Agosto/2022	-0,36

Ibovespa



DESENVOLVIMENTO REGIONAL

Criação de rebanhos reforça economia no interior da PB

Com incentivo e orientação, pequenos produtores têm obtido bons resultados

Thadeu Rodrigues
thadeu.rodrigues@gmail.com

A produção pecuária do gado leiteiro e caprino contribui para o desenvolvimento da Paraíba em diversas regiões do estado. Pequenos criadores de animais conseguem manter-se na terra realizando um trabalho que vai além da execução de uma atividade econômica. Inclui amor, dedicação e idealização. Com medidas de inovação, experimentos e investimentos, muitas histórias de empreendedorismo permeiam o território da Paraíba. Se as dificuldades no campo propiciam o êxodo rural, é certo que o contrário também acontece.

Há alguns anos, o pequeno produtor rural Cristiano Nunes percebeu no leite de cabra o diferencial na sua atividade agropecuária. A partir do produto, ele começou a produzir derivados, como queijo, iogurte e requeijão. Hoje em dia, consegue comercia-

lizar o queijo de cabra por um valor que custa o triplo do queijo feito com leite de vaca. Mas, antes de chegar a esse patamar, Cristiano precisou de muita perseverança.

Em 2004, ele deixou sua cidade natal, Livramento (255 km de João Pessoa), para estudar e acabou trabalhando em um banco de Patos, no Sertão do estado. Depois mudou-se para Campina Grande, na Serra da Borborema, ainda trabalhando para a mesma empresa. O emprego pagava as contas, mas não trazia felicidade. Foi então que o paraibano decidiu renunciar à vida que levava e voltar para sua terra, seguindo a paixão que havia despertado ainda na infância.

“Eu queria me tornar um produtor rural e ter mais qualidade de vida. Há meses em que as vendas estão baixas e a gente até pensa em desistir, mas esta não é uma opção. Quando isso acontece, é o momento de replanejar as coisas e melhorar”.

No ano de 2015, o agricultor começou a desenvolver a atividade de ovinocultura, mas a produção não vingou. “Havia muito cachorro solto na cidade. Eles mataram nove ovelhas, o que me fez desistir da criação”, conta. Por sugestão de um amigo, Cristiano ingressou na caprinocultura, no ano seguinte. Segundo ele, a cabra enfrenta o cachorro. Então, a invasão canina não mais seria um problema. Ele começou na atividade com apenas duas cabras, compradas do irmão, utilizando em torno de três hectares da propriedade rural da mãe.

“Precisei fazer algumas adaptações, mas a grosso modo, não há muitas diferenças entre as duas produções. A área de criação dá pra os dois tipos de animais, o pasto consumido é quase o mesmo, mas o caprino é mais seletivo por alimento. Por exemplo, se a terra estiver molhada, a cabra não come o pasto, então, é preciso ter uma reserva de alimento”, explica Cristiano Nunes.

“Eu queria me tornar um produtor rural e ter qualidade de vida. Há meses de vendas mais baixas e a gente até pensa em desistir, mas não é uma opção

Cristiano Nunes



Foto: Arquivo pessoal

Ao lado da noiva Paloma, na pequena propriedade rural, Cristiano investe na criação de cabras

Variedade de produtos impulsiona renda

O primeiro cliente dele foi o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) na modalidade leite. A inscrição foi por meio da Empresa Paraibana de Pesquisa, Regularização Fundiária e Extensão Rural (Empaer). O criador conta que, no começo, a renda era baixa, uma média de R\$ 200 por mês. “Vez ou outra aparecia alguma criança que não podia tomar leite de vaca, e tornava-se cliente do leite caprino”.

Aos poucos, o rebanho foi crescendo. “À medida que o dinheiro ia entrando, eu comprei mais cabeças de cabra. Para completar, utilizei umas reservas que eu tinha. Por uma questão estratégica de fabricação de derivados do leite, selecionei uma raça específica de animais e me desfiz dos demais. Hoje, estou com 25 cabeças”.

No município em que vive o produtor rural, há pouco mais de sete mil cabeças de caprinos, segundo Pesquisa da Pecuária Municipal, feita pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2021. A cidade aparece na lista das que mais se dedicam à criação do animal no estado, com um rebanho que cresce anualmente. Em 2017, a Paraíba dispunha de 613.919 cabeças. Em 2021, o número passou para 764.758 cabeças.

Para Cristiano Nunes, a produção de derivados do leite foi uma estratégia para aumentar a renda. O pico de lactação do rebanho chegou a 25 litros de leite ao dia e o produtor vendia o produto para queijeiros da região, até que decidiu também seguir por esse caminho. O primeiro passo foi participar de uma capacitação do Serviço Nacional de Aprendizagem Rural na Paraíba (Senar-PB), no final de 2019.

Após aprender a fazer queijo de cabra, iogurte, requeijão e cocada de maneira artesanal, o próximo passo era divulgar os produtos. “Eu oferecia de graça para o pessoal provar. Se a gente marcava algum evento social, como um churrasco, eu levava os produtos. Os amigos gostaram, tornaram-se clientes e passaram a ajudar na divulgação”, recorda o produtor.

Cristiano é quem prepara todos os produtos sozinho. A produção média de queijo é de 2,5 quilos ao dia. A noiva, Paloma Lima, que é professora, cuida da rede social, com o perfil @caprilnunes, no Instagram. Atualmente, ele já fechou parcerias com mercadinhos de cidades vizinhas, vendendo o queijo em embalagens de 300 gramas. Já o iogurte, o requeijão e as coca-

das são vendidos a clientes particulares.

Ampliação da unidade de produção

Todos os produtos da empresa Capril Nunes são fabricados na casa de Cristiano. Mas ele planeja construir um prédio para ampliar a produção dos alimentos. “Quero construir uma queijeira. Para investir na construção do local e na compra da máquina de pasteurizar, eu vou precisar de uns R\$ 10 mil. Eu estou pagando um financiamento no Banco do Nordeste referente a crédito que usei para colocar energia elétrica na propriedade, ajeitar o curral e comprar forrageira (planta) para os animais. Estou estudando o local para construir a queijeira para poder buscar novo empréstimo”, comenta. A perspectiva de crescimento do negócio implica também no crescimento da atividade na região, estimulando o desenvolvimento local.

Cristiano destaca o valor agregado do queijo de cabra, que custa cerca de três vezes mais que o da vaca. “É um produto que dá mais trabalho para produzir, mas que terá ainda mais valor agregado”, pontua.

Continua na página 18

Economia em Desenvolvimento

João Bosco Ferraz de Oliveira
joaobferraz3@gmail.com | Colaborador

A Paraíba e João Pessoa no topo do Tesouro Nacional

O brasileiro possui uma cultura de consumo muito diferente do estrangeiro. Na falta de uma boa educação financeira, consome desordenadamente o que precisa e o que não precisa, ora embalado pelo modismo ou respondendo aos apelos formulados pelas propagandas comerciais.

O cenário que temos é que o endividamento atingiu em 2022 a marca de 77,9% das famílias. É um número bem elevado e recorde, considerando a série histórica dos últimos 10 anos. Adicione aos endividados, as famílias que não ganham o suficiente para o sustento mensal.

Esse cenário traz reflexos e afeta o desempenho da nossa economia, repercute no volume de investimentos que o mercado quer aportar e traz uma preocupação para o governo brasileiro que muitas vezes tem que recorrer a medidas sociais para suprir a falta de renda da população. Para consumir, as famílias, já sem renda adequada, se deparam com duas possibilidades: restringir o consumo ou buscar crédito para subsistência. Mas o crédito só vem se você for um bom pagador.

Analogamente, isso também se aplica aos estados e municípios brasileiros, pois mesmo sendo entes públicos, eles precisam provar uma boa gestão fiscal e capacidade de pagamento, para terem acesso ao crédito.

Ou seja, para “gastar” (investir em obras e serviços para os seus moradores), utilizam recursos próprios, transferências recebidas do Governo Federal e os empréstimos com garantias da União. Isso é recorrente e se faz necessário, para desenvolver a sua região, gerar oportunidades de emprego e renda e com isso colaborar para elevar a qualidade de vida da população.

Por mais desenvolvido que seja, não existe um estado ou município suficientemente rico para não recorrer aos empréstimos. E podemos afirmar que praticamente dos os governos estaduais e municipais recorrem aos empréstimos para executarem as obras prometidas e promover as melhorias necessárias, já que a necessidade é sempre maior que os recursos recebidos, seja por arrecadação ou transferências. Mas nem todos têm acesso ao crédito com facilidade, pois assim como ocorre com as pessoas físicas, gestores públicos para terem acesso os empréstimos precisam provar que seus governos vão cumprir regras, atingir metas fiscais e comprovar a capacidade de pagamento.

Para as unidades da Federação (estados e municípios) quem faz essa avaliação prévia é o Tesouro Nacional, que atribui uma nota que vai do “A” a “D”, para apurar a situação fiscal com uma metodologia que considera três indicadores: a) tamanho da dívida; b) poupança e, por fim, c) dinheiro em caixa.

E a consequência desse ranking é que, apenas os que graduados com notas A e B, possuem crédito com a União. Essa nota também indica para os investidores e possíveis credores, o local onde é mais seguro para investir.

Em 2022 os estados do Espírito Santo, Paraíba, Pará, Roraima e Rondônia são os que melhor possuem as contas em dia com Nota A. As respectivas capitais, entre elas João Pessoa, possuem o mesmo conceito A. Esses dados divulgados pelo Tesouro Nacional, que apontam que dos cinco estados mais bem pontuados acima, só o Pará (e Belém, sua capital) não constava em 2021 e agora junta-se ao time que está no topo.

Em 2022 Goiás e Tocantins também subiram da nota C para B. O Maranhão desceu para C e no Nordeste juntou-se ao Rio Grande do Norte, embora sua capital possua nota A.

Minas Gerais e Rio Grande do Sul, ambos com nota D são os estados mais endividados do país, repetindo este “status” há quatro anos seguidos. O Rio de Janeiro possuía a mesma nota também a quatro anos e agora subiu para a nota C.

Como afirmamos, os estados com nota C e D deixam de ser elegível a receber operações de crédito com a garantia da União. No Nordeste, Rio Grande do Norte e o Maranhão estão impedidos por terem nota C. Os demais estados do Nordeste possuem o conceito B. O objetivo da classificação é verificar se um novo endividamento representa risco de crédito para o Tesouro Nacional e aos olhos dos investidores e bancos, se há risco na operação.

Para a nossa alegria, então, tanto a Paraíba como João Pessoa estão no topo nacional, fruto do excelente trabalho desenvolvido pelo governador João Azevêdo e pelo prefeito Cícero Lucena, sinalizando um excelente indicador até na atração de investimentos privados.

Este cenário é baseado em resultados apurados até novembro de 2022, mas com indicativo de que fecharemos o ano de 2022 sem alteração nos dados preliminares levantado pelo Tesouro.

Isso representa que vamos ter mais obras e avançaremos mais no desenvolvimento da Paraíba e João Pessoa, despontando cada vez mais no cenário nacional e disputando na ponta com os três maiores estados do Nordeste.

MÉDIO PIRANHAS

Tradição e técnica sustentam a bacia leiteira na região

Manejo correto do gado garante a produção de 35 mil litros de leite por dia e a fabricação de itens derivados

Thadeu Rodrigues
thadeu.rodrigues@gmail.com

O mesmo empenho para a criação de caprinos em Livramento é exercitado pelos produtores rurais do Território do Médio Piranhas, polarizado por Catolé do Rocha, para o crescimento da pecuária leiteira na região. A tradição, a assistência técnica e o crédito possibilitam que aproximadamente 200 pequenos criadores beneficiados pelo Programa de Desenvolvimento Territorial (Prodeter), do Banco do Nordeste, produzam 35 mil litros de leite ao dia, contribuindo para a revitalização da bacia leiteira. Entre os clientes, estão desde os consumidores residenciais até empresas de laticínios de grande porte. A bovinocultura de leite do Médio Piranhas movimenta uma cadeia produtiva de queijo, manteiga, bebida láctea, iogurte e requeijão, entre outros derivados. A produção diária de leite é captada pelas empresas Ísis Sabor, Laticínio Catolé, Laticínio Santo Expedito e Cooperativa Catoleite, além de pequenas queijeiras da região, sendo escoada para os estados de Alagoas, Ceará, Paraíba, Pernambuco, Rio Grande do Norte e

para o Governo do Estado da Paraíba, por meio do PAA. No Território do Médio Piranhas, o Banco do Nordeste atende e apoia produtores de 10 municípios: Brejo do Cruz, Brejo dos Santos, Belém do Brejo do Cruz, Bom Sucesso, Catolé do Rocha, Jericó, Mato Grosso, Riacho dos Cavalos, São José do Brejo do Cruz e São Bento. No grupo, está a paraibana Carminha Moreno. Pouco antes de sua mãe falecer, há mais de uma década, ela aprendeu um ofício que começou com a avó, sogra de sua mãe: fazer queijo de coalho. O trabalho artesanal tem mantido a produtora, o esposo e o filho, na cidade de Bom Sucesso, na Paraíba. O produto já chegou a diversos estados brasileiros e até no exterior, apenas a partir das recomendações dos próprios clientes. “Minha mãe aprendeu a fazer queijo com a sogra e eu aprendi com minha mãe há 14 anos, quando ela estava próxima de falecer. Minha mãe produziu queijo por mais de 20 anos. Para mim, é um legado da família que carrego. Não é pelo dinheiro. É um trabalho que faço com alegria e é muito gratificante receber o retorno dos clientes, afir-

“
Para mim, é um legado da família que carrego. Não é pelo dinheiro. É um trabalho que faço com alegria e é muito gratificante

Carminha Moreno

mando que mantenho a mesma qualidade do que minha mãe fazia”, conta a produtora. Na pequena propriedade, a família tem uma vacaria com 15 animais. Parte do leite é vendida para atravessadores e parte é para produção do queijo a partir da tradicional receita de mais de 50 anos. A média de produção diária é de quatro ou cin-



Trabalho artesanal de Carminha e sua família na produção de queijo é herança que só cresce

co quilos de queijo, mas quando a demanda aumenta, pode chegar a 10 quilos. Quando há encomenda, dona Carminha ainda produz doce de leite e manteiga. Antes de tornar-se uma queijeira, ela ocupava-se apenas com a produção do doce de leite para aumentar a renda da família. Mas quando a mãe adoeceu, ela assumiu o posto também para não decepcionar os clientes. Ela faz as vendas das Delícias da Irmã Carminha pelo WhatsApp, mas a clientela é conquistada a partir das recomendações. “Tenho irmãs em João Pessoa. Toda semana eu envio um carregamento para elas por transporte alternativo, para atender aos pedidos de seus amigos. No

final do ano, muita gente que mora fora visita suas cidades e leva os queijos para amigos e familiares ao retornar”. **Rebanho ampliado** Com o sucesso entre a clientela, a família aumentou o rebanho bovino para dar conta da demanda. Dona Carminha começa a produção queijeira às 7h, quando o marido traz o leite recém-ordenhado. O processo é longo, terminando às 22h e inclui a repetição dos procedimentos, como a retirada do soro várias vezes. “O queijo é bem cozido. É possível assar sem manteiga e sem ele desmanchar”, frisa ela. Segundo a produtora, o principal é a qualidade, não a

quantidade. Ela recorda que já pensou em ampliar a produção, mas ela gosta de fazer o produto sozinha. “Se eu produzisse 100 quilos por dia, ainda seria pouco, porque a demanda é grande”, enfatiza. Para produzir o laticínio, é preciso ter muito leite. Para cada quilo de queijo produzido, são necessários 12 litros de leite. A produção artesanal das Delícias da Irmã Carminha sofre o impacto do aumento do preço da ração animal. Segundo ela, já enfrentou vários momentos difíceis e já pensou em “jogar a toalha”. “Mas, no fim, eu sei que não saio daqui para tentar a vida em outro lugar porque não me vejo fazendo outra coisa”.

Produção orientada atrai empresas

Uma das empresas que compram leite dos produtores da região é a Sabor Ísis, líder do mercado de laticínios na Paraíba. Conforme o gestor de política leiteira da empresa, Wescley Santos, o recebimento de leite na fábrica de Sousa é diário. Ele afirma que o preço do litro do leite é variável, com uma média de R\$ 2,40. “O valor depende da qualidade do leite a partir do índice de performance, que considera a contagem bacteriana total, o ponto de congelamento e a quantidade de sólidos do leite, entre outras variáveis”.

A empresa fabrica produtos fermentados, a exemplo de iogurtes, bebidas lácteas e queijos – muçarela, coalho, parmesão e provolone, entre outros. Os produtos fabricados são comercializados para estados de todo o Nordeste. A cooperativa Catoleite, instalada em Catolé do Rocha, também é uma das clientes. Com aproximadamente 75 cooperados ativos, a cooperativa beneficia o leite adquirido de seus cooperados para produzir leite pasteurizado envasado em saquinho, bebida láctea e queijo muçarela e coalho. “Mas quando algum dos cooperados está sem animais em fase de lactação, recorremos aos pequenos criadores da região para darmos conta da produção diária de produtos”, comenta um dos diretores, Jamson Andrade. O financiamento é necessário para manter o ritmo da produção. O Banco do Nordeste destinou 29 milhões para fi-

nanciamentos rurais, sendo R\$18,3 milhões exclusivamente ao microcrédito da agricultura familiar – com teto de R\$ 6 mil, dentro do Prodeter. O gestor do programa na Paraíba, Izidro Soares, afirma que o programa é uma estratégia para elevar o desenvolvimento sustentável através de atividades produtivas. No Território do Médio Piranhas, o Prodeter foi retomado no ano passado, após a fase

■ **Acesso ao crédito garante que o pequeno produtor não precise deixar sua propriedade em busca de emprego na zona urbana**

restritiva da pandemia de Covid-19, unindo a adoção de políticas públicas – por meio da Empaer e a Universidade Estadual da Paraíba – com a iniciativa privada, por meio das empresas de laticínios. De acordo com o agente de desenvolvimento do Banco do Nordeste, no Território do Médio Piranhas, Thiago Vitorino, a maior demanda entre os produtores é de crédito para aquisição de animais, compra de ração e plantio de pastagem. “Já superamos a marca de

R\$10 milhões em crédito, atendendo centenas de famílias. São recursos que fazem a economia do município circular. Acontece a compra de animal de outro produtor, o investimento na propriedade, compra de ração e de equipamentos. Com o crédito, o pequeno criador não precisa abandonar sua propriedade em busca de emprego na zona urbana”, enfatiza Thiago Vitorino. Ele explica que há condições distintas de crédito, conforme o valor e o perfil do contratante. A linha microcrédito rural tem taxa de juros de 0,5% ao ano e teto de R\$ 6 mil, com prazo de pagamento em dois anos, sendo a primeira parcela após um ano de carência. Os recursos são subsidiados pelo Fundo Constitucional de Financiamento do Nordeste (FNE). No caso de um casal de produtores, cada um pode solicitar o crédito. O teto de crédito entre as linhas de financiamento é de R\$ 16 milhões.

Assistência técnica O gerente da Empaer em Catolé do Rocha, Severino de Assis, destaca o trabalho junto ao pequeno produtor rural na assistência sobre o cuidado com a saúde dos animais, sobretudo, quanto à aplicação de vacinas, alimentação e adoção de técnicas de inovação que facilitem o trabalho, como o uso de capineiras, além da higienização dos estábulos. “Para poder comercializar o leite, é necessário que o rebanho esteja com as condições sanitárias em dia”, destaca.

Cooperativas facilitam negociações

O cooperativismo transformou a vida de Mauro Borba, pequeno produtor rural de Itabaiana, na Paraíba. Com 22 participantes, a Coopervale, criada em 2006, proporcionou o crescimento da produção leiteira e o beneficiamento do item para produção de queijos artesanais, inclusive com a criação de produtos temperados, com valor de mercado 40% maior. A falta de escoamento da produção de leite e a necessidade de beneficiamento do produto fez com que pequenos criadores de gado se reunissem e formassem a Coopervale, conta Mauro Borba, que ingressou na cooperativa em 2010 e é o atual presidente. “Começamos na propriedade de um dos cooperados, que disponibilizou um galpão. Há cinco anos, temos nossa sede, localizada na Rodovia PB 54. A Prefeitura doou o terreno e um comerciante local vendeu os

materiais de construção para pagarmos parceladamente com nosso orçamento, sem necessidade de empréstimo”. A Coopervale é filiada ao sistema Organização das Cooperativas Brasileiras (OCB)/ Serviço Nacional de Aprendizagem do Cooperativismo (Sescoop) e tem Certificado de Inspeção Estadual (CIE) para produzir queijo e manteiga. A média de captação mensal é de 45 mil litros de leite por mês. A cooperativa recebe o leite diariamente pela manhã e três funcionários fazem o beneficiamento. O carro-chefe das vendas é o coalho pré-cozido, comercializado em supermercados na região de Itabaiana, Salgado de São Félix, Sapé, Juripiranga e João Pessoa. Contudo, a cooperativa também produz queijos com mais tempero. “Criamos uma linha de quatro sabores de queijo: com orégano, vinho, alho e

pimenta. Todos nós somos cooperados, então, todos damos ideias para prosperarmos juntos”, ressalta Mauro. **Conhecimento** Os cooperados estão sempre buscando qualificação. Dois representantes participaram, no ano passado, das capacitações do Plano Estadual para Fortalecimento e Desenvolvimento dos Arranjos Produtivos Locais da Paraíba (Planes PB), que envolvem diversos órgãos, como Instituto Nacional do Semiárido e Universidade Federal da Paraíba e contempla diversos arranjos produtivos. “Fomos provocados a criar um novo produto. Daí bolamos o quarteto, uma peça de queijo que reúne os quatro sabores que produzimos em uma peça de 500 gramas”, diz Mauro Borba, explicando que o produto, bem aceito, é comercializado pelo perfil @Coopervaleitabaiana.



Cooperativa ajuda a escoar a produção leiteira dos pequenos criadores e contribui para a geração de renda no município

RANGEL JUNIOR

“Todos os projetos têm um papel fundamental”

Novo presidente da Fapesq-PB afirma que boas práticas serão respeitadas e melhoradas

Márcia Dementshuk e
Renato Félix
Assessoria SEC&T

Em 1992, Geraldo Baracuh, o primeiro presidente da Fundação de Apoio à Pesquisa da Paraíba (Fapesq-PB), percorria caminhos em busca de recursos federais e estaduais para financiar projetos de pesquisa científica e estabelecer a fundação recém-criada. A Fapesq-PB ainda não tinha uma sede, colaboradores e nenhum edital havia sido publicado. Passados 30 anos e 12 gestores à frente, Antonio Guedes Rangel Junior assumiu a presidência na última segunda-feira, dia 23, e o desafio de ampliar uma estrutura fortalecida e permear uma cultura científica na sociedade a fim de gerar inovação tecnológica.

Rangel Junior é professor universitário desde antes a Fapesq-PB ser criada. Dá aulas há 38 anos, sendo 35 na Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), onde foi reitor entre 2012 e 2020. Oriundo da área da educação, entende que “nenhuma das ciências sozinhas pode explicar o mundo e, objetivamente, toda e qualquer ciência precisa se amparar nas outras”.

Atualmente, a Fapesq-PB executa editais provenientes da gestão de Roberto Germano – que transmitiu o cargo para Rangel Junior – com recursos próprios e convênios federais, parcerias institucionais com chamadas para Pesquisa Colaborativa Fapesq-PB/Fapesp, editais institucionais apoiando estudantes egressos da rede pública de ensino, publicação de periódicos, eventos científicos, entre outros; e cooperações internacionais em parceria com o Conselho Nacional das Fundações

Estaduais de Amparo à Pesquisa (Confap).

Mas nem sempre foi assim. Maria José Lima da Silva presidiu a Fapesq-PB entre 2007 e 2009, quando houve dificuldades do Governo do Estado em honrar compromissos com projetos financiados pelo Governo Federal que exigiam a contrapartida estadual, prejudicando inclusive a aprovação de projetos da Paraíba por parte das agências de fomento federais. A problemática também foi enfrentada por Michel François Fossy, presidente entre 2009 e 2011. Com êxito, articulou uma proposta junto à Secretaria de Finanças para a obtenção de recursos para sanar as obrigações. O Governo Estadual, por meio do presidente seguinte, Claudio Furtado, deu continuidade a essas negociações e teve, enfim, os financiamentos em parcerias com as instituições de fomento liberados.

“Felizmente, nós conseguimos avançar. De 10 anos para cá, o Governo do Estado da Paraíba começou a sentir que ciência, tecnologia e inovação é importante para o seu desenvolvimento,” afirmou Maria José. Nessa corrida pela inovação tecnológica, o bastão está nas mãos de Rangel Junior. O novo presidente vai comandar a fundação a partir de Campina Grande (os dois presidentes anteriores o fizeram com base em João Pessoa) e afirma que vai continuar mantendo o alcance das ações para todo o estado. Ele concedeu uma entrevista exclusiva para o jornal **A União**, publicada a seguir:



Rangel Junior destaca investimento do Governo do Estado em ciência e tecnologia

A entrevista

■ *Qual a sua visão sobre a importância da Fapesq-PB?*

Eu diria que é impossível falar da história da ciência e tecnologia no Brasil sem falar da Paraíba, porque tem um paraibano que foi talvez o maior destaque em quase todos os sentidos, que foi Linaldo Cavalcante. Quando os estados brasileiros mais desenvolvidos estavam ainda pensando em criar estruturas sobre o assunto, Campina Grande, em 1954, criou a Fundac. Era a Fundação para o Desenvolvimento da Ciência e da Técnica.

Eu posso afirmar que o que temos aqui hoje são frutos daquela semente. Nos tempos atuais tivemos também uma mudança de paradigma. O Governo do Estado tem realizado um investimento em ciência e tecnologia que colocam a Paraíba na vanguarda de muita coisa desenvolvida no Brasil. A fundação tem um papel fundamental como um braço da Secretaria de Ciência e Tecnologia, mas com um perfil de fomentar o desenvolvimento da pesquisa da ciência, da tecnologia e da inovação.

■ *Nesse contexto, quais seus desafios à frente da fundação?*

Eu chego à Fapesq-PB com uma missão gigantesca. Em primeiro lugar, a de respeitar essa história e buscar garantir que as boas práticas sejam respeitadas, mantidas, melhoradas em todos os sentidos, inclusive do ponto de vista do melhor uso possível dos recursos públicos, que são difíceis.

“
Eu terei um grande êxito se mantiver todas as políticas existentes

Rangel Junior

Todos os projetos que estão em evidência, cada um na sua área específica, tem um papel fundamental. Há uma parceria importante, por exemplo, que envolve a pós-graduação nas universidades paraibanas. Projetos como o Centelha não podem ter qualquer tipo de abalo na sua continuidade.

Além de assegurar a perenidade dessa política, isso vai garantir também uma tranquilidade para que as pessoas diretamente envolvidas nesses projetos e nessas pesquisas possam ter a segurança de que vão continuar nesse trabalho. Nada em ciência é investimento de curto prazo.

■ *Embora a ciência tenha estado como nunca presente no dia a dia do brasileiro, por causa da Covid-19, houve uma campanha de negacionismo muito forte.*

Foi fomentado ao longo dos anos uma cultura de descrédito da ciência. Tanto a partir da falta de apoio quanto da negação do conhecimento científico. De colocar o conhecimento científico rivalizando com a crença ou o pensamento dogmático, de modo geral. E isso é um contrassenso gigantesco. Todo cidadão tem seu direito de exercer na vida privada suas práticas espiritualistas ou religiosas. Entretanto, quando se trata de conhecimento científico, ele contribui para a sociedade compreender os problemas e encontrar soluções – ou, pelo menos, poder mitigar os principais problemas.

Os grandes cientistas de toda a história da humanidade foram grandes humanistas. Não

se pode pensar a matemática, a física, a química, descoladas da filosofia. É preciso desenvolver na sociedade de modo geral uma compreensão da importância da ciência. Por isso eu entendo que a comunicação tem um papel fundamental nesse processo. Desmistificar no imaginário das pessoas que a ciência “dá pitaco” sobre as coisas.

■ *Em que áreas da ciência o senhor considera que a Fapesq-PB deve trabalhar?*

Eu terei um grande êxito se mantiver todas as políticas existentes. O gestor precisa aperfeiçoar práticas e, logicamente, buscar expandir um olhar acerca de áreas que por ventura não tenham sido

ainda atendidas. Quando se pensa em ciência e tecnologia, muitas vezes as pessoas olham para as áreas “duras” – da Química, da Física, da Matemática, das engenharias, essas tecnologias de modo geral. Mas é preciso a gente pensar que existem tecnologias sociais. Arranjos socialmente construídos que não são diretamente ligadas à tecnologia pura – aí entram a Economia, a Sociologia, a Psicologia, a saúde em todos os aspectos.

Algo importante a ser feito é expandir sempre esse olhar panorâmico em todas as áreas do conhecimento onde pode ter investimento, indução e fomento a partir da fundação.



Rangel Junior assumiu a presidência da Fundação de Apoio à Pesquisa da Paraíba na última segunda-feira

Fotos: Delmer Rodrigues

PEIXE-BOI REABILITADO

Nasce primeiro filhote na Paraíba

Boas condições ambientais permitiram que uma fêmea reintroduzida ao seu habitat natural desse à luz

Mayra Santos
mayraalvessantos@hotmail.com

É macho o primeiro filhote de peixe-boi marinho procedente de uma fêmea reintroduzida no meio ambiente na Paraíba. O animal recém-nascido foi encontrado em 24 de dezembro, numa praia de João Pessoa. Mel, que gerou o filhote, é uma fêmea que foi reabilitada para viver em seu *habitat* natural, em 2009. Por isso, o nascimento do animal é considerado um grande indicador de sucesso, de acordo com João Carlos Borges, médico veterinário e coordenador do Projeto Viva o Peixe-Boi-Marinho.

Para ele, o nascimento do filhote é fruto do trabalho que vem sendo realizado por meio desse projeto. “Isso indica que Mel se adaptou às condições de vida livre, conquistando itens alimentares, área de uso, porém mais do que tudo isso, é a concepção do filhote. Logo, é também um indicador de que estamos no caminho certo”, ressaltou. O nascimento de todo filhote é importante, mas, tendo em vista que essa espécie está em extinção, para o veterinário, “cada novo animal que ingressa é uma esperança de dias melhores para a espécie”, enfatizou.

Nas primeiras semanas, os filhotes de peixes-bois são muito vulneráveis, por esse motivo um maior contato de proximidade tem sido evitado. Em avaliação técnica realizada no último dia 12, foi identificado que Mel está bem e seu filhote é um macho. Em breve, uma campanha será lançada nas redes sociais do projeto para que o público escolha seu nome.

O coordenador do Projeto Viva o Peixe-Boi Marinho informou que, por meio de uma avaliação visual feita pela equipe, o filhote deve ter em torno de 29kg a 32kg, medindo um metro de comprimento, aproximadamente. A gestação de um peixe-boi marinho dura 13 meses. Em uma gestação normal, a fêmea gera apenas um filhote. Porém, em casos raros, acontece de nascerem gêmeos. Já a amamentação dura, em média, dois anos. Por conta da longa dependência, o período entre gestações dura de três a quatro anos. Mel, mãe do filhote encontrado, tem 19 anos, mas com uma possibilidade viver de 50 a 60 anos, tempo médio de expectativa de vida da espécie.

O veterinário contou que Mel está sendo uma “mãezona”. Segundo ele, está tudo transcorrendo bem, dentro da normalidade da relação fêmea e filhote. Mel está bem e fica o tempo inteiro com cuidado, sempre muito próxima ao filhote.



Foto: Karllian Magalhães/Acervo FMA

Técnicos do Projeto Peixe-Boi-Marinho realizam manejo de animais encalhados, evitando atropelamento e mortes, na Barra de Mamanguape

Espécie está ameaçada de extinção no Nordeste

Foto: Ísis Chagas e Sebastião Silva/Acervo FMA

O Projeto Viva o Peixe-Boi-Marinho tem como objetivo a preservação dos animais em extinção da espécie no Nordeste do Brasil. Para isso, o projeto realiza algumas ações visando o resgate desses animais, quando ocorre o encalhe. Isso acontece porque as fêmeas, quando vão reproduzir, utilizam águas mais protegidas, sejam isso dentro de estuários, sejam em áreas com presença de arrecifes, sempre em águas mais calmas para ter os filhotes.

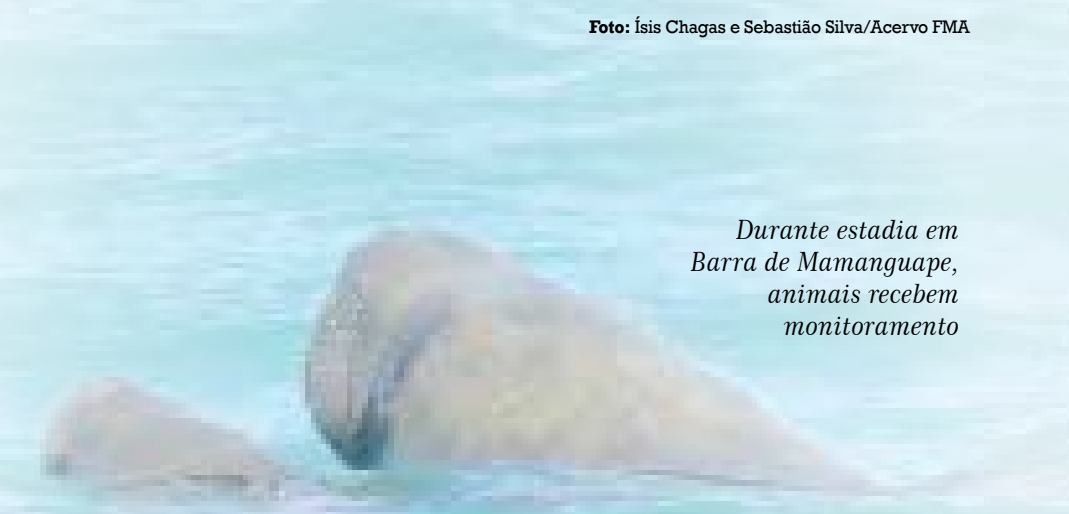
O que tem sido observado pelos técnicos é que muitos estuários estão bastante prejudicados, devido à ocupação ou ao uso de atividades humanas. “A tendência das fêmeas irem para os estuários reproduzir, acabam sendo levadas para áreas mais desabrigadas e o filhote, que é bastante vulnerável, acaba se separando dela, simplesmente, porque ainda não aprendeu a nadar direito, o que provoca esses encalhes”, explicou. Quando isso ocorre, os colaboradores que es-

tão em vários estados do Nordeste, comunicam às instituições que realizam o resgate.

Após o resgate, o animal é levado para os centros de reabilitação, onde permanece em torno de dois anos. Por serem recém-nascidos, os animais precisam desse tempo para serem amamentados e depois passar pelo desmame. Em seguida, são transferidos para a readaptação, na Barra de Mamanguape.

“Eles passam de seis meses a um ano nesse ambiente já natural, reaprendendo as dinâmicas de maré, a conviver com outros organismos aquáticos como peixes, tudo que é típico do ambiente, o tempo dependendo muito do processo adaptativo de cada animal”, detalhou.

Finalizado esse ciclo, o processo de reintrodução ao meio ambiente é iniciado. A partir daí, o animal recebe um transmissor para que o monitoramento e acompanhamento, que garantem a preservação de sua vida, siga ocorren-



Durante estadia em Barra de Mamanguape, animais recebem monitoramento

do. Os animais reintegrados ao meio ambiente permanecem no entorno da área de soltura ou se deslocam para outras localidades, como foi o caso da Mel. O coordenador do projeto contou que já tiveram animais soltos na barra do Rio Mamanguape que se direcionou para o sentido Rio Grande do Norte, para Pernambuco, por exemplo. “Eles podem se deslocar bastante, outros permanecem por perto como em Cabedelo, Lucena e depois

voltam para cá. É o caso da Mel que foi reintroduzida em Barra de Mamanguape, mas vive em Cabedelo”.

O Projeto Viva o Peixe-Boi Marinho – realizado pela Fundação Mamíferos Aquáticos em parceria com a Petrobras por meio do Programa Petrobras Socioambiental – é uma estratégia de conservação e pesquisa para evitar a extinção da espécie no Nordeste do Brasil.

Atua nas áreas de pesquisa, tecnologia de moni-

toramento via satélite, manejo, educação ambiental, desenvolvimento comunitário, fomento ao turismo eco pedagógico e políticas públicas.

O projeto conta com o apoio da APA da Barra do Rio Mamanguape/ICMBio, Arie Manguezais da Foz do Rio Mamanguape/ICMBio e do Programa de Pós-Graduação em Ecologia e Monitoramento Ambiental da Universidade Federal da Paraíba (PPGE-MA - UFPB).



Foto: Karllian Magalhães/Acervo FMA

João Carlos Borges monitora de perto a relação de Mel e do filhote em seu habitat

Risco de atropelamentos preocupa

Agora a preocupação dos técnicos é com a movimentação de embarcações na localidade em que os peixes-bois encontram, havendo o risco de atropelamento. Na última quinta-feira (12), uma equipe composta por três pessoas esteve por um longo período de tempo em um caíque próximo onde a fêmea mantém estadia. O objetivo foi o de orientar os condutores de embarcações da região sobre os cuidados necessários, como a mudança

a rota de navegação em determinados momentos do dia. Segundo o coordenador do projeto, a mudança de rota já vem sendo efetivada nos fins de semana, quando a movimentação aumenta.

Além disso, as equipes em campo vão estudando, com um padrão de planilhas, dados, referentes aos animais que são observados diretamente. Até o momento já foram feitas algumas observações, entre elas, o padrão compor-

tamental de aprendizado. O filhote, inclusive, passará pela introdução outros itens de alimentação, como algas marinhas.

Extinção

Cerca de 1.100 animais da espécie vivem nas imediações de Alagoas ao Piauí, segundo estudo realizado pela Fundação Mamíferos Aquáticos (FMA). Antes, os grupos de peixes-bois, quando avistados, possuíam de 12 a 15 animais. Agora são de dois a

quatro. Há ainda a observação de animais da espécie presentes em outros estados, como Maranhão e Amapá, mas não fizeram parte do estudo.

Na Paraíba, há um baixo registro de encalhes nos últimos anos, em 2022 houve um encalhe de filhote na Barra de Caramatuba. Em janeiro deste ano, um outro encalhe foi observado no Rio Sargi, com um animal da espécie que povoa as águas da Paraíba e do Rio Grande do Norte.

E-SPORTS

Jogos eletrônicos, entretenimento e também esporte

Na Paraíba, os ‘games’ são considerados modalidade esportiva desde 2019

Laura Luna
lauraluna@epc.pb.org.br

O avanço da tecnologia transformou simples jogos de Atari, modernos à época é bem verdade, em narrativas complexas baseadas em universos paralelos cheios de desafios. Jogos que mesclam estratégia em tempo real e RPG, que é quando os jogadores assumem papéis de personagens e criam histórias de forma colaborativa.

Como se não bastasse toda a evolução, que transformou telas pixeladas em verdadeiros filmes com qualidade gráfica de fazer inveja às produções Hollywoodianas, os jogos eletrônicos avançaram mais uma casa no tabuleiro quando passaram de entretenimento puro para ‘meio de vida’. Campeonatos em todo o mundo têm proporcionado aos gamers a possibilidade de monetizar o que antes era apenas lazer. Competições e desafios com premiação capaz de transformar jovens estudantes em milionários.

Na conta do gamer paulistano Bruno Nobru, de 21 anos, fera no ‘Free Fire’ (jogo que tem como objetivo a sobrevivência em meios a uma zona de tiros) cai pelo menos R\$1 milhão por mês. O pernambucano Epitácio de Melo, mais conhecido como Taco, que morou na Paraíba, é um dos jogadores mais famosos de ‘Counter-Strike: Global Offensive’ (jogo de tiros onde deve-se alcançar metas específicas) do mundo e há anos vive de jogo e publicidade. É que no universo gamer os competidores, geralmente, acabam se especializando em um jogo específico e além de faturarem com torneios e competições, fazem dinheiro também com publicidade, já que habitualmente possuem milhares de se-

guidores nas redes sociais. Aqui na Paraíba, Vanderley Matias está no caminho. VM7, como é conhecido no meio, joga desde 2018. “Comecei jogando só para passar o tempo e isso começou a crescer, daí quando eu terminei o estudo decidi que iria tentar entrar nesse mundo dos games”.

As competições amadoras começaram em 2019 e no ano seguinte veio o convite para jogar profissionalmente. “Joguei a série B, aí passaram alguns meses e veio outro convite para jogar na elite do Free Fire onde estão os melhores hoje em dia”. Já são quase três anos na série A da Liga Brasileira de Free Fire (LBFF) e uma rotina que passa por treinos, alimentação regrada, exercícios físicos, terapia e muitas competições. Tudo com contrato assinado, salário e bonificação em caso de vitória. Dedicação e um faturamento que não é estratosférico se comparado ao que se pode lucrar nesse meio, mas que dá sim para manter as contas em dia, e com folga. “Em dezembro eu fiz R\$4 mil em uma semana só com publicações e já recebi proposta de trabalho com salário de 5k (R\$5 mil na linguagem de rede social), fora bonificação”.

E os números impressionam, consolidada como a maior entre as indústrias de entretenimento, ultrapassando os mercados de música e de cinema, o mercado global dos jogos eletrônicos deve atingir 219 bilhões de dólares em 2024, segundo a Newzoo, consultoria de dados especializada no setor. O Brasil lidera a indústria dos games na América Latina, estando em 12º lugar no mundo. Só em 2021 o país alcançou um faturamento de R\$11,8 bilhões com jogos eletrônicos sendo consumidos por 74,5% dos brasileiros.

Mercado dos games movimenta bilhões de reais pelo mundo

Mercado que movimenta bilhões de reais, que não para de crescer e que acaba se tornando sonho de muitos. “É como querer ser jogador de futebol um tempo atrás. Hoje, os jovens estão sonhando com a possibilidade de viver dos jogos eletrônicos e inclusive já existe todo um aparato para os que querem viver disso”, reforça Luiz Henrique, 27, o Pelezinho como é conhecido. O social media que trabalha em uma empresa voltada para esse universo é também streamer, criador de conteúdo digital que faz gravações e transmissões ao vivo, e caster, que é como se chamam os narradores de campeonatos de jogos eletrônicos. “Hoje eu consigo sim tá vivendo do eSports, de caster, consigo monetizar o meu canal no YouTube, então é um meio que abrange várias coisas. ... monetizando instagram, Tiktok, então dá pra tirar um valor bacana”.

Ganham os narradores, os jogadores, os criadores de conteúdo e ganham também os ‘donos’ de equipes. O paraibano Ramon Bezerra montou uma há três anos e meio e está decidido a investir e crescer no setor. “Temos três modalidades atualmente: Free Fire, FIFA e lol, onde damos oportunidade para players jogar campeonatos. Arcamos com camisas, viagens para campeonatos, inscrições e alguns

custos, se necessário, como internet e fone”. Ganhando a competição, é pago também um percentual acordado previamente e que varia de acordo com o valor da premiação recebida.

E as competições reúnem espectadores do mundo todo, são milhares de visualizações simultâneas, e eventos cada vez mais elaborados e cheios de patrocínio. Práticas que se aproximam cada vez mais do que fazem os atletas das modalidades esportivas mais tradicionais e que já fizeram países, como Coreia do Sul, China, Malásia, Rússia e Finlândia regulamentarem o eSports como esporte. Tendência que por hora não será acompanhada pelo Brasil, já que em fala divulgada recentemente, a ministra do Esporte, Ana Moser, disse não considerar o eSports como esporte justificando assim o não investimento no setor. Na ocasião, a ex-jogadora de vôlei comparou o treino de atletas de eSports ao de cantores como Ite Sangalo afirmando que fazem parte da indústria do entretenimento, assim como a música.

Ideia rebatida por quem se considera atleta da modalidade. “Do jeito que existe o CT para jogadores de futebol, existem as GH’s (games houses) que são espaços que oferecem toda a estrutura, com todo estudo e preparo necessário para o desenvol-

vimento dos atletas. De psicólogo a fisioterapeuta. Uma rotina de dedicação como a de qualquer esportista”, coloca Pelezinho. O entrevistado falou sobre a opinião da ministra. “Ela pecou em alguns pontos porque o eSports não é mais como antes. As coisas evoluíram e a partir do momento que a galera viu que pode ter retorno, realmente focaram muito, com as organizações investindo muito em relação aos atletas e equipes”. Ramon também discorda da fala da ministra e sugere mais aprofundamento no assunto. “Diferente do que foi falado, os games levam a pensar, raciocinar. São uma forma a mais de tirar os jovens de uma ociosidade, fazendo com que sonhem em ser profissionais e, como o futebol, possam ajudar família e parentes. O Brasil deve estudar mais um pouco sobre o assunto e olhar os benefícios e investir no setor, como a França que está buscando incluir a modalidade nas Olimpíadas”. VM7 também re-

bate a fala de Ana Moser e acrescenta. “Isso mostra o abismo que ainda existe entre as gerações. O avanço da tecnologia trouxe todo um universo paralelo virtual onde as pessoas podem praticar esportes que vão exigir muito mais da mente do que do corpo. Finalizo dizendo que alguém que não entende o próprio presente em que vive, não tem capacidade de analisar as projeções para o futuro”.

Na Paraíba, os jogos eletrônicos são considerados esporte, de acordo com a Lei 11.296/19. Em 2021 a Prefeitura de João Pessoa apoiou, pela primeira vez, uma competição de jogos eletrônicos onde cerca de 60 equipes, somando mais de 350 competidores, se enfrentaram no torneio que teve o League of Legends como foco.

Sobre ser esporte

No Brasil, a Lei Geral do Desporto abrange práticas formais, reguladas por normas nacionais e internacionais

e pelas regras de prática desportiva de cada modalidade, aceitas pelas respectivas entidades nacionais de administração do desporto.

Nos dicionários o esporte tem os seguintes significados: “O conjunto das atividades físicas ou de jogos que exigem habilidade, que obedecem regras específicas e que são praticados individualmente ou em equipe; desporto, desporto”, no Michaelis; Já no Aurélio aparece como “conjunto dos exercícios físicos praticados com método, individualmente ou em equipe; desporto, desporto. Qualquer deles. Entretenimento”.

A Confederação Brasileira de eSports define a prática como “competições disputadas em games eletrônicos em que os jogadores atuam como atletas profissionais de esportes tradicionais e são assistidos por uma audiência presencial e/ou online, através de diversas plataformas de stream on-line ou TV.



Fotos: Livesilly Leandry/Divulgação

Os jovens estão cada vez mais conectados nos jogos eletrônicos e disputam competições pelo Brasil



Foto: Arquivo Pessoal



Diferente do que foi falado, os games levam as pessoas a pensar, raciocinar. São uma forma a mais de tirar os jovens de uma ociosidade

Ramon Bezerra



Foto: Renanvieira/Divulgação



Isso mostra o abismo que ainda existe entre as gerações. O avanço da tecnologia trouxe todo um universo paralelo virtual

Vanderley Matias



Foto: fjesportsbr/Divulgação



É como querer ser jogador de futebol um tempo atrás. Hoje, os jovens estão sonhando com a possibilidade de viver dos jogos eletrônicos

Luiz Henrique

PARIS 2024

COI vai aceitar Rússia nas Olimpíadas

Sinalização do Comitê Olímpico Internacional não tem o apoio da Ucrânia, que insiste na exclusão dos atletas russos

Agência Estado

A volta da Rússia às competições oficiais está cada vez mais próxima. Na última quarta-feira, o Comitê Olímpico Internacional (COI) aceitou favorável para que os russos e seus aliados de Belarus disputem os Jogos Olímpicos de Paris-2024, mas com times neutros - sem representar a bandeira de suas determinadas nações. A Ucrânia, que está sendo atacada pelos dois países, contudo, é contra. O presidente ucraniano Volodymyr Zelensky pediu que fossem “excluí-los totalmente”. Mas foi derrotado mais uma vez na quinta-feira (26), com Rússia e Belarus sendo convidadas a competir nos Jogos Asiáticos, uma importante qualificação olímpica. Por causa da invasão à Ucrânia, Rússia e Belarus foram impedidas de participar de quase todas as competições internacionais de esportes olímpicos. Zelensky pressiona para que o veto siga e disse ao presidente fran-

“**O COI tem desconsiderado os crimes de guerra russos, alegando que ‘nenhum atleta deve ser impedido de competir apenas por causa de seu passaporte’, enquanto atletas ucranianos continuam sendo mortos pela Rússia por causa de seus passaportes**”

Dmytro Kuleba

cês Emmanuel Macron que a Rússia “não deveria ter lugar” em Paris-2024. O COI fez referência à guerra civil na ex-Iugoslávia nas Olimpíadas de 1992 em Barcelona para se mostrar favorável à presença das delegações na França no próximo ano. Na época, o país estava sob sanções das Nações Unidas, então os atletas iugoslavos foram autorizados a competir individualmente apenas como “participantes olímpicos independentes”. Seria uma medida mais rigorosa do que as anteriores do COI contra a Rússia nas consequências de um dos maiores casos de doping da história do esporte. Os russos competiram sob o nome de “atleta olímpico da Rússia” nos Jogos Olímpicos de Inverno de 2018 e como ROC (Comitê Olímpico Russo) em 2021 e 2022, sem o hino ou a bandeira de seu país, mas com as cores nacionais nos uniformes. “O COI tem desconsiderado os crimes de guerra rus-

sos, alegando que ‘nenhum atleta deve ser impedido de competir apenas por causa de seu passaporte’, enquanto atletas ucranianos continuam sendo mortos pela Rússia por causa de seus passaportes. Peço a todas as figuras do esporte que tornem sua posição conhecida”, escreveu o ministro das Relações Exteriores, Dmytro Kuleba, no Twitter na última quinta-feira. A Ucrânia já havia boicotado uma eliminatória olímpica de judô no ano passado, quando os russos foram autorizados a competir como neutros. Por outro lado, na Rússia o plano do COI foi elogiado por Igor Levitin, assessor do presidente Vladimir Putin “Acho que já é um sucesso. A sociedade olímpica entende que os Jogos Olímpicos não podem ser realizados sem a Rússia”, disse Levitin, vice-presidente sênior do Comitê Olímpico Russo, à agência de notícias estatal Tass. Mas há quem não aprove a ideia do COI na Rússia. Algumas autoridades expres-

saram descontentamento, declarando que “não permitiriam atletas que estivessem apoiando ativamente a guerra na Ucrânia”. O presidente do Comitê Olímpico Russo, Stanislav Pozdnyakov, afirmou que se opõe a “quaisquer restrições, exigências extras ou sanções”. **O presidente ucraniano Volodymyr Zelensky segue pressionando para derrubar a decisão do COI** **Jogos asiáticos** Os Jogos Asiáticos serão em Hangzhou, China, em setembro e outubro, e servirão como eliminatórias olímpicas em vários esportes, incluindo arco e flecha e boxe.

Alguns outros esportes hospedarão suas próprias competições de qualificação específicas da Ásia. “A OCA (Conselho Olímpico da Ásia) acredita no poder unificador do esporte e que todos os atletas, independentemente de sua nacionalidade ou passaporte, devem poder competir em competições esportivas”, disse a OCA em comunicado. O diretor-geral da entidade é Husain al-Musallam, também presidente da World Aquatics, que supervisiona o principal esporte olímpico de natação na cidade natal do COI, Lausanne. “A OCA ofereceu aos atletas russos e belarussos qualificados a oportunidade de participar de competições na Ásia, incluindo os Jogos Asiáticos”, informou a organização. A entidade acrescentou que “permanece em espera” até que o COI e os órgãos reguladores de esportes individuais finalizem as condições para Rússia e Belarus competirem.

Foto: Tokyooficial2021



Nas Olimpíadas de Tóquio, disputadas em 2021, os atletas russos participaram de forma independente, usando apenas o nome do Comitê Olímpico da Rússia, mas sem a execução do hino do país

DREAM TOUR

Confederação de Surf anuncia uma nova competição

Agência Estado

A Confederação Brasileira de Surf (CBSurf) anunciou o lançamento do Dream Tour 2023, novo Circuito Brasileiro de Surfe. A competição vai contar com seis etapas em diferentes praias do sul ao nordeste do país, além de transmissão multiplataforma. O torneio vai contar com alguns dos principais nomes da modalidade no Brasil, como os atuais campeões nacionais Silvana Lima e Israel Júnior. Serão 64 atletas na disputa masculina e 24 na feminina. Além das provas, o torneio também promoverá atividades nas arenas dos locais,

com esportes de praia, música e ativações. A estrutura do campeonato foi desenvolvida pela CBSurf em parceria com a empresa de entretenimento Dream Factory. “É o começo de uma nova era. Uma nova era com potencial de transformação. Novos ventos, novas ondas e novos desafios. É tempo de mudança, de atitudes e de promover o surfe brasileiro e valorizar cada vez mais os atletas no país”, exalta Teco Padaratz, presidente da CBSurf e bicampeão do World Men’s Qualifying Series. “Essa iniciativa dará o merecido destaque ao esporte. Trata-se de uma plataforma com uma comunidade

gigante que ganha cada vez mais espaço. Também vai contribuir para potencializar a visibilidade da modalidade e incrementar o portfólio de patrocinadores e apoiadores com iniciativas em três regiões do país durante o ano inteiro”, afirma Jued Andari, líder do cluster de Esportes da Dream Factory. A competição terá transmissão multiplataforma, sendo exibida tanto no canal SporTV quanto na plataforma de streaming Globoplay. O torneio conta com o apoio da Shell e os patrocínios de Vivo e Gerdau. Novos parceiros estão em negociação e serão apresentados em breve.



Foto: Lima Jr./CBSurf

A surfista Silvana Lima deve marcar presença na nova competição organizada pela CBSurf

DANIEL ALVES E ROBINHO

Carreiras marcadas por abuso sexual

Lateral direito ainda aguarda julgamento, mas está preso; já o atacante, condenado, vive foragido no Brasil

Agência Estado

Daniel Alves está preso de forma preventiva, sem direito à fiança, desde a sexta-feira, dia 20 de janeiro, por um suposto estupro contra uma mulher de 23 anos em uma casa noturna de Barcelona, na Espanha. O lateral direito, presente no elenco da Seleção Brasileira na Copa do Mundo do Catar, foi detido após prestar depoimento e nega todas as acusações.

No último ano, outro caso de crime sexual repercutiu no cenário brasileiro. Robinho, ex-jogador do Santos, Real Madrid, Manchester City, Milan e Seleção Brasileira, foi condenado pela Justiça italiana,

Impune

O atacante Robinho foi condenado a 22 anos de prisão pela Justiça italiana, mas a sentença saiu quando ele estava no Brasil, não sendo extraditado devido à legislação brasileira

em última instância, por estupro coletivo cometido em 2013 contra uma mulher albanesa, à época com 22 anos, em uma casa noturna em Milão. Ele recebeu pena de nove anos, mas ainda não cumpre sua pena.

Ambos foram acusados de crime sexual, mas apenas Daniel Alves chegou a ser preso, ainda que de forma preventiva. Em resumo, Robinho segue em liberdade porque se mudou para o Brasil antes de ser condenado pela Justiça da Itália. Desta forma, se beneficia da lei brasileira, que não permite que brasileiros sejam extraditados.

“Sobre o ponto de vista material, os casos de Robinho e de Daniel Alves são bastante parecidos, uma

vez que, em relação aos dois, pesam acusações de estupro ou qualquer forma de importunação sexual sem o consento da vítima”, explica Acacio Miranda da Silva Filho, especialista em Direito Constitucional e Penal, mestre em Direito Penal Internacional pela Universidade de Granada, na Espanha.

Daniel Alves foi detido após prestar depoimento na Espanha, estando submetido às leis do país. Além disso, o lateral direito tem dupla nacionalidade - espanhola e brasileira. Caso viajasse ao Brasil, não haveria forma de extraditá-lo para a Espanha, semelhante à situação de Robinho. Caso venha a ser condenado, o lateral pode cum-

prir sua pena no país, sem a necessidade de ser extraditado.

De acordo com a legislação espanhola, um acusado pode ser preso antes de seu julgamento em três situações: risco de fuga do país ou de algum território no qual o acusado possa ser julgado; alteração de provas; e proteção da vítima. Na decisão da juíza Maria Concepción Canton Martín, que decretou a prisão preventiva do jogador, foi apontado risco de uma fuga, uma vez que o atleta não mora mais na Espanha e possui recursos financeiros para deixar o país a qualquer momento. Além disso, a Espanha não tem acordo de extradição com o Brasil.

Lei na Espanha implica que ônus da prova é do acusado

Em outubro de 2022, o Código Penal da Espanha foi alterado com o acréscimo de uma nova lei, a qual prevê que os crimes sexuais devem ser tipificados de acordo com o consentimento da vítima. Chamada de “Só sim é sim”, ela passou a considerar que todos os atos sexuais não consensuais passam a ser considerados violência

Matheus Falivene, doutor e mestre em Direito Penal pela Faculdade de Direito da Universi-

dade de São Paulo (USP), explica que a nova lei implica que o ônus da prova, com relação ao consentimento, seja do acusado. “Esta lei acaba invertendo uma lógica do processo penal no qual o ônus da prova seria de quem acusa. Nos casos destes crime contra a dignidade sexual, o homem teria que provar de forma inequívoca que houve o consentimento”, afirma.

O Código Penal da Espanha considera como agressão sexual

“atos de caráter sexual que sejam realizados com recurso à violência, intimidação ou abuso de uma situação de superioridade ou vulnerabilidade da vítima”. No caso de Daniel Alves, ele pode ser condenado de um a 15 anos de prisão e a Justiça brasileira não pode interferir, já que a Espanha é soberana no caso.

Além da possibilidade de fuga, a prisão preventiva de Daniel Alves foi decretada por causa das contradições em seu

depoimento na Justiça espanhola. De acordo com informações do jornal espanhol El Periódico, essa situação deu mais força às alegações da denunciante, associadas principalmente aos exames e provas colhidas no local, entre elas sêmen encontrado no banheiro vip da casa noturna. Daniel Alves teria trancado, agredido e estuproado a mulher no local.

Uma destas contradições em seu discurso foi a presença de

uma tatuagem. De acordo com o jornal El Mundo, a vítima descreveu que o jogador teria uma meia-lua tatuada entre o abdômen e as partes íntimas, que só poderia ser vista caso estivesse sem roupa. Na Espanha, a prisão preventiva pode durar até quatro anos, até que o caso seja julgado por completo. No momento, o processo está na parte da colheita de provas e não há data prevista para um resultado em definitivo.

Cumprimento de pena de Robinho passa pelo aval do STF

No caso de Robinho, a Justiça italiana pediu a extradição do jogador e de seu amigo Ricardo Falco - ambos condenados por estupro -, em outubro de 2022, quase nove meses após a confirmação da sentença do jogador pela Suprema Corte do país. O pedido foi negado pelo Brasil, mas Flávio Dino (PSB), atual ministro da Justiça, afir-

mou na semana passada que Robinho poderia cumprir pena em seu País.

“O exame definitivo compete a questões jurídicas, não são questões políticas. A própria Constituição brasileira proíbe a extradição de cidadãos brasileiros natos. Mas, agora pode, em tese, haver esse cumprimento de pena, mas isso precisa ser

examinado e isso efetivamente tramitar”, disse Dino. Segundo o ministro, o caso ainda não chegou às suas mãos.

Para que Robinho cumpra sua pena de nove anos no Brasil, essa decisão deve ser homologada pelo Supremo Tribunal Federal (STF). “Essa relação, entre o Brasil e Itália, passaria por uma intermediação do Itama-

raty”, explica José Beraldo, advogado criminalista. “Mesmo assim, o caso seguiria o mesmo regime de progressão de pena da Itália, começando pelo regime fechado.”

Robinho já está, desde o último ano, na lista vermelha da Organização Internacional de Polícia Criminal (Interpol), no qual ele perdeu sua proteção jurídica,

conferida pela Constituição Brasileira, caso deixe o país. O jogador e seu amigo foram condenados com base no artigo “609 bis” do código penal italiano, que fala do ato de violência sexual não consensual forçado por duas ou mais pessoas, obrigando alguém a manter relações sexuais por sua condição de inferioridade de “física ou psíquica”.

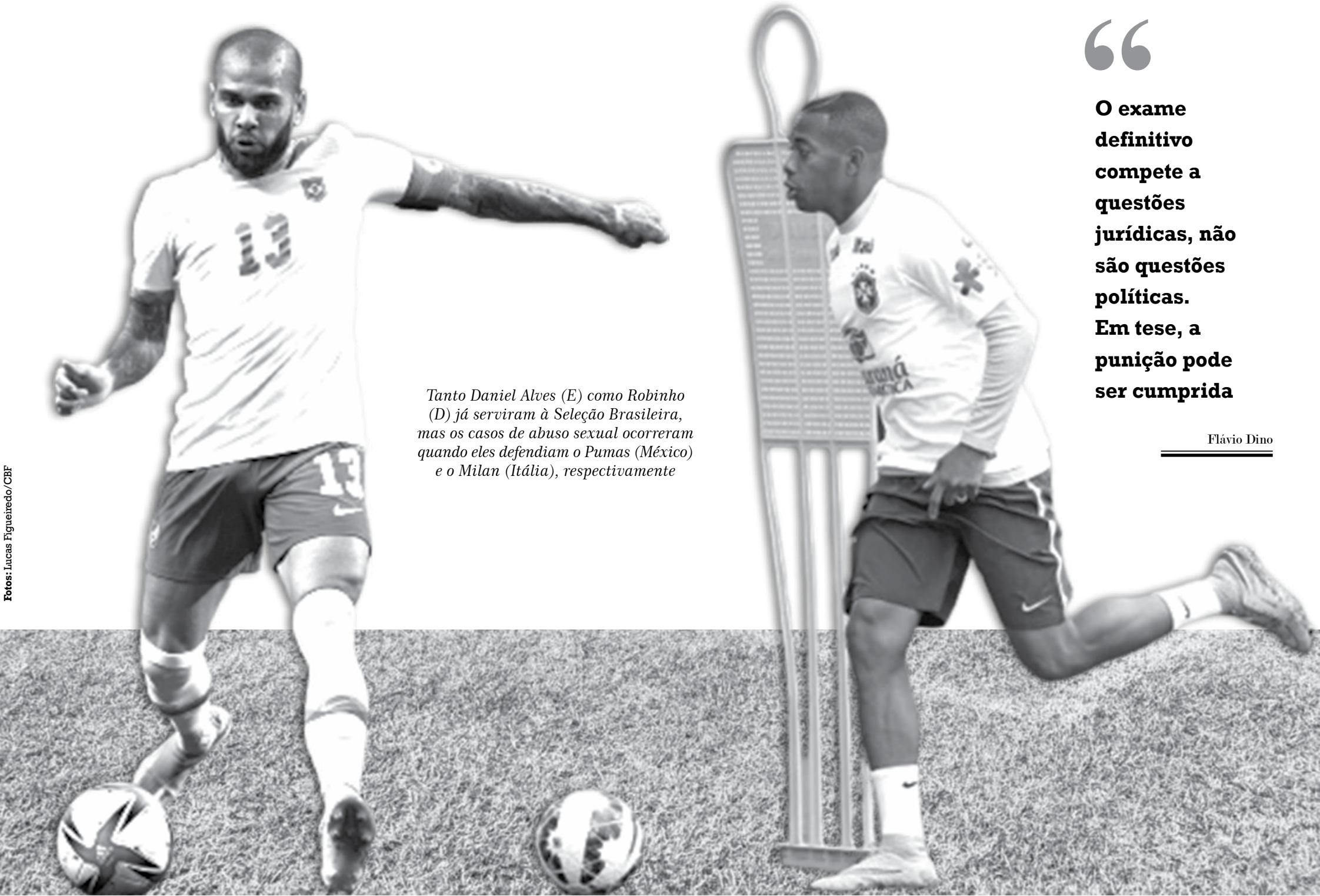
“

O exame definitivo compete a questões jurídicas, não são questões políticas. Em tese, a punição pode ser cumprida

Flávio Dino

Tanto Daniel Alves (E) como Robinho (D) já serviram à Seleção Brasileira, mas os casos de abuso sexual ocorreram quando eles defendiam o Pumas (México) e o Milan (Itália), respectivamente

Fotos: Lucas Figueiredo/CBF



PARAIBANO 2023

Treze recebe o CSP, hoje, no Amigão

Embalado e focado em manter a liderança, o Galo quer repetir a boa atuação do jogo anterior diante do Tigre

Fabiano Sousa
fabianogool@gmail.com

O Treze entra em campo, hoje, pela 6ª rodada do Campeonato Paraibano com o objetivo de se manter na liderança da competição e recebe o CSP, no Estádio Amigão, em Campina Grande, a partir das 16h. Para o Tigre, a partida vale a reabilitação já que o clube vem de derrota na última rodada.

Os sete pontos conquistados nas três últimas rodadas colocaram o alvinegro na liderança do Certame Estadual após a quinta rodada. Desde a derrota para o Nacional de Patos por 2 a 0, na segunda rodada, o clube deu uma alavancada. Nas três rodadas seguintes conseguiu vitórias contra Auto e Esporte e Serra Branca, além de um empate com o Botafogo, totalizando dez pontos.

O Galo vive o seu melhor momento e quer emplacar mais uma vitória diante o Tigre, para ficar mais próximo da classificação. O lateral esquerdo Jonathan credencia o momento do clube a metodologia de jogo do treinador Willian de Matti. O jogador espera dar continuidade ao bom momento da equipe.



Foto: Daniel Vieira/Treze

Jogadores do Treze comemoram mais um gol na fácil vitória sobre o Vila Branca, na última quinta-feira, no Amigão

CRIANÇAS DE CINCO A 13 ANOS Escolinha de Futsal em Catolé tem como meta a formação de cidadãos

Laura Luna
lauraluna@epc.pb.gov.br

Em Catolé do Rocha, no Ser-tão do estado, o futsal tem público certo. Além de torcedores que costumam encher ginásios em torneios pela região, o município também é responsável pela formação de jovens atletas. Na Escolinha ‘Gil Catolé’, criada em 2017 pelo craque Giuliano Gemma, cerca de 50 crianças entre cinco e 13 anos de idade estão aprendendo mais sobre o esporte que é uma das paixões nacionais.

Mas a escolinha vai além. O lema ‘Bom na escola, bom de bola’, já diz tudo. É que o ex-jogador, responsável por treinar a meninada, reconhece a importância da prática esportiva em si, mas na Arena Society, localizada no bairro Batalhão, há muitos outros valores sendo compartilhados. “Nossa prioridade é a disciplina, a educação, e o respeito e

o esporte é tudo isso. A parte técnica é o complemento”, pontuou Gil que carrega no currículo passagens pelas seleções paraibana, cearense, gaúcha e brasileira, tendo jogado também em clubes da Rússia, Bélgica e França.

Os treinos acontecem às segundas, quartas e sextas-feiras sempre no turno da tarde. Quem conta os dias e as horas para jogar com os colegas é Davi Azevedo, de oito anos. Há quase um ano no futsal, o estudante não gosta nem de pensar na possibilidade de faltar aos treinos. “Gosta muito. Quando não dá certo para ir ele quase chora (risos). Não quer perder um dia”, garante Sandra Márcia Azevedo, mãe do garoto.

A entrevistada conta que os treinos têm ajudado Davi em vários aspectos. Filho feliz e mãe satisfeita. “Tem muita energia e a escolinha ajuda muito na disciplina e comportamento. Quando ele entrou era mais indisciplinado no

tocante ao jogo e se irritava com os colegas quando algo dava errado em quadra. Hoje isso não acontece mais. E tem a questão de ajudar no controle do peso”. E mais, Davi já está ajudando o treinador. “Ajuda Gil com os meninos menores, apitando o jogo, sendo juiz ou goleiro”.

Quem ensina, garante que também aprende. Para Gil Catolé é a sinceridade e a alegria das crianças que mais chama a atenção. “É muito gratificante poder passar conhecimentos que adquirimos durante essas décadas no esporte. Aprendemos muito com as crianças, juntamente com os pais e mães”.

Mas o paraibano, que fez história no futsal, também torce para que a escolinha revele algum grande talento da modalidade. “Esperamos que algum dia isso aconteça, mas se formarmos pessoas para o bem já estaremos satisfeitos demais”, finalizou.



Foto: Gil Catolé/Divulgação

O lema da Escolinha de Futsal de Gil, em Catolé do Rocha, é “bom na escola, bom de bola”

Jogos de hoje

- PARAIBANO**
16h
Treze x CSP
- ALAGOANO**
16h
CSE x Cruzeiro
- BAIANO**
16h
Bahia x Vitória
18h
Barcelona x Doce Mel
18h30
Jacobinense x Atlético
- BRASILIENSE**
10h
Capital-DF x Samambaia
15h
Brasília x Real Brasília
- CARIOCA**
15h30
Resende x Portuguesa
18h
Fluminense x Botafogo
20h15
Bocavista x Madureira
- CATARINENSE**
17h
Marcelio Dias x Camboriú
Joinville x Barra
19h
Brusque x Criciúma
19h
Atlético x Hercílio Luz
- CEARENSE**
17h
Barbalha x Fortaleza
19h30
Atlético x Guarani de Juazeiro
- GAÚCHO**
16h
Avenida x Ypiranga
Esportivo x Brasil
19h
Caxias x Aimoré
20h30
São José x Grêmio
- MARANHENSE**
16h
Sampaio Corrêa x Maranhão
- MINEIRO**
11h
Tombense x Atlético
18h30
América-MG x Villa Nova
- PARANAENSE**
16h
Coritiba x Azuriz
18h30
Operário-PR x Maringá
Áruko x Londrina
- PAULISTA**
15h
Água Santa x Portuguesa
16h
Inter de Limeira x Itano
16h
São Bernardo x São Bento
18h30
São Paulo x Corinthians
- PERNAMBUCANO**
15h
Íbis x Caruaru City
16h30
Santa Cruz x Maguary
19h
Belo Jardim x Petrolina
- PIAUIENSE**
15h45
Corisabbá x Comercial
16h
4 de Julho x Altos
- POTIGUAR**
15h
América-RN x Alecrim
16h
Potiguar de Mossoró x ABC
- SERGIPANO**
15h15
Estanciano x Lagarto
16h
Itabaiana x Confiança

HISTÓRIA DO CANGAÇO

O indulto de Antônio Silvino

Vigário do município de Esperança tentou, em 1909, intermediar perdão dos crimes do cangaceiro junto ao Governo da Paraíba

Rau Ferreira
Especial para A União

Foi durante uma missa do padre Almeida, vigário de Esperança, na Paraíba, que um morador do lugar lhe procurou para dizer que Antônio Silvino estava acampado nas imediações da vila com a intenção de assaltar o povoado tão logo o vigário se ausentasse para uma viagem, marcada para o dia seguinte.

Tomando pé daquela conversa, o vigário resolveu procurar o cangaceiro, que estava numa mata da redondeza, aguardando o momento certo. Mas a notícia não ficara apenas nos ouvidos do padre, pois toda a vila já se fazia conhecer, ficando em polvorosa a sua população.

O padre Francisco Gonçalves de Almeida gozava de grande prestígio. Foi deputado estadual pelo Rio Grande do Norte e exerceu a presidência da Intendência da Penha, seguindo a política do doutor Pedro Velho.

Entrando mata adentro, o vigário encontrou um dos capangas de Antônio Silvino que guardava a entrada. O padre disse que queria ter com seu chefe e foi escoltado ao interior do bosque onde encontrou-o cercado de mais nove homens: “Gente nova, robusta, muito diferente da criançaça de que andava acompanhado nos últimos tempos”, afirmou.

Eram caboclos valentes recrutados do Sertão do Ceará quando Antônio Silvino por ali andou dois meses antes desse episódio.

Assentando-se o vigário para conversar com Antônio, das cinco da tarde até as dez da noite. Silvino lhe confessou que aguardara uma oportunidade para invadir a vila, justificando que assim procedia devido aos muitos inimigos que colecionava em Esperança, como o delegado que sempre lhe armava emboscadas. Mostrava-se convicto de seus intentos, sabedor do comércio forte e de quanto poderia amealhar naquela incursão. A muito custo dissuadiu o vigário que evitasse o cangaceiro aquela empreitada. Fez-lhe então uma promessa, de buscar junto ao governo o indulto há tanto desejado pelo forasteiro.

Durante essa conversa, confidenciou ao padre Almeida: “Se o governo não atender, tornar-me ei um verdadeiro bandido, pois até agora nunca o fui. Se eu fosse bandido, roubaria nas estradas a quem encontrasse. Encontro caixeiros viajantes, recheados de dinheiro e me contento com o que dão. Sei que os trens levam bastante dinheiro e se eu fosse perverso fazia-os descarrilar para roubar os passageiros. Não, não fiz nada disso”.

E Antônio Silvino continuou: “Cometem-se aí os maiores assassinatos e dizem que fui eu. Querem uma prova das calúnias que levantam contra mim, está aí o fato de pretender eu cobrar da companhia inglesa 80 contos de reis por haverem passado os trilhos sobre os meus terre-

nos no Surrão. Em conversa, por simples pilheria, havia eu dito a Chico Sá que estava com vontade de cobrar uma indenização à companhia inglesa. Pois bem!”

E mais: “A cousa passou como verdadeiro e lá vieram batalhões de tropa de linha para fuzilamentos e praticar horrores. Uma simples pilhéria! Aliás, eu tenho direitos sobre o Surrão, que era o meu lugar predileto para me esconder, não queria trilhos perto, mas ainda assim os trilhos não passavam pelos meus terrenos. É para o senhor ver”, disse o cangaceiro.

E suplicou ao vigário pelo indulto, renovando a paga de se tornar um bandido, caso não fosse atendido: “Não sei mais o Silvino pacífico de outros tempos que aceitava o que lhe dessem. Não! Vou fazer guerra ao comércio que tenha ligações com deputados estaduais. Mandarei queimar todas as mercadorias que remeterem para o Sertão, não deixarei passar uma caixa de fósforo. Passarão somente as mercadorias que não forem de casas onde haja sócios deputados e senadores”.

Os nove homens que trazia consigo estavam dispostos a morrer, pois eram os mais valentes que já tinham acompanhado o “Rifle de Ouro”, como ficou conhecido Antônio Silvino. Entendia que o governador nada podia sem a Assembleia Legislativa, voltando-se contra os políticos para coagir-lhes a aprovar o seu perdão: “Eu sei, que na Parahyba há um tal Murillo, da Casa Paiva Valente, e que é deputado; um outro chamado Antônio Lyra, da Casa A.B. Lyra & C., também deputado. Pois bem, as mercadorias desses e também de outras casas nas mesmas condições não passarão pela estrada”, acrescentou.

Discorrendo sobre os delitos praticados, disse o cangaceiro ao padre que era processado apenas no Ingá, onde o crime prescrevia se passados 10 anos naquele município não fosse pronunciado: “Estou há mais de 10 anos dentro do município do Ingá, logo o meu crime está legalmente prescrito”.

O padre Almeida advertiu-o que podia ser preso a qualquer momento, pois a polícia estava no seu encalço em todo o estado, mas Silvino conhecia bem as nuances e ao que parecia mantinha-se bem informado acerca da volante.

“Sei de todos os pontos onde estão os oficiais da polícia paraibana que me perseguem. O tenente Maurício está em Campina, fiz toda a viagem com ele, eu pela estrada e ele por dentro do mato, sem saber que eu ia pertinho; Joaquim Henrique está em Alagoa Grande, Elysio em tal parte... A Parahyba tem 700 soldados de polícia. Pernambuco 1.200 e na cavalaria somente isso tudo e botem mais cem por cima, formando dois mil e eu darei o pescoço para cortarem se toda essa gente solta no mato for capaz de me prender”, dizia convicto Silvino ao religioso.



Ilustração: Tônio



Foto: Reprodução

Antônio Silvino tentou a reabilitação por três vezes e acabou preso em 1914, cumprindo pena até 1937

Ameaça

Cercado de caboclos valentes, recrutados no Sertão do Ceará, o cangaceiro Antônio Silvino prometia fazer guerra ao comércio ligado a deputados e causar prejuízos

“Cabras” roubando em nome do cangaceiro

perseguir, não demonstrando o capitão confiança: “Na palavra do governo não me fio eu. Quero o indulto votado pela Assembleia num decreto, com força de lei”, retrucou.

Consultando a minha consciência de sacerdote diante de uma tal manifestação do propósito manifestado por Silvino de regenerar-se, indo expiar no trabalho honesto e proveito às depravações da sua agitadíssima vida de eterno perseguido da lei, achei que era um dever propugnar a conquista para o bem daquele espírito tão profundamente desviado da senda do dever, e nessa disposição foi que, julgando prestar um serviço à ordem pública, apareci na propugnação do fim colimado”, registrou padre à época.

Para cumprir a sua promessa, esforçou-se o vigário buscando as autoridades constituídas do estado. Telegrafou ao monsenhor Walfredo Leal, à época senador pela Parahyba.

Na mensagem, o sacerdote destacou: “Silvino quer arrasar Esperança. Dissuadi-o intuitos sinistros. Silvino jurou-me abandonar estado e circunvizinhança adquirindo perdão. Prometi advogar sua causa. Rogo telegrafardes João Machado, apresentando-me. Silvino propósito duplicar façanhas, caso não seja perdoado, preferindo atacar comércio e perseguir deputados estaduais. Seu grupo melhor organizado bandido Sertão. Silvino até decisão governo nada fará. Queria a sua intervenção junto ao governo do estado e para tanto viajo à capital”.

Em Esperança, muitos estavam concordes com a proposta, mas o governante explicou-lhe a “invencível dificuldade de resolver o caso, não descobrindo na lei nenhum remédio para a situação de Silvino, a quem cumpria que se regenerasse através da mesma lei”. Trocando em miúdos, Walfredo Leal pretendia a sua rendição.



Foto: Reprodução

Padre Almeida, de Esperança

Elysio Sobreira, que era esperancense, ingressara como músico na Polícia Militar, assumira um batalhão, mostrando valentia no combate ao cangaço. Por aquele tempo haviam sido presos três “cabras” nas bandas de Areia pelo coronel Cunha Lima, que andavam roubando em nome de Antônio Silvino, o que muito lhe agradara, pois estava no encalço dos meliantes para “cortar-lhes as pernas caso os pegasse”.

O vigário então intercalou, se não fosse possível o indulto, lhe bastaria a palavra do governo de não mais o

Frustração do padre junto ao Governo

Padre Almeida era natural de Alagoa Nova, interior paraibano. Nascido no ano de 1871, filho de Delfino Gonçalves de Almeida e Adelaide Irinéia de Vasconcelos Monteiro, foi ordenado presbítero em 14 de novembro de 1897. Nomeado vigário da recém-criada Paróquia do Bom Conselho, do município de Esperança, assim que chegou alugou uma casa onde iria residir com o seu genitor.

Durante o seu paroquiato, muito se esmerou para conservar acesa a fé missionária na sua freguesia, com os poucos recursos que tinha a sua disposição. Apesar dos esforços do vigário, ele nada conseguiu angariar em prol do cangaceiro: “Cumprí meu dever de consciência”, resumiu.

Estes fatos se deram na Vila de Esperança, no estado da Paraíba, entre setembro e outubro de 1909. O registro

foi publicado em diversos jornais, destacando-se esse relato em matéria do jornal O Norte.

Antônio Silvino tentou a reabilitação por três vezes. Preso em 1914, cumpriu pena na Casa de Detenção de Recife. Liberto em 1937, foi residir em Campina Grande, na Paraíba, onde morreu e foi enterrado.

Publicações

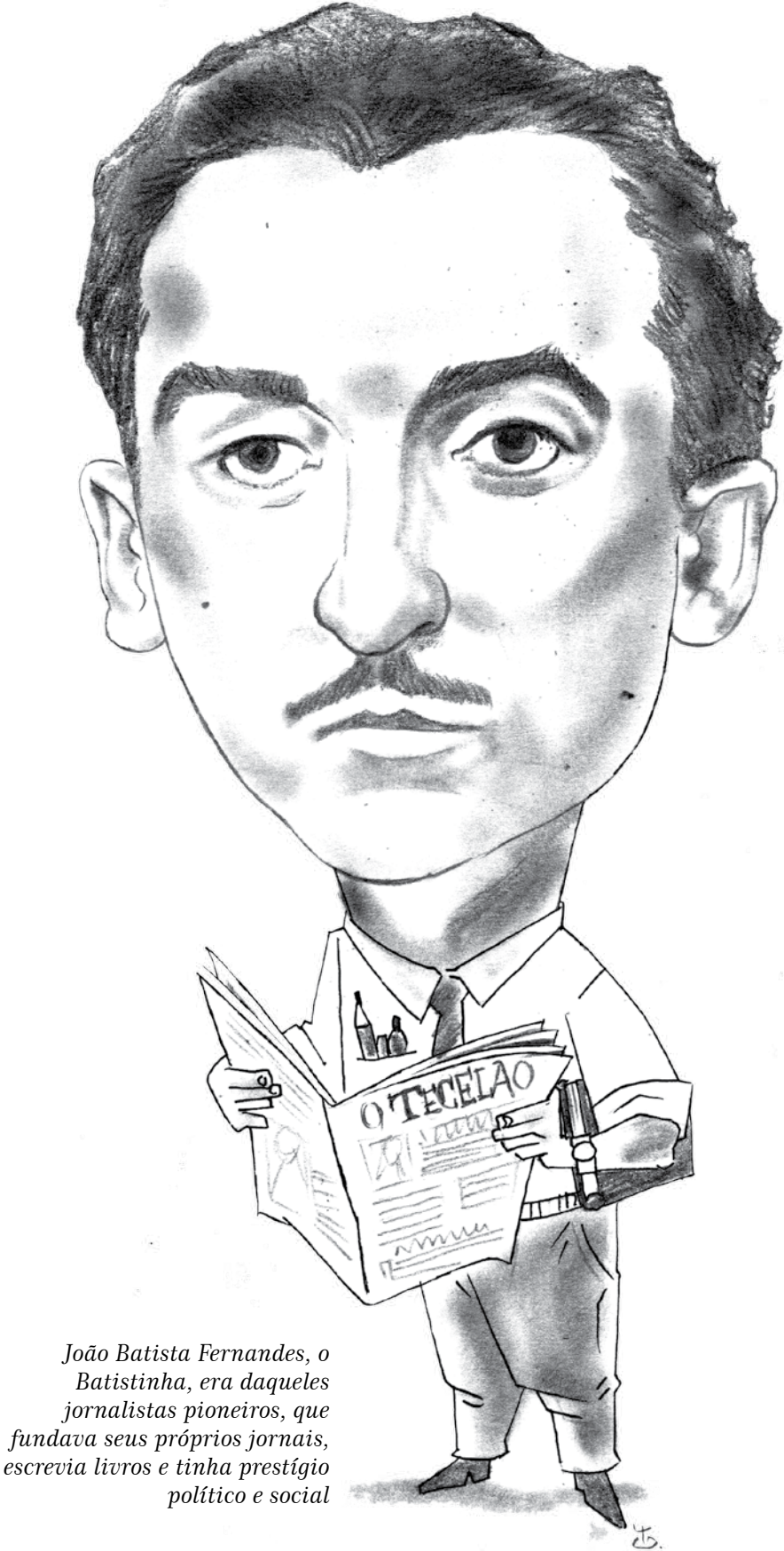
Com diversas publicações em livros, revistas e jornais,

Rau Ferreira é sócio efetivo do Instituto Histórico de Campina Grande (IHCG), do Instituto Histórico e Geográfico de Areia (IHGA) e do Instituto Histórico e Geográfico de Esperança (IHGE); é integrante da Academia de Letras de Campina Grande (ALCG), atual ocupante da Cadeira 35, que tem por patrono Silvino Olavo da Costa; e membro-fundador do Fórum Independente de Cultura (FIC-Esperança).

Batistinha

Jornalista, escritor e sindicalista, lutou pela emancipação de Rio Tinto

Ilustração: Tônio



João Batista Fernandes, o Batistinha, era daqueles jornalistas pioneiros, que fundava seus próprios jornais, escrevia livros e tinha prestígio político e social

Hilton Gouvêa
araujogouvea74@gmail.com

Ele era daqueles jornalistas pioneiros, que fundava seus próprios jornais, escrevia livros e tinha prestígio político e social. Arranjava tudo para os outros, mas pouco conseguia em benefício próprio, ostentando a desculpa de que não gostava de obter retribuições. João Batista Fernandes, o Batistinha, apadrinhou vários casamentos, mas só contraiu matrimônio depois dos 50 anos, ao passar 28 anos noivo com dona Celeste Davi, atualmente centenária.

De acordo com o jornalista Ademilson José, seu contemporâneo Batistinha fundou dois jornais em Rio Tinto, cidade do litoral norte da Paraíba, que o acolheu, chamados O Tecelão e o Equilíbrio, ambos sem o teor dos jornais de cunho panfletário e sindicalista da época. “Ele não se dava bem com os líderes da Liga Camponesa, aí incluídos Julião, Elizabeth Teixeira e Plínio Lemos; e não permitia que divulgassem suas ‘notas pró-comunistas’ em seus jornais”, afirma Ademilson.

Presidente do Sindicato dos Operários da Fábrica de Tecidos Rio Tinto, Batistinha era muito agradecido a Frederico João Lundgren, presidente do então maior império têxtil da América do Sul. Ele conseguiu com o deputado federal Abelardo Jurema, mais tarde ministro da Justiça na gestão de João Goulart, o primeiro posto do Samdu para Rio Tinto, ali se tornando, além de sindicalista e jornalista, também dono de farmácia e de uma pequena moenda de café. Mas era mesmo aclamado durante a noite, quando a fina flor da intelectualidade local se reunia no Bar Toca do Guerreiro, de sua propriedade, para discutir sobre arte, política e poesia.

Com Clayton Tejo, capitalismo e comunismo viviam juntos

Capitalista sem arrogância, conseguia, em pleno auge da guerra fria, conviver com um comunista da esquerda radical, Clayton, irmão do jornalista Orlando Tejo. Suas contendas verbais, ilustradas de vociferações, não impediam que os dois se abraçassem e terminassem a longa conversa de cada noite, com uma cordial despedida na calçada do Hotel Aurora, em João Pessoa. Essa dupla discutia os prós e os contras do regime bolchevista recém-instalado na Rússia. Os que não os conhecia, pensavam que estavam brigando.

Ademilson José garante que Batistinha não ostentava nenhum diploma universitário, mas concedeu razoável legado a Rio Tinto. “A história da cidade, os meandros da fábrica e a informação que passava aos oito mil operários da indústria em seus jornais são exemplos dessa sua contribuição cultural”. Ademilson repete: “Ele era sociável, aberto, entendia de tudo e, mesmo sendo amigo e admirador de Frederico João Lundgren, além de sindicalista da fábrica, era muito eclético em suas amizades e não agia, apenas, como anticomunista”.

Jornais e livros

Batistinha escreveu quatro livros, todos obtendo razoável aceitação. Em ‘Rio Tinto o Extinto’, ele contou um caso mórbido, talvez a primeira ocorrência de catalepsia registrada na Paraíba. Lembrou que uma mulher todos os dias procurava “seu” Ernest Schultz – um austríaco ex-oficial do Keiser durante a Primeira Guerra Mundial, colocado na fábrica como diretor financeiro, em 1918 –, e se queixava de que o seu marido defunto lhe aparecia todas as noites, comunicando que fora enterrado vivo.

A mulher tanto insistiu que Schultz mandou exumar o cadáver. Para espanto geral de uma pequena plateia aglomerada no cemitério, o defunto estava emborcado dentro do caixão. Schultz mandou demitir o médico que assinou aleatoriamente o atestado de óbito. A posição do corpo dava a entender que ele lutara muito para se livrar do ataúde, inclusive arranhando o rosto com as unhas.

Segundo o livro de Batistinha, Schultz era neurótico de guerra, solteirão e gostava muito de crianças. Sua cor morena diferenciava muito da dos operários alemães da fábrica. O povo de Rio Tinto estranhava isso.

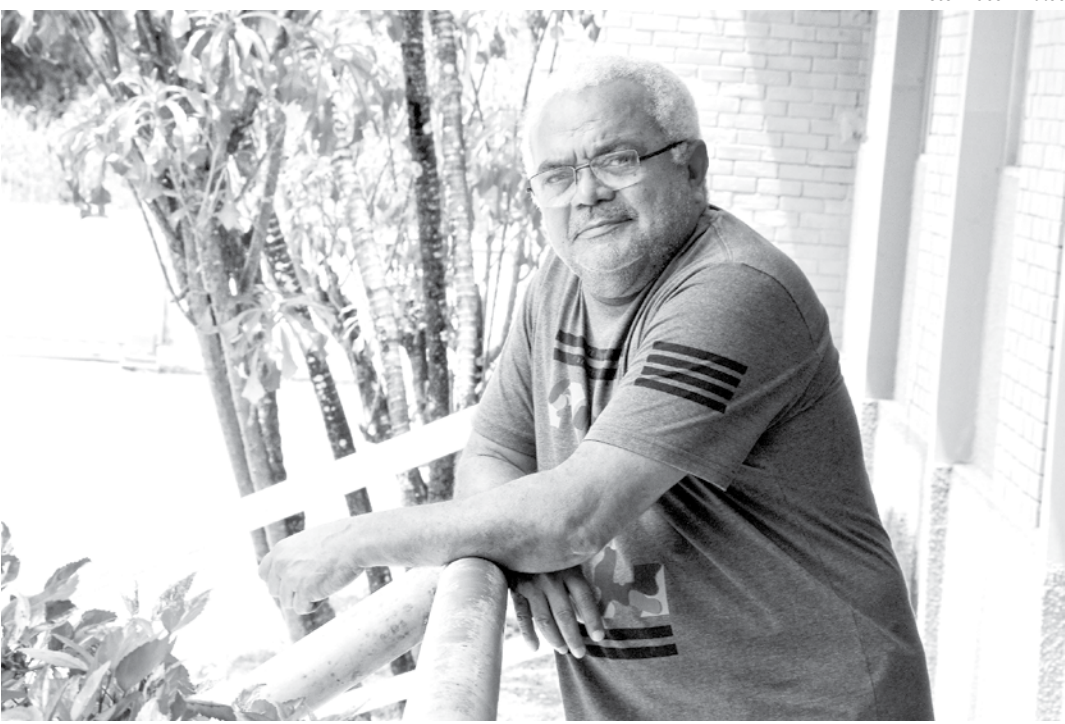


Foto: Edson Matos

O jornalista Ademilson José diz que Batistinha não se dava bem com os líderes da Liga Camponesa e não permitia divulgação de “notas pró-comunistas” em seus jornais

brica. O povo de Rio Tinto estranhava isso. Schultz suicidou-se em Recife. Confundido com alemães, era perseguido pelas ruas e, talvez, isso tenha agravado seus neurônios.

Outros livros escritos por Batistinha foram ‘Rio Tinto O Falso’ e ‘O Pai do Vento’. Nesse último, ele dirige respostas energéticas ao escritor, jornalista e historiador José Octávio de Arruda Mello por ter lhe chamado, em um de seus artigos, de “serviçal dos Lundgren”. Batistinha e Octávio nunca se reconciliaram. “Batistinha jamais foi serviçal dos Lundgren. Ele era um funcionário dedicado da fábrica e tudo que procurava fazer beirava a perfeição”, opina Ademilson José. “Convém frisar que no interior da fábrica havia ope-

rários prós e contra os Lundgren. Batistinha pertencia ao primeiro grupo, mas nunca firmou rivalidades com os contrários”.

Na década de 1950, Batistinha se elegeu vereador pelo município de Mamanguape. Tinha o apoio do deputado Ademar Ferreira, genro de Arthur Lundgren. Batistinha fez a propositura para a emancipação política de Rio Tinto, então Distrito de Mamanguape, e Ademar Ferreira levou-a para a Assembleia Legislativa, obtendo maciça aprovação. Rio Tinto se tornou politicamente independente em 6 de dezembro de 1956.

Discurso inflamado

O jornalista, escritor, sindicalista e poli-

Tocando em Frente



Professor Francelino Soares
francelino-soares@bol.com.br

O som que vem da Bahia – A saga Caymmi continua

Embora não sejam baianos, não há como os dissociar das terras de Salvador, diante dos vínculos familiares que o sobrenome Caymmi imprime aos seus nomes.

A matriarca da família, Adelaide Tostes, que se profissionalizou como cantora com o nome pelo qual ficou conhecida – Stella Maris – sugerido pelo apresentador César de Alencar, era mineira da pequena Pequeri, em Minas Gerais (hoje com menos de cinco mil habitantes). A criação da cidade, localizada na Zona da Mata mineira, teve como seus primeiros habitantes imigrantes italianos, de que fazia parte um ancestral dela, o major Marcelino Dias Tostes, ex-combatente da Guerra do Paraguai. Foi a única esposa de Dorival Caymmi, com quem viveu de 1940 a 2008, ano de falecimento de ambos.

Não foi somente de sangue que a prole trouxe os resquícios e vivenciou hábitos e costumes baianos; também na música aconteceu a influência do pai com a referência a temas soteropolitanos.

Foram três os filhos do casal, todos nascidos no Rio de Janeiro onde o pai sempre viveu, desde a ida para terras fluminenses, no ano de 1937. Do enlace, nasceram Nana (Dinahir, 1941), Dorival (Dori, 1943) e Danilo (1948).

Por razões quase óbvias, os três dedicaram-se à música, atingindo praticamente o sucesso alcançado pelo pai, ressalvada a iminência temporal de Dorival Caymmi, um dos “fundadores” de nossa MPB, como a temos hoje, inclusive, como uma das mais importantes da Bossa-Nova.

Nana (Dinahir Tostes) Caymmi, cantora e compositora, ainda bem jovem viveu por uns



Foto: Reprodução

tempos em Caracas (de 1961 a 1965), casada que foi com o médico venezuelano Gilberto José Aponte Paoli, de quem se separou, seguindo ela, por falta de adaptação e “outras coisitas más”. Com ele, teve seus três filhos: Stella Teresa, Denise Maria, nascidas na Venezuela e, ainda, João Gilberto Caymmi Paoli, este nascido após o regresso dela ao Brasil. A este propósito, duas curiosidades: a primeira, o pai de Nana, em princípio, não concordava com o fato de ela seguir a carreira musical, pois ainda cultivava a ideia de que a mulher deveria ser apenas “dona de casa”; a segunda, que gerou uma certa desarmonia entre os dois, foi a separação dela, acredita-se pelo fato de ele próprio, Dorival Caymmi, haver sofrido o drama da separação dos próprios genitores.

A vida sentimental dela sempre foi meio instável: após o fracassado matrimônio com o médico venezuelano, relacionou-se com Gilberto Gil (de 1967 a 1968), relação amistosamente desfeita por ocasião do exílio dele

na Inglaterra, sob a alegação de que os três filhos dela não permitiriam tão brusca mudança de rumo existencial; o terceiro relacionamento (de 1979 a 1984) de Nana foi com o músico Cláudio Nucci, cantor, compositor e produtor musical, da formação original (1978) do conjunto Boca Livre.

A primeira gravação dela ocorreu ancorada no pai, em 1960, com participação na faixa ‘Acalanto’, do álbum ‘Caymmi’ (Odeon), canção de ninar criada por ele para a filha. Logo, ela assinou contrato com a TV Tupi/Rio. O primeiro álbum ‘Nana’ veio em 1963, pela incipiente gravadora Elenco, com os sofisticados arranjos do já então consagrado Oscar Castro-Neves, a que se segue LP ‘Caymmi visita Tom e leva seus filhos Nana, Dori e Danilo’, de 1964, também para o selo ‘Elenco’, álbum cuja música de abertura é a emblemática ‘Das Rosas’. Em 1966, ela venceu a fase nacional do I Festival Internacional da Música Popular Brasileira, da TV Record. Tida e havida como uma das maiores intérpretes da moderna MPB, ao lado de outras, como Elis Regina, pode-se afirmar constarem do seu seletto e cuidado repertório músicas um tanto quanto “sofisticadas”, dirigidas, portanto, a um público seletto, canções que não se tornaram tão populares por aqui, como o correu no mercado fonográfico na América Latina, por exemplo, na Argentina onde ela integrou o cast da gravadora Trova.

Apresentou-se sempre com sucesso em praças do mercado musical de Nova Iorque, Los Angeles, Paris, Madrid e Lisboa, e no Festival Internacional de Jazz de Montreux, em 1989, aonde voltou, em 1991, com o pai e os irmãos Dori e Danilo, cuja apresentação foi registrada no álbum ‘Família Caymmi em Montreux’.

Em 1996, numa espécie de “retorno” às origens familiares, apresentou-se com a família em histórica noite no Teatro Castro Alves.

A participação dela em trilhas sonoras de novelas e minisséries diz bem do reconhecimento ao seu trabalho fonográfico. Senão, vejamos: ‘Pecado Capital’ (1976), ‘Sinal de Alerta’(1978), ‘Brilhante’ (1981), ‘Champagne’ (1983), as minisséries ‘Tenda dos Milagres’ (1985) e ‘Hilda Furacão’ (1998).

Em 1999, foi consagrada com o primeiro Disco de Ouro, e o seu LP/CD de 2019 ‘Nana Caymmi canta Tito Madi’ foi indicado ao Grammy Latino de melhor álbum da MPB.

Em 1978, foram ela e Ivan Lins que inauguraram o Projeto Pixinguinha, evento musical em que voltou a se apresentar pelo Brasil, em 1980, juntamente com o conjunto Boca Livre, na época do seu relacionamento com Cláudio Nucci.

Sobre ela, o crítico musical Tárk de Souza afirmou: “Nana é a Nina Simone brasileira”; enquanto Caetano Veloso, falando sobre a interpretação dela para a música ‘Medo de Amar’(Vinicius de Moraes), disse considerá-la a “maior expressão da Música Popular Brasileira”.

Durante a pandemia da covid-19, Nana recolheu-se com o filho, dependente dela, na casa que recebeu de herança da mãe, em Pequeri-MG, onde, segundo ela, curte merecidos descanso e tranquilidade.

Angélica Lúcio

angelicallucio@gmail.com

A lógica do tempo real não dá espaço para reflexão

Prática da cobertura em Tempo Real (TR) está cada vez mais comum nas redações, levando ao público informações instantâneas. Como Sylvia Moretzsohn (2002) aponta no livro ‘Jornalismo em tempo real’ (Editora Revan), há diferenças de ritmo de um veículo para outro, mas é perceptível que a “lógica” do tempo real afeta a prática do jornalismo, radicalizando a “corrida contra o tempo” que sempre marcou a profissão.

Em seu livro, Sylvia Moretzsohn mostra que a cobertura em tempo real guarda semelhanças com o ritmo frenético das antigas agências de telex, que enviavam notas de várias partes do mundo para os jornais. Mas há uma diferença: se antes o jornal reunia todo o material recebido via telex para depois processar a informação para os leitores, agora a relação é diretamente com o público. A comparação com as antigas agências de telex foi feita por Moretzsohn, à época, em relação a serviços noticiosos on-line como o Investnews, da Gazeta Mercantil.

Para a pesquisadora Taís Seibt, o Tempo Real explora o potencial das tecnologias dos meios digitais e sua capacidade de integrar, por exemplo, redes sociais ao seu redor, pelo menos momentaneamente. Tudo



Foto: Pixabay

isso, ela explica, está relacionado à emergência da internet sobre as redações e sobre os leitores.

“Pode-se considerar que a apropriação jornalística dessas ferramentas (digitais) facilita o trabalho do repórter, que não precisa necessariamente estar na Redação,

diante de um computador, para redigir sua matéria. Da mesma forma que o leitor não precisa ir até a banca de jornal para ter acesso à reportagem”, pontua Seibt na dissertação de mestrado ‘A experiência do jornal Zero Hora no processo de convergência jornalística’.



Prato do dia

Risoto à La Piemontese

Ingredientes:

- 2 tabletes de caldo de legumes
- 4 colheres (sopa) de manteiga
- 150g de presunto em cubos pequenos
- 1 cebola picada
- 1 xícara e meia (chá) de arroz arbóreo
- 1 xícara (chá) de vinho branco seco
- 1 xícara (chá) de champignons fatiados
- 1 lata de creme de leite
- Meia xícara (chá) de queijo parmesão ralado

Modo de preparo:

■ Em uma panela, ferva um um litro de água e dissolva os tabletes de caldo de legumes. Quando ferver, mantenha em fogo baixo com a panela tampada. Em uma panela média, derreta a manteiga e refogue ligeiramente o presunto e a cebola. Adicione o arroz arbóreo e o vinho branco. Mexa cuidadosamente até que o vinho tenha sido absorvido. Junte aos poucos o caldo fervente até que o arroz esteja al dente. Coloque os champignons, o creme de leite e metade do queijo parmeasão. Retire do fogo e sirva a seguir, polvilhado com o restante do queijo.



Foto: Divulgação

Walter Ulysses

Vivendo “dentro” do prato

Caracterizada como uma comida capaz de aflorar as experiências pessoais, diferentes culturas e o sentimento de carinho desde o preparo até o empratamento é o que podemos denominar de comfort food, e isso fez com que vários restaurantes se tornassem adeptos dessa modalidade.

O arroz ou qualquer outro prato da minha mãe é o melhor do mundo pra mim. Sempre que eu como, eu lembro da minha família em várias situações: viagens na praia, o Natal com os entes queridos e amigos secretos, com a família toda. E tudo isso vem com apenas uma colher de arroz ou outro alimento qualquer.

É esse o objetivo do novo conceito comfort food, o de levar as pessoas para memórias e momentos bons através da afetividade. A experiência de uma ida ao restaurante, por exemplo, fica muito maior do que apenas um almoço ou jantar. Esse tema, com certeza, será o meu próximo livro.

Atrelar a nostalgia na experiência alimentar que vai muito além da receita e não se restringe apenas a uma pessoa ou a um núcleo familiar. A prática do conceito comfort food também evoca culturas inteiras e gastronomia de várias espécies, mesmo que seja trazendo apenas um elemento daquela gastronomia para uma receita do dia a dia ou incorporando hábitos e costumes na mesa.

A relação do italiano com a comida, por exemplo, é diferente da nossa. Eles vivem para comer e a gente come para viver. A refeição é o principal momento do dia para eles. É um momento espiritual. Eu senti muito essa quebra quando voltei para o Brasil. Lembrando que a culinária italiana evoluiu através dos séculos, ao longo das mais variadas alterações sociais e políticas; suas raízes podem ser traçadas até o século quatro a.C.

Nesse sentido, o ato de comer não deve ser entendido apenas como degustar os sabores. É importante criar uma experiência sinestésica, trabalhando os cinco sentidos para transportar as pessoas para suas próprias memórias. E trazer a memória afetiva à mesa do dia a dia.

QUENTINHAS

Fui conhecer o novo menu executivo do Nui Café Bistrô, com direi-to a entrada, prato principal e sobre-mesa, com um valor super atrativo de R\$ 64,90, e eles atendem das 12h até as 20h, de segunda a sexta-feira. Vale muito a pena conhecer, pois a comida estava uma delícia. Vou dar um pe-queno spoiler para dar água na boca.



Fotos: Divulgação

Tempero a gosto

Quais são as vantagens de ter um bom relacionamento com a concorrência? Quando duas pessoas têm alguma coisa em comum, isso pode ser o início de uma amizade. Seja porque escolheram o mesmo curso na faculdade, são verdadeiros amantes do futebol, são vizinhos de infância ou também porque trabalham na mesma área.

Não dá para negar que dois dentistas, mesmo que concorrentes, têm muita coisa para conversar: de discussões técnicas sobre clareamento dental à nova marca de luva cirúrgica. E por que será que dois comerciantes ou duas empresas do mesmo ramo também não podem ter esse tipo de amizade?

Talvez soe estranho dizer que você pode, sim, ser amigo do seu concorrente, mas a verdade é que, desde que não seja cartel (que é crime e não tem nada a ver com a amizade que estamos falando), esse relacionamento traz benefícios tanto para a empresa quanto aos clientes.



Foto: Pixabay

Comfort food leva pessoas a memórias e momentos bons

Walter Ulysses - Chef formado no Curso de Gastronomia no antigo Lymaldo Cavalcante (João Pessoa) e tem Especialização na Le Scuole di Cucinadi Madrid. Já atuou em restaurantes de diversos países do mundo, a exemplo da Espanha, Itália, Portugal e Holanda. Foi apresentador de programas gastronômicos em emissoras de tvé e rádio locais, e hoje atua como chef executivo de cozinha na parte de consultorias.